

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação
Mestrado em Educação



Dissertação de Mestrado

CACIQUES DE UMBANDA EM PELOTAS:
Narrativas, Histórias e Outras Pedagogias

Hélcio Fernandes Barbosa Junior

Pelotas, 2015.

Hélcio Fernandes Barbosa Junior

CACIQUES DE UMBANDA EM PELOTAS: Narrativas, Histórias e Outras
Pedagogias

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Educação da
Universidade Federal de Pelotas, como
requisito parcial à obtenção do título de
Mestre em Educação.

Orientadora: Dra. Denise Marcos Bussolleti

Pelotas, 2015.

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

B283c BarbosaJúnior, Hécio Fernandes

Caciques de umbanda em Pelotas : narrativas, histórias e outras pedagogias / Hécio Fernandes BarbosaJúnior ; Denise Marcos Bussoletti, orientadora. — Pelotas, 2015.

101 f.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2015.

1. Narrativas da umbanda. 2. Educação. 3. Resistência. 4. Outras pedagogias. I. Bussoletti, Denise Marcos, orient. II. Título.

CDD : 370

Hélcio Fernandes Barbosa Júnior

CACIQUES DE UMBANDA EM PELOTAS: Narrativas, Histórias e Outras
Pedagogias

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 06/02/2015.

Banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a Denise Marcos Bussoletti (Orientadora)
Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Prof.^a Dr.^a Madalena Klein
Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Thiago Silva de Amorim Jesus
Doutor em Ciências da Linguagem pela Universidade do Sul de Santa Catarina

Agradecimentos

Aos Caciques de Umbanda envolvidos nessa pesquisa e todos os Outros com os quais convivo que auxiliam, instigam e me encorajam no caminho e descoberta da nossa Sagrada Umbanda.

À minha orientadora Denise Marcos Bussolleti, que desde sempre acreditou e incentivou meu início nesta trajetória de pesquisador, com seu olhar atento, gentil e afetuoso. É ela quem faz surgir borboletas em meu coração e em minha cabeça todo o tempo.

À minha avó Chirlei, com quem aprendo diariamente dois ofícios que compreendo serem os mais difíceis da vida: ser forte e ser humano.

Às minhas três tias, Glades, Cláudia e Gláucia, que aturam todas as minhas variações de humor, me incentivam e me trazem ao mundo real todas as vezes que necessário.

Aos professores Thiago Amorim e Madalena Klein pelos olhares e colaborações na qualificação do projeto desta dissertação.

Ao NALS – Núcleo de Arte Linguagem e Subjetividade, onde aprendo o sentido da palavra “comunhão”, no sentido de comungar, fazer junto ao Outro.

Aos meus colegas do grupo de pesquisa, Leandro, Angelita, Vagner, Krischna, Cleber (Sadoll) e Junelise (June) que me ensinam e auxiliam sempre com suas palavras, sorrisos e abraços.

À Cia de Teatro Caboclos da Cidade: Francine, Juliane e Roberta, sempre atentas, amigas e fiéis nas andanças da Arte e do Saber. A elas, meu amor e meu suor.

A todos os amigos, familiares e Outros Sujeitos, de perto ou de longe, que sempre confiaram nas intenções dessa pesquisa.

***“O que, pois, se processou com os pássaros – ou comigo?”
(Walter Benjamin)***

***“Só devassamos o mistério na medida em que o encontramos no cotidiano”
(Walter Benjamin)***

Resumo

BARBOSA JÚNIOR, Hécio Fernandes. **CACIQUES DE UMBANDA EM PELOTAS: Narrativas, Histórias e Outras Pedagogias**. 2015. 101f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas/RS, 2015.

Esta pesquisa trata da análise dos processos educativos dentro dos terreiros de Umbanda na cidade de Pelotas/RS, através da figura de seus Caciques. O objetivo central é indagar acerca dos conhecimentos transmitidos através da oralidade e da experiência dos sujeitos envolvidos. Como metodologia foi utilizada a entrevista narrativa (EN), de Sandra Jovchelovitch, adaptada aos interesses da pesquisa. Nesta perspectiva são apresentadas as narrativas de dois caciques e a análise dos dados foi realizada através da relação entre as narrativas dos entrevistados e autores que subsidiam as reflexões contidas nesse trabalho, entre eles: Walter Benjamin (2012), Miguel Arroyo (2014) e Boaventura de Sousa Santos (2010). Os resultados encontrados nos permitem corroborar a conceituação proposta por Arroyo (2014), configurando as narrativas dos Caciques de Umbanda enquanto Outros Sujeitos oriundos de Outras Pedagogias.

Palavras-chave: Narrativas da Umbanda; Educação; Resistência; Outras Pedagogias.

Abstract

BARBOSA JÚNIOR, Hécio Fernandes. **CACIQUES OF UMBANDA FROM PELOTAS: Narratives, Histories and Other Pedagogies**. 2015. 101f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas/RS, 2015.

This research treats the educational processes analysis within of Umbanda territories in the Pelotas/RS city, through the figure of its Caciques. The main objective is to inquire about the knowledge, transmitted through oral tradition and experience of those involved. The methodology used was the narrative interview (EN), of Sandra Jovchelovitch, adapted to the interests of the research. In this perspective, it presents the narratives of two caciques and the data analysis was made using the relationship between the narratives of the interviewees and authors that subsidize the reflections contained in this work, as: Walter Benjamin (2012), Miguel Arroyo (2014) and Boaventura de Sousa Santos (2010). The findings results allow us to support the concept proposed by Arroyo (2014) that allow us to configure the narratives of the Caciques of Umbanda as Other Subjects from Other Pedagogies.

Keywords: Narratives of Umbanda; Education; Resistance; Other Pedagogies.

Lista de Figuras

Figura 1 e 2 - Imagens de Oxalá representado como Orixá (esquerda) e como Jesus Cristo (direita).....	24
Figura 3 - Censo demográfico IBGE 2000 – 2010.....	29
Figura 4 - Reportagem - Cem Anos de Umbanda.....	31
Figura 5 - Manifesto a favor da realização da Festa de Iemanjá realizada pelos umbandistas em Pelotas.....	32
Figura 6 - Cacique de Umbanda construindo guias no momento da entrevista.....	51
Figura 7 - Inauguração do centro C. E. U. Reino de Ogum e Cacique Pena Dourada.....	67

Sumário

Pré-texto – Caminhos do (não)saber.....	10
1 Muita coisa a gente pensa que não sabe.....	15
2 O cenário: a Umbanda e sua história.....	20
3 O som que ecoa nos tambores da Umbanda.....	37
4 A arte de construir guias: o caminho da narrativa.....	46
5 Narrativas de Caciques de Umbanda.....	55
5.1 Depois do interesse, do aprendizado, nasce a amizade - do que me disse um Filho de Ogum.....	55
5.2 Pai Benedito das Almas, quem dá a doutrina é ele, quem ensina é ele – Uma Filha de Oxum vira seu espelho e me mostra o caminho de volta para casa.....	68
6 UMBANDA – Outros Sujeitos ... Outras Pedagogias.....	80
7 O movimento das gaivotas – Considerações Finais.....	90
Referências.....	94
Apêndice.....	98



Pré-texto – Caminhos do (não)saber

Meu contato com a Umbanda começou ainda quando criança, pois a prática desse ritual religioso é comum em minha família desde muito tempo, através de duas irmãs de meu avô que eram Caciques¹, tia Elza e tia Enir. Minha avó conta que foi ela quem conduziu as cunhadas aos terreiros, pois ainda muito pequena dizia sofrer de uns desmaios sem motivo algum e cuja causa era de total desconhecimento médico.

Quando ouvia minha avó contar essas histórias sempre me interessava conhecer os mistérios daquela prática e foi assim que, com quinze anos, resolvi entrar para um terreiro de Umbanda. Ouvia a transmissão daqueles conhecimentos com muita atenção, ainda muito pequeno, mesmo sabendo que os adultos não se direcionavam a mim enquanto falavam. Pensava em aprender desde o motivo pelo qual acendiam as velas na entrada do terreiro, passando pelos nomes dos “santinhos” representados nas imagens – era assim que me referia às representações em gesso das entidades que fazem parte da Umbanda localizadas no congá –, até as histórias das entidades e Orixás que ali eram mencionadas no dia-a-dia por aqueles que frequentavam os lugares onde a Umbanda era praticada, ou seja, nos terreiros e casas de alguns familiares.

Ainda hoje lembro minha tia Enir sentada na soleira da sua casa contando sobre o terreiro, como fazer para praticar o ritual, quem eram as entidades, etc. Esses momentos marcantes em minha adolescência, entre outros, possibilitaram que hoje eu viesse a desejar adentrar mais profundamente neste universo e a buscar compreender este contexto pela prática da transmissão oral, como uma forma de conhecimento, aprendizagem e de perpetuação de uma tradição.

¹ Chamam-se Caciques de Umbanda pessoas que assumem, de forma definitiva ou temporária, a responsabilidade pelo ritual nos dias de sessões. Também lhes é atribuída funções no desenvolvimento do ritual umbandista e tudo aquilo que se processa dentro dele, seja de caráter humano e/ou espiritual.

Quando tinha quinze anos fui batizado no terreiro do “Pai Joaquim de Angola”. Há dezessete anos frequento este Centro como participante da corrente, nos dias de gira² e atendimento³.

Há três anos me interessei em pesquisar academicamente a Umbanda relacionando esses conhecimentos prévios ao meu trabalho, seja ele como artista ou educador, pois acredito ser este o movimento necessário para fazer a arte e a educação tornarem-se mais próximas, trazendo a cultura popular ao reconhecimento e outros centros de discussão.

Quando aluno do Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Pelotas tive a primeira oportunidade de experienciar, através de uma disciplina de formação livre no primeiro semestre de 2011 – Arquétipos e Mitos –, a transposição cultural religiosa para uma obra artística. A ideia da disciplina era trabalhar algum arquétipo ligado à mitologia. Escolhi então o de Oxumaré⁴. Após essa experiência⁵ minhas percepções artísticas aumentaram muito, reverberando em um trabalho de maior atenção a mim e ao meu corpo em cena.

Em meu trabalho de conclusão de curso (TCC) entregue em 2012, desenvolvi uma pesquisa cuja proposta era uma aproximação das vivências em um projeto de pesquisa chamado “Espectros do Corpo-Voz”, orientado pela professora Moira Stein, utilizando o arquétipo⁶ do Guerreiro desenvolvido nos trabalhos de voz-terapia de

² Giras são também chamados os rituais de Umbanda onde, na presença de entidades incorporadas, as pessoas desenvolvem a sua mediunidade. Quando da realização dos rituais, o ato de girar – comum na Umbanda – auxilia o médium a incorporar a sua entidade, tanto quanto a novos médiuns em seu desenvolvimento.

³ Atendimento é quando as entidades atendem aos consulentes que vão aos Centros de Umbanda atrás de conforto e palavras de consolo. É também o momento em que são dados os passes, formas de energização e limpeza espiritual dos que assistem ao ritual e não fazem parte da corrente da casa.

⁴ “Oxumaré representa os ciclos de toda a matéria existente na terra, as transformações referentes ao crescimento, evolução de todos os fenômenos, os ritmos, o fluxo e refluxo da vida e o resultado dessas diferenças. [...] durante seis meses toma a forma de um arco-íris, e durante outros seis toma a forma de uma cobra. Representa a elevação do espírito ao céu e o seu ciclo de voltar a terra através dos movimentos de rotação e translação. Representa as polaridades contrárias, masculino e feminino, dia e noite, bem e mal e etc.” (SCIPIONI, CORREA, 2008, p.126).

⁵ Chamo de experiência as atividades que desenvolvo em minhas práticas teatrais que ampliam a ideia de simples experiência e criam caminhos novos para a percepção e aprendizado corpóreo-vocal. Um aprendizado que principia de uma experiência em ação.

⁶ Em psicologia Junguiana, o arquétipo é um conjunto de disposições adquiridas e universais do imaginário humano. Os arquétipos estão contidos no inconsciente coletivo e se manifestam na consciência dos indivíduos e dos povos por meio dos sonhos, da imaginação e dos símbolos. A crítica literária (FRYE, 1957) apossou-se desta noção para desvendar, para além das produções poéticas, uma rede de mitos que tem origem numa visão coletiva. Ela busca o rastro de imagens recorrentes reveladoras da experiência e da criação humanas (a falta, o pecado, a morte, o desejo do poder etc.) (PAVIS, 2008, p.24).

Sônia Prazeres⁷ com alguns elementos encontrados na Umbanda, em específico o arquétipo do Caboclo – entidades que se apresentam como índios nas sessões realizadas nos terreiros.

A corporeidade de ambos foi o fio condutor do trabalho em uma perspectiva de pensar a prática do ator em situação de representação. Utilizei como fonte de pesquisa, para essa experiência, a voz aliada às ações corporais. Nesse trabalho, analisei associações feitas entre o teatro e a prática ritual por vários autores teatrais, como Antonin Artaud, Jerzy Grotowski e Peter Brook⁸. O objetivo principal dessa pesquisa foi correlacionar práticas teatrais de corpo-voz com elementos da tradição cultural brasileira, no caso a Umbanda, traçando assim novas possibilidades de pesquisa para o ator contemporâneo.

Posteriormente, participando do programa “Fronteiras da Diversidade” sob a coordenação da professora Denise Bussoletti em 2012, tive a oportunidade de pensar a Umbanda de maneira mais “acadêmica” e trazê-la para a discussão dentro do campo da educação. Especificamente em um evento sobre diversidade religiosa deste programa, houve a possibilidade de ouvir um palestrante Umbandista, o que serviu, inclusive, para amadurecer minhas percepções da Umbanda e sanar algumas dúvidas, instigando ainda mais minha curiosidade sobre o tema.

Acredito que o espaço acadêmico possa e deva se instituir como lugar não dogmático e de verdades absolutas, mas sim respeitoso e propício para a discussão de diferentes formas de conhecimento e cultura.

Metaforicamente relacionando, considero a pesquisa que será revelada pelas próximas páginas como um barco que direciona minha vida neste momento, como artista e como educador.

Pretendo assim, através das narrativas da Umbanda selecionadas, (re)encontrar uma pedagogia que se faz presente na vida de muitas pessoas e inclusive na minha.

Para que minhas inquietações fossem pelo menos amenizadas, busquei junto a alguns Caciques de Umbanda da cidade de Pelotas suas vivências e suas histórias. Sintetizei como questão principal de pesquisa a seguinte indagação: quais

⁷ Sônia Prazeres desenvolve uma abordagem particular da voz-terapia, desenvolvida por Alfred Wolfsohn, e uma pesquisa entre a música e a religião de diferentes povos.

⁸ Ambos teatrólogos e pedagogos teatrais, que buscam através de um trabalho de corporeidade do ator um melhor desenvolvimento das ações expressivas e pré-expressivas, ou seja, preocupam-se com o trabalho durante a cena e o que a precede.

são as histórias que nos contam os Caciques da Umbanda? Averiguando as possibilidades de relação de suas narrativas como expressões de Outras Pedagogias (sobre o conceito de Outras Pedagogias tratarei posteriormente).

Nesta perspectiva, o principal objetivo desta pesquisa é problematizar, através das narrativas dos sujeitos envolvidos, as possíveis formas de transmissão de conhecimentos dentro dos terreiros, como expressões de resistência aos poderes e saberes hegemonicamente instituídos através da cultura.

Ao longo deste texto tentarei explorar a convicção da possibilidade da Umbanda ser entendida como um forte agente de formação cultural no Brasil, especificamente no sul do Brasil – território onde esta pesquisa se realiza –, contribuindo na constituição de traços identitários fundamentais aos quais a educação necessita atentar, na perspectiva de trazer para o campo educativo uma série de elementos por muito tempo ignorados, tais como: o sagrado, o religioso, o corpo, o sentimento e a sensibilidade humana.

Acredito que, se por um lado muitos se constroem enquanto sujeitos do conhecimento dentro dos terreiros, em contrapartida muitos outros desconhecem quanta sabedoria ou quanta riqueza de saberes existe dentro desses locais.

Poder contar essas histórias, revelar a riqueza da tradição oral e compartilhar elementos do imaginário dos seus praticantes, torna-se, assim, algo como uma tentativa de aplicação daquilo que McLaren (1991, p.28) refere-se como sendo “vestir o acadêmico em cores múltiplas, vivificá-lo e fortalecê-lo”. Com outros sujeitos, mas pelos mesmos caminhos de pesquisa, McLaren me impele na perspectiva de seguir tentando compreender o que parece completamente “o óbvio” – o que frequentemente é uma tarefa muito mais complexa do que compreender o que é o obscuro. Transitarei assim por caminhos óbvios e obscuros.

Compreendo que, muito mais que uma filosofia espiritual, a Umbanda possui um caráter também educativo, atuando na perspectiva da diminuição das diferenças entre os seres humanos.

Acredito que se a função do professor, e em específico a do profissional da área de teatro como é meu caso, é a formação de cidadãos reflexivos sobre o mundo em que vivem e também capazes de produzir transformações, o estudo da Umbanda e suas narrativas dentro da universidade pode ser um elemento colaborativo no direcionamento de uma educação crítica e transformadora, capaz de interrogar, como também disse McLaren (1991, p.363), nossos discursos dando-nos

um sentido de esperança. Uma esperança, também crítica e aberta à “práxis da possibilidade”.

Saliento que este texto será escrito em sua maior parte em primeira pessoa, e que em alguns momentos em segunda e terceira pessoas, conforme a necessidade de mostrar os Outros sujeitos que compõe este movimento de escrita e se estabelecem como possíveis Outros narradores.

Nesta perspectiva, o primeiro capítulo do trabalho foi intitulado “Muita coisa a gente pensa que não sabe”. No título uma singela homenagem a uma das minhas grandes narradoras da Umbanda, minha avó, que desde sempre conta histórias sobre esta religião e é a grande responsável por trazer essa tradição para a minha família.

Em seguida apresentarei o capítulo nomeado “O cenário: a Umbanda e sua história”, onde descrevo um pouco dos acontecimentos e personagens que compuseram a Umbanda como “religião genuinamente brasileira”.

Posteriormente, trato do tema da Umbanda como fator multicultural de resistência no capítulo “O som que ecoa nos tambores da Umbanda”, relacionando-o com o multiculturalismo crítico.

Logo, relato o caminho metodológico utilizado, capítulo que chamei de “A arte de construir guias: o caminho da narrativa”.

O texto segue com as “Narrativas dos Caciques de Umbanda”, protagonizado pelos Caciques entrevistados na pesquisa, com suas falas e algumas (co)relações que ocorreram durante nossos encontros.

Num próximo movimento textual busco algumas outras relações no sentido das indagações primeiras da pesquisa. Este capítulo se intitula: “Umbanda – Outros sujeitos... Outras Pedagogias...”.

Concluo com as considerações finais onde discorro sobre o aprendizado desta pesquisa, o qual nomeio “O movimento das gaivotas – Considerações Finais”.

Por fim, apresento as “Referências” utilizadas e em um apêndice único o TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido utilizado.

1 Muita coisa a gente pensa que não sabe

“Eu nunca peguei nada na minha vida. Eu e a Lizete só éramos as cambonas da tia Bernarda. Uma baita de uma negrona que, essa sim, era legítima! Hoje não se faz mais terreira como antigamente, eu se fosse tu, rezava mesmo era aí no teu congá. Muita coisa a gente pensa que não sabe”. Essas talvez tenham sido as palavras que eu mais tenha escutado em minhas conversas com ela, quando o assunto era Umbanda⁹.

Dona Chirlei Gertrudes Fernandes Barbosa, minha avó, hoje com 73 anos de idade, fala de uma Umbanda que agora parece distante, mas que perpetua uma fé através das velas que, escondida de todos, acende em seu pequeno congá, para que o mundo espiritual auxilie na vida de todos nós, seus filhos, netos, parentes, bastardos (essa é uma expressão que ela usa muito para definir aqueles por quem tem carinho especial e trata como se fossem filhos) e amigos em geral.

Sua história começa quando, com 16 anos, entra para um terreiro¹⁰ de Umbanda para se “curar” de uns desmaios que sofria desde muito pequena. Minha avó perdeu sua mãe quando tinha seis anos de idade e desde então, era responsável por cuidar da casa, do pai viúvo e dos irmãos menores. Tinha uma tia que faleceu alguns anos antes de sua mãe, “tia Felipa se matou envenenada por causa de um amor, o cara foi embora e ela se matou. Tomou tatuzinho que era um veneno que existia na época”, me contou certa vez.

Ao ir “enrolar” o cabelo com uma amiga em uma cabelereira, diz que quando foi alcançar o mate para uma pessoa, a cuia foi ficando longe e que apenas se lembra de ter acordado algum tempo depois com uma vizinha dizendo “Nossa, essa menina tem dois sofrendores do lado dela: um que se matou e outro que morreu sem um pinga de sangue”.

Além do suicídio de tia Felipa, a mãe de minha avó tinha falecido por causa de um parto difícil de gêmeos. Conta ela que “naquela época tu sabes né, que ficar

⁹ Posteriormente será aprofundado este termo, sendo brevemente contada sua história, significado da palavra e outras informações importantes.

¹⁰ Terreira ou terreiro é o nome dado ao local onde acontecem os rituais de Umbanda. É também uma forma de se referir ao culto. Em vez de dizer vamos à Umbanda diz-se “vamos à terreira”, ou “vamos ao terreiro”.

barriguda não é que nem hoje, antigamente a gente dizia que ficar barriguda era estar com um pé na cova” e morreu de hemorragia. “Eu tinha seis anos e achava linda minha mãe, toda de branco, deitada naquela cama, porque tu sabes né Hécio Júnior, naquela época se velava as pessoas em casa, com aquelas duas criancinhas deitada nos pés. Eu usei naquele dia um vestido todo branco com uma fita preta que amarravam no braço da gente, era o sinal de luto”.

Continua relatando que foi então que lhe indicaram a terreira “Cacique Arranca-Toco”, de Tia Bernarda, onde eram realizados rituais de Umbanda. Conta minha avó que quando ela foi consultar com a entidade que estava incorporada na Cacique, a mesma lhe disse que “se a partir do momento em que ela estivesse dentro do terreiro, ela tivesse mais algum tipo de desmaio, que o Caboclo Arranca-Toco, nunca mais colocaria as patas na terra” e desde então nunca mais ela teve nenhum desmaio.

Começa nesta época sua vida de cambona¹¹ no terreiro, onde com sua amiga de infância, tia Lizete, limpava o congá¹², arrumava o terreiro e alimentava os cavalos marinhos que a Tia Bernarda tinha. Minha avó sempre conta com emoção tudo que acontecia ali dentro. Quando diz que era um “terreiro de verdade”, refere-se ao respeito e às práticas de caridade que faziam constantemente para quem ali frequentava em busca de auxílio, seja ele espiritual ou apenas “uma palavra amiga” de algum Caboclo¹³ ou Preto-Velho¹⁴.

Segundo minha avó, “na Tia Bernarda não tinha enganação, o chão era de areia batida e quando alguém pensava em se fazer que estava incorporado, o seu Arranca-toco pegava a machadinha, ele tinha uma machadinha tão bonita, e jogava nos pés das pessoas, na frente dos pés né guri, não era pra pegar e dizia: fora do meu terreiro. Ai a pessoa se retirava e nunca mais. Hoje em dia tem muita

¹¹ Cambono, cambona ou cambone são pessoas que fazem parte dos cultos de Umbanda auxiliando nos trabalhos dos médiuns. Geralmente não manifestam a incorporação. Auxiliam os médiuns incorporados tomando providências para que tudo ocorra de forma tranquila durante a realização dos rituais.

¹² Lugar dentro do terreiro onde se encontram as imagens das entidades cultuadas na Umbanda. Espécie de “altar” onde os frequentadores da casa “batem a cabeça” – forma de cumprimentar e saudar as entidades ali colocadas.

¹³ Caboclo é uma entidade da Umbanda que, quando incorporado em seus médiuns, assume a identidade de indígenas. Comportam-se fisicamente como os tenazes corpos dos índios, fazem uso do fumo e bebidas, e, em alguns casos, fazem o uso de cocares de penas como forma de melhor caracterizar a entidade.

¹⁴ Pretos-Velhos são entidades da Umbanda que, incorporadas em seus médiuns, assumem a identidade de africanos e negros escravizados no Brasil. Quando incorporados apresentam-se fisicamente com a coluna curvada e andam com passos curtos, resultado da dificuldade de locomoção nas senzalas e da idade avançada dessas entidades quando encarnadas.

enganação, só querem ganhar dinheiro e a Tia Bernarda nunca cobrou nem um centavo, e sempre tinha as coisas, o pessoal dava porque dava certo as coisas pra todo mundo lá”.

Essa passagem acima ela sempre comenta quando falamos de Umbanda e noto nas suas expressões uma tristeza por hoje não ser como antes, uma “Umbanda de verdade” como ela diz. Certa vez, quando perguntei por que ela diz que não acredita mais nos rituais de Umbanda, ela disse que “hoje muita coisa não é legítima” e quando pergunto o que não é legítimo ela não responde. Talvez essa resposta eu nunca tenha. Mas sei que é uma mulher que possui uma grande fé.

Fé que a fez, em 1958, com 17 anos de idade, casar-se com meu avô Elson da Costa Barboza em um terreiro de Umbanda. “Eu e teu avô casamos na Igreja do Porto e no civil, mas depois me casei com ele na Tia Bernarda, com vestido de noiva e tudo”. Imagens que podem ser acompanhadas através da fotografia que ela guarda consigo e que faz parte das primeiras páginas deste texto.

E foi assim, através da história de Dona Chirlei, que se inicia uma tradição de Umbandistas em nossa família e que se perpetua até os dias de hoje. Como conta minha avó “Essa gente aí, as tuas tias (referindo-se às irmãs de meu avô, tias de meu pai), fui tudo eu que levei pra terreira. Todo mundo se formou e eu fiquei aqui, nunca peguei nada”. Ela sempre diz que “nunca pegou nada” referindo-se a nunca ter desenvolvido a mediunidade de incorporação¹⁵, uma vez que não recebia espíritos para a prática do passe e da caridade com prática comum entre os umbandistas.

As correntes de Umbanda são lugares onde, dispostos em círculo, os participantes realizam, além dos passes, rituais de gira que servem para o desenvolvimento dos médiuns. Minha avó comenta que girou a vida inteira e que só ficava tonta, nunca incorporou nada, “nunca peguei nem resfriado lá”, diz ela em tom de risadas.

Essa história de minha avó com a Umbanda parece meio engraçada quando contada assim, o papel parece não conseguir expressar o que ela em movimentos conta com tanto entusiasmo em horas de longas conversas que se deram durante praticamente minha vida toda.

¹⁵ Incorporação é a faculdade do médium de receber, sob forma energizada, as entidades da Umbanda. Quando sob posse do espírito que se faz presente no terreiro de Umbanda, diz-se que o médium está incorporado.

Eu moro com minha avó, havia me esquecido de dizer. Toda vez que estamos sozinhos ou quando comentava que ia a algum terreiro conversar sobre minha pesquisa, ela conta alguma coisa sobre a experiência dela na religião. Com entusiasmos e às vezes revoltada com os rumos que acredita que a Umbanda tenha tomado.

Uma vez contou que estava em um terreiro de Umbanda com um conhecido, e ao ir tomar um passe o Caboclo olha para ela e pergunta se ela não o conhece. Isso já depois de perder contato com a terreira da Tia Bernarda. Ela quando diz que não o conhecia, pois na verdade não se lembrava dele, ouve da boca do Caboclo perguntando: “Não é a senhora que tem uma filha que nasceu no grande dia da mãe lemanjá?”. “Hélcio Júnior, na hora me deu um tremelico nas pernas. Era um negrão enorme de grande que eu nunca tinha visto na minha vida, e que me disse que estava incorporado com o seu Arranca-toco, que é o mesmo Caboclo que a Tia Bernarda incorporava. Eu quase caí dura pra trás”.

Minha avó tem quatro filhos, sendo que meu pai, o mais velho deles, nasceu dia 20 de Janeiro – dia de Oxóssi¹⁶, um dos Orixás¹⁷ cultuados na Umbanda. E outra filha, uma tia e madrinha, que era a quem o caboclo se referiu no parágrafo acima, nasceu no dia 02 de Fevereiro – dia de lemanjá¹⁸, também cultuada pelos umbandistas.

“Olha Hélcio Junior, teu avô, que nem frequentava nada de Umbanda, um dia me chegou bêbado em casa. Chamei uns vizinhos pra tentar pegar ele e deitar na cama, e tu não sabes que teu avô, muito magrinho sempre e bem calmo que era, não deixou ninguém agarrar ele, e ainda me disse que estava incorporado com um tal de Oridanga¹⁹. Mas meu Deus, eu nunca vi esse caboclo ou sei lá eu o que era

¹⁶ Orixá cultuado na Umbanda. Representa a força da natureza encontrada nas matas e florestas. Sincretizado é cultuado também no catolicismo como São Sebastião.

¹⁷ Orixás são divindades cultuadas na Umbanda que possuem ligação direta com os fenômenos da natureza. Embora não apareçam nos rituais de Umbanda sob forma de incorporação, tornam-se presentes através das entidades que se utilizam de suas energias para incorporar nos médiuns. A palavra Orixá se apresenta com muitos conceitos: luz do Senhor; mensageiro do Senhor; força da cabeça; Ori: cabeça, elemento primordial para discernir, pensar e criar; e, Xá: força, característica, essência; senhores da força sutil; regentes da natureza; tronos de Deus, manifestadores das qualidades ou fatores de Deus, entre outros. (SCIPIONI, CORREA, 2008, p.8).

¹⁸ Orixá cultuado na Umbanda. Representa a força da natureza encontrada nos mares de águas salgadas. Sincretizada é cultuada no catolicismo como Nossa Senhora dos Navegantes.

¹⁹ Em pesquisas realizadas e conversas com diversos umbandistas jamais encontrei respostas quanto a essa entidade, que linha pertence, ou como se apresenta. Minha avó diz que ele é um “bugre”, entidade mestiça que, segundo ela, faz parte dos antigos adeptos da Umbanda. Uma entidade muito antiga.

na minha vida. Mas te digo, se teu avô encarasse e quisesse mesmo, era outro que era legítimo. Tu vê, e logo o Elson que não acreditava em nada!”.

Nunca vi meu avô em um terreiro de Umbanda, mesmo ele sendo irmão de duas Caciques. Mas essa história é contada e repetida por muita gente que estava presente naquela noite.

Início, assim, meu texto da dissertação com essa breve incursão através das memórias da minha avó, pois acredito que sem elas, esse texto não teria sentido algum. É ali que aprendo no meu dia-a-dia o ofício – e exercício – de ouvir um narrador. Sento e escuto ela contar essas histórias como se quisesse sempre me dizer algo além das suas palavras. Pergunto-me: O que ela realmente quer me dizer? O que ela sabe? O que eu sei? Só sei que aos poucos e ao longo de toda a minha vida a minha avó, através e além das suas palavras, foi me apontando tanto para as coisas que eu sei como para as que eu não sei que sei.

E dizendo isto, assumo que minha tarefa de pesquisador, através desta dissertação de mestrado, foi aos poucos se revelando como uma busca encantadora por territórios de saberes e de verdades mais ou menos conhecidos, principalmente pelas coisas que eu não sabia que sabia.

O mesmo encanto que percebo através dos olhos da minha avó, que por mais que eu confessadamente seja impotente para traduzir a maneira entusiasmada com que ela me conta sua história, eu sei que em cada fragmento e em cada lembrança é impossível não ver que existe uma verdade em cada história que se espelha através dela. Através de seus olhos, olhos de uma remanescente de um terreiro que através da sua fé assumiu o seu papel de protagonista no culto e prática de sua história. História que faz parte da minha e se encontra com outras tantas histórias.

Bem, foi pelo diálogo incessante entre os olhos e as histórias da minha avó, pelos relatos dos Caciques e pelas reflexões que o mundo acadêmico propiciou que fui sendo conduzido pelo fio narrativo que as próximas páginas anunciam. Fio narrativo por “muitas coisas que gente pensa que não sabe” e que talvez eu, por não saber, traduza tudo isto como necessidade de pesquisa/dissertação. Solicito, assim, uma leitura que seja aberta ao que estes muitos caminhos me mostraram e que por muito ainda me mostrarão.

2 O cenário: a umbanda e sua história

Pretendo, neste capítulo, mostrar um pouco de minha caminhada em direção ao entendimento do que é a Umbanda – religião brasileira e de importante pertença à formação cultural deste país. Busquei através da história de Zélio Fernandino de Moraes, anunciador da Umbanda, compreender a forma como a religião se espalhou pelo Brasil e também por diversos outros países. No tempo hábil para a realização desta pesquisa busquei, através de literatura indicada, trazer informações sobre como se deu seu surgimento no Rio Grande do Sul e em Pelotas, bem como algumas curiosidades que penso serem importantes para a compreensão do que contam meus narradores – Caciques de Umbanda, todos residentes e atuantes em Pelotas/RS.

Durante minha infância a Umbanda era, para mim, uma roda com pessoas girando e falando diferente, que observava deitado em um colchãozinho onde colocavam as crianças da minha família para dormir no “Centro Espiritualista Pai Joaquim de Angola”, que ficava no Barro Duro, praia da cidade de Pelotas/RS, sob a orientação da tia Enir.

Porém, a Umbanda é muito mais que isso e possui uma história que começa a ser contada no ano de 1908, mais precisamente no dia 15 de novembro, quando, incorporado do espírito do Caboclo das Sete Encruzilhadas, Zélio Fernandino de Moraes anuncia a religião brasileira.

Zélio era um menino de 17 anos, quando acometido de uma doença que paralisou parte do seu corpo foi procurar ajuda espiritual, uma vez que já estava desenganado pelos médicos da cidade de Niterói/RJ onde residia. Em gravação feita em novembro de 1971, data do 63º aniversário da Tenda Nossa Senhora da Piedade – nome dado pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas à primeira tenda de Umbanda –, Zélio confirma a história comentando a anunciação da nova religião: “Houve balbúrdia, embora eles reconhecessem a mediunidade que eu trazia, mas eu era muito moço, pois tinha feito 17 anos e por doença fui levado à federação, pois os médicos não me davam jeito” (MORAES *apud* CUMINO, 2011, p.322). A federação a que ele se refere é a Federação Espírita de Niterói.

Espíritos que assumem a identidade de negros escravizados e índios, nessa época e ainda hoje em alguns lugares, não eram aceitos nas comunicações das mesas kardecistas e não podiam comunicar-se, pois se entendia que não possuíam conhecimento e evolução espiritual para tal. Eram convidados a se retirar.

Ao chegar à Federação de Niterói, em certo momento Zélio disse que naquele lugar faltava uma flor. Vai então buscá-la e põe no meio da mesa. Impedido de falar anuncia que no dia seguinte estará em sua casa e segundo suas palavras:

Minha família ficou apavorada. No dia seguinte, verdadeira romaria formou-se na Rua Floriano Peixoto, onde eu morava, no número 30. Parentes, desconhecidos, os tios, que eram sacerdotes católicos, e quase todos os membros da Federação Espírita, naturalmente, em busca de uma comprovação. O Caboclo das Sete Encruzilhadas manifestou-se, dando-nos a primeira sessão de Umbanda na forma em que, daí para frente, realizaria seus trabalhos. (MORAES *apud* CUMINO, 2011, p.125).

Neste momento inicia a Umbanda, que se espalharia por todo o Brasil em alguns anos, sendo hoje conhecida em todos os estados do país.

Um grande ensinamento aos Umbandistas é dado nesse momento: “dai de graça o que de graça recebestes” (CUMINO, 2011). O nome Caboclo das Sete Encruzilhadas que o médium Zélio Fernandino de Moraes incorpora, assume esse nome uma vez que para ele e para a Umbanda não haveria caminhos fechados e, nesta nova religião que se anunciava, a todos receberiam de coração aberto, não negando comunicação a nenhum espírito que se aproximasse, aprendendo com os que sabem mais e ensinando aqueles que carecem de conhecimentos. O espírito comunicou também que em uma de suas encarnações teria sido um padre católico que foi queimado em uma fogueira da inquisição chamado Gabriel de Malagrida (CUMINO, 2011).

A palavra Umbanda, falada pelo Caboclo no dia de sua anunciação, possui vários significados. Yokaanam define o verbete desta maneira:

Umbanda vem de UM + BANDA. UM que significa Deus, em linguagem oriental, simplificada, para não entrarmos em detalhes esotéricos. E BANDA, que significa legião, exército... ou lado de Deus! Assim fica definida a palavra UMBANDA como a Banda de Deus, o lado de Deus ou a legião de Deus. (YOKAANAM *apud* CUMINO, 2011, p.98).

Segundo Renato Guimarães Dias²⁰, o Caboclo das Sete Encruzilhadas teria pronunciado “Alabanda”, sendo “Alá é o aportuguesamento da expressão árabe al-lah, cujo significado é “O Deus” e é dessa forma que os muçulmanos referem-se a Deus em suas preces” (LINARES; TRINDADE, 2011, p.71).

O cientista social Milton Silva dos Santos diz que “esta expressão ‘umbanda’, vem de mbanda, palavra africana cujo significado pode ser ‘tabu’, ‘coisa sagrada’, ‘súplica’ ou ‘invocar espíritos’”. (SANTOS *apud* FELINTO, 2012, p.15).

Independente da forma como a definem, a Umbanda surge como uma religião no mais puro significado dessa palavra, que é religar, unir o sagrado ao humano, Deus ao homem, e, através de seus preceitos de caridade e fraternidade o próprio homem ao homem.

A Umbanda é uma religião brasileira, resultado de um Brasil miscigenado, com seus contrastes e fenômenos multiculturais que se explicitam nas práticas diárias dentro dos terreiros espalhados pelo nosso país. Lembremos que manifestações de espíritos sob forma de incorporação já existiam antes do dia 15 de novembro, mas não com o nome, os fundamentos e a forma de fazer da Umbanda. Esse fenômeno da criação de novos ritos, seitas e religiões justificam-se quando pensamos que “Novas religiões nascem da necessidade de atribuir novos significados a antigos símbolos, trazendo valores que possam dar um novo sentido a nossas vidas”. (CUMINO, 2011, p.107).

A história dessa religião atribui aos brasileiros autoridade para assumi-la como sua, uma vez que abraça as diversas formas de expressão cultural que aqui coexistem desde os tempos da colonização. Não nega de forma alguma a herança cultural da pré-colonização pertencente aos índios e soma a ela culturas dos colonizadores jesuítas (cristãos), dos povos africanos escravizados em solo brasileiro e mais tarde dos preceitos espíritas kardecista, dentre muitos outros que a cada dia se manifestam através das entidades presentes nessa religião.

Acredito que seja importante explicitar algumas dessas influências, como a indígena, africana, kardecista e cristã, para que algumas distorções sejam mais bem esclarecidas para o leitor desse texto. Sebastião Anselmo colabora com essa ideia quando:

²⁰ Mèdium do Centro Espírita Santo Antônio de Pádua, estudioso da Umbanda e coautor no Blog Registros de Umbanda. Disponível em: <<http://registrosdeumbanda.wordpress.com>>. Acessada em: 10 de outubro de 2013.

[...] muita gente (inclusive adeptos) acredita que a Umbanda é uma religião afro-brasileira, o que não é verdade e precisa ser esclarecido com urgência. [...] muitos confundem Umbanda com o Candomblé, Omolocô, Catimbó, Batuque, Xangô de Caboclos e etc., mas a verdadeira Umbanda nada tem a ver com eles, nem com o Catolicismo ou Kardecismo. Umbanda é uma religião eminentemente brasileira, com doutrina própria, cujo nascimento data de muito antes do advento do Caboclo das Sete Encruzilhadas e do grande médium Zélio de Moraes. (ANSELMO *apud* LINARES, TRINDADE, 2011, p. 34-35).

Como prática humana, a religião de Umbanda é formada dentro de uma variedade de doutrinas que variam de terreiro para terreiro, cabendo aos seus Caciques orientar e postular os fundamentos da casa. Da união de outras religiões que existiam em solo brasileiro, em todo o terreiro vemos a forte presença do cristianismo, através do culto a Jesus Cristo, e práticas indígenas vistas na presença dos caboclos. Distinguem-se outras influências, no sentido de que algumas possuem grupos de estudos sistematizados da doutrina Kardecista, que também faz parte da constituição da Umbanda e alguns outros que cultuam os Orixás, entidades que se apresentam no que chamamos especificamente no Rio Grande do Sul de Batuque ou Nação:

O termo batuque designa uma Religião Afro-Brasileira de culto aos Orixás encontrada principalmente no Estado do Rio Grande do Sul, Brasil, de onde se estendeu para os países vizinhos tais como Uruguai e Argentina, que influenciou os ritos de Umbanda gaúchos. É fruto de religiões dos povos da Costa da Guiné e da Nigéria, com as nações Jêje, Ijexá, Oyó, Cabinda e Nagô. (LINARES, TRINDADE, 2011, p.101).

Mesmo que ausentes sob forma de incorporação, uma vez que Orixás não incorporam em terreiros de Umbanda, estes estão ali presentes sob forma de energia – na energia vibratória de cada entidade. Esclarecendo: temos Caboclos e Preto-Velhos que são enviados por Orixás: Ogum, Xangô, Oxóssi, Iansã, Oxum, Iemanjá e Oxalá.

Uma forte influência na Umbanda é o africanismo, que aparece na Umbanda como culto e reverência aos Orixás. Num país de história escravocrata, esta religião ao cultuar espíritos que encarnaram neste passado não muito distante, traz fortalecida em suas práticas. Segundo Cumino (2011, p.56) “A origem africana foi muito cogitada na Umbanda e sua inserção teria acontecido pela presença do Preto-Velho”. Esses africanos e africanas, ao serem deslocados para o Brasil pela diáspora da África, trouxeram suas práticas rituais junto consigo nos navios que atravessaram o oceano e aqui desembarcaram. Nas senzalas e quilombos, eram

realizados os rituais de seus antepassados que viveram em seu país de origem e até hoje se perpetuam através das gerações, conquistando espaço também nas práticas umbandistas. Da diversidade cultural africana espalhada no Brasil, na Umbanda possuem representação:

Da cultura Nagô, a Umbanda recebe o culto aos Orixás, reverenciados na natureza, sendo oferecidos a eles frutas, flores, velas e bebidas. Da cultura Gêge, a Umbanda reconhece semelhanças com o Tambor de Mina do Maranhão e sua encantaria, em que se manifestam “Caboclos” e “Pretos-Velhos”, na condição de “encantados”, índios e africanos entre outros. Não podemos esquecer também a origem Bantu de algumas palavras, como Umbanda, Kimbanda, Cambone, Enjira e Zambi; este é o nome de Deus em Quimbundo. (CUMINO, 2011, p.56).

Os orixás possuem lugar especial nos congás da Umbanda, algumas vezes na forma das entidades cultuadas pelos africanos, outras pelos santos sincretizados da igreja católica.



Figuras 1 e 2 - Imagens de Oxalá representado como Orixá (esquerda) e como Jesus Cristo (direita)
Fonte: Acervo pessoal do pesquisador. Novembro/2014.

Outra influência grande na Umbanda é o Kardecismo. Além do fato de ter seu surgimento originado de um ato discriminatório acontecido na Associação Kardecista de Niterói, outros fatores a tornam semelhantes como a lei do carma, da reencarnação, incorporação de espíritos e também pela prática do “passe”. Dizem sobre a origem kardecista:

A “origem Kardecista” ou mesmo a “influência espírita” na Umbanda é algo real e muito importante na formação da religião. Boa parte da doutrina umbandista bebeu dessa fonte, apresentando conceitos idênticos sobre

reencarnação, carma, evolução, espíritos e mundo astral. É comum entre os umbandistas estudar a obra de Kardec, admirar Chico Xavier e invocar a presença dos médicos do astral em nome de Bezerra de Menezes. (CUMINO, 2011, p.41).

A prática dos estudos sistematizados da Umbanda é influência direta das práticas Kardecistas, onde os adeptos se reúnem com a finalidade de estudar os escritos de Allan Kardec, preparando-se para as práticas do passe e da caridade para aqueles que lhes procuram.

Os Índios, habitantes do solo brasileiro antes da apropriação das terras pelos colonizadores, aparecem na Umbanda nos rituais que envolvem a pajelança e o uso do fumo e de ervas na realização dos trabalhos. Com relação a estas informações, dentro dos rituais presentes na Umbanda, dizemos que:

O uso de chás, banhos de ervas e defumações é algo em comum para os indígenas, africanos e europeus. Em muitas Tendas de Umbanda se vê o uso de Maracá (chocalho indígena) e outros elementos, como penachos e cocares, usados pelas entidades incorporadas, que da todo um ar indígena à Umbanda. (CUMINO, 2011, p.56).

O próprio nome do Caboclo das Sete encruzilhadas, espírito anunciado da Umbanda, quando foi solicitado que se identificasse fez uso da aparência indígena:

A primeira manifestação de Umbanda que se tem notícia é do Caboclo das Sete Encruzilhadas, que justifica chamar-se de “caboclo” por ter sido índio em uma encarnação aqui no Brasil; ele esclarece ainda que, em outra encarnação foi o frei católico Gabriel Malagrida, queimado em santa inquisição. (CUMINO, 2011, p.57).

O espírito ainda informa que, em outro momento encarnatório, teria sido um frei católico, mas que na Umbanda se apresentaria sob a forma um índio, cuja complementação do nome “das sete encruzilhadas” justificaria que, para ele assim como para a religião da Umbanda, não haveria caminhos fechados. A “encruzilhada,” para os umbandistas, é um ponto forte de energia, que representa a chegada e a partida de todos os caminhos, por ali tudo passa, é a representação dos caminhos, do acesso – ao sagrado, inclusive –, são as estradas por onde passam as entidades e também nós, seres humanos encarnados.

Um esclarecimento importante necessita ser feito. Compreende-se como religiões cristãs o catolicismo e as religiões pentecostais, neopentecostais e

carismáticas. Toda religião que professa a crença e a fé em Jesus Cristo deve ser considerada cristã, e assim sendo, a Umbanda é cristã.

Já no momento de sua anunciação, Zélio Fernandino de Moraes comunica a presença cristã na Umbanda, quando:

Zélio Fernandino de Moraes funda a primeira tenda de Umbanda e lhe dá o nome de Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade (TENSP), “porque assim como Maria acolheu Jesus, a Umbanda acolherá os filhos seus”. No decorrer de seus 67 anos de atividade mediúnica, juntamente com seu médium, o Caboclo das Sete Encruzilhadas traria para a Umbanda um discurso doutrinário cristão e sincrético com os Orixás. (CUMINO, 2011, p.63).

Cristão pela presença de Jesus Cristo, que inclusive fica na parte mais alta dos congás na Umbanda. Sincrética porque, em tempos onde a prática das religiões afro-brasileiras era proibida, utiliza os santos católicos como forma de cultuar os Orixás, de forma que o sincretismo dava-se da seguinte forma: São Jerônimo (católico) era cultuado como Xangô (Candomblé/Nação), São Jorge (católico) é Ogum (Candomblé/Nação), São Sebastião (católico) é Oxóssi (Candomblé/Nação), Nossa Senhora dos Navegantes (católica) é Iemanjá (Candomblé/Nação), Nossa Senhora da Conceição (católica) é Oxum (Candomblé/Nação), Santa Bárbara (católica) é Iansã (Candomblé/Nação) e Jesus Cristo (católico) é Oxalá (Candomblé/Nação).

Esses Orixás não necessariamente possuem a mesma história dos santos aos quais foram sincretizados. O Sincretismo, segundo Buarque de Holanda:

Segundo Aurélio Buarque de Holanda, sincretismo é uma palavra que significa: “amalgama de doutrinas ou concepções heterogêneas (de diferente natureza), fusão de elementos culturais diferentes, ou até antagônicos, em um só elemento, continuando perceptíveis alguns sinais originários”. (CUMINO, 2011, p.64).

De sobremaneira, essa era a forma com que os afrodescendentes cultuavam seus Orixás nos tempos de escravidão no Brasil colônia e que vem até os dias de hoje reverberando, também, nos cultos de Umbanda.

Mesmo influenciada por diversas outras religiões a Umbanda possui identidade própria que muitas vezes, devido a essa variedade de influências, sofre distorções sobre seus reais fundamentos. Um dos equívocos que são cometidos com frequência é atribuir a ela características do espiritismo de Kardec e da

Quimbanda. “Devemos dividir o Espiritismo, como ele é, na verdade, em três partes, a saber: Lei de Kardec: Espiritismo doutrinário, filosófico e científico; Lei de Umbanda: Espiritismo – magia branca; Lei de Quimbanda: Espiritismo – magia negra”. (BRAGA *apud* CUMINO, 2011, p.69-70).

O Kardecismo não é Umbanda, uma vez que não possui os rituais que só encontramos nos terreiros e não nas mesas de estudo e passes da filosofia de Kardec. Quimbanda não é Umbanda, sendo que “O quimbandeiro é um feiticeiro” (CUMINO, 2011, p.391). E Umbanda possui fundamentos próprios, que podem aparecer em diversas outras religiões de forma segmentada, mas não em sua totalidade.

E caridade espiritual é o que os guias espirituais de Umbanda praticam quando incorporam nos seus médiuns e trabalham espiritualmente em benefício dos seus semelhantes. Esta é a lei de Deus! Esta é a Lei de Umbanda: com os mais evoluídos aprendemos; aos mais atrasados ensinaremos; mas a nenhum e a ninguém renegaremos! (SARACENI, 2011, p.86).

A Umbanda encontra-se nessa intersecção de diferentes religiões, num entre-lugares definido por Rubens Saraceni desta maneira:

Estudar a Umbanda é mergulhar no mundo dos mistérios divinos que a fundamentam e a sustentam como religião popular, criada justamente para acolher o grande número de pessoas possuidoras de mediunidade, mas que não se adaptam ao Espiritismo ou ao Candomblé. Ocupando uma faixa intermediária entre essas duas religiões, a Umbanda vem desempenhando de forma admirável sua missão de resgatar e fazer evoluir todos os que a ela se integrem, sejam espíritos ou pessoas. (SARACENI, 2011, p.7).

O autor ainda acrescenta que “A Umbanda é a Umbanda e não é nenhuma outra religião. Inclusive, pode ser classificada como culto afro-brasileiro. Mas nenhum outro é como a Umbanda” (SARACENI, 2011, p.49).

Essa é característica dessa religião que não nega outras que a influenciam, mas que possui identidade própria. A produção literária sobre a Umbanda auxilia nesse sentido – de observá-la como acolhedora de outras tantas –, o que exige, em tempos atuais, um estudo sistematizado sobre suas práticas que vão além dos dias dos trabalhos espirituais realizados nos centros. Argumenta Saraceni sobre a importância de ambos quando diz que “Escrever sobre a Umbanda é importante e estudá-la é indispensável” (SARACENI, 2011, p.9) e como forma de complementar o entendimento da doutrina acentua que “o aprendizado prático obtemos no dia-a-dia,

e na Umbanda, cada atendimento a consulentes traz oportunidades de aprendermos com os guias espirituais” (SARACENI, 2011, p.9).

Concordando com os autores que dizem que esta religião é brasileira, o que pode ser também constatado através das entidades que a compõem.

Caboclos, pretos velhos, baianos, boiadeiros... Trata-se de um panteão que nos remete a certos personagens históricos e aos variados tipos populares e regionais brasileiros. Quem os procura se dirige às cerimônias umbandistas, em geral realizadas semanalmente, chefiadas por líderes espirituais acompanhados por seus sacerdotes auxiliares. (SANTOS, *Apud* FELINTO, 2012, p. 16).

Tendo como local de fala desta pesquisa a cidade de Pelotas, não nos surpreendamos se algum dia nos terreiros de Umbanda tiver a figura do gaúcho como entidade da Umbanda. Os espíritos – como foi explicado anteriormente no caso do Caboclo das Sete Encruzilhadas que teria sido um padre chamado Gabriel Malagrida – escolhem a forma como melhor apresentarem-se a nós, espíritos encarnados.

Mesmo sendo agregadora de valores e propagadora do discurso da caridade, a Umbanda sofre as mazelas de uma sociedade ainda discriminatória e cheia de preconceitos. O censo é um exemplo de que nem sempre as práticas umbandistas são assumidas por seus adeptos. “Já em 1999, no documentário *Santo Forte*, dirigido por Eduardo Coutinho junto das camadas populares nas favelas cariocas, mais de uma dúzia de “umbandistas” são entrevistados e a grande maioria afirma que é católica” (CUMINO, 2011, p.189). Uma das explicações para o fato é a de que o mesmo acontece, pois, afirmar como parte de sua identidade ser umbandista interfere diretamente nas relações sociais, que são, em alguns momentos, discriminatórias e segregatórias.

O censo realizado pelo IBGE de 2010 nos mostra que a religião de Umbanda ainda não possui lugar específico, devido à sua singularidade. É mensurado o número de umbandistas juntamente com o de candomblecistas, como mostra o quadro abaixo:



Distribuição percentual da população residente, por Grandes Regiões, segundo os grupos de religião - 2000/2010

Grupos de Religião	Brasil	Grandes Regiões				
		Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste
2000	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Católica Apostólica Romana	73,6	71,3	79,9	69,2	77,4	69,1
Evangélicas	15,4	19,8	10,3	17,5	15,3	18,9
Evangélicas de Missão	4,1	4,3	2,9	4,3	5,7	4,2
Evangélicas de origem pentecostal	10,4	14,4	6,9	12,0	8,7	13,4
Evangélica Não Determinada	1,0	1,1	0,5	1,2	0,9	1,3
Espírita	1,3	0,4	0,6	2,0	1,2	1,9
Umbanda e Candomblé	0,3	0,0	0,1	0,4	0,5	0,1
Sem Religião	7,4	6,6	7,7	8,4	3,9	7,8
Outras religiosidades	1,8	1,7	1,3	2,2	1,5	2,0
Não sabe/Não declarou	0,2	0,2	0,2	0,3	0,1	0,2
2010	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Católica Apostólica Romana	64,6	60,6	72,2	59,5	70,1	59,6
Evangélicas	22,2	28,5	16,4	24,6	20,2	26,8
Evangélicas de Missão	4,0	4,8	3,4	3,9	5,0	4,1
Evangélicas de origem pentecostal	13,3	20,1	10,1	14,3	10,9	16,6
Evangélica Não Determinada	4,8	3,6	2,9	6,3	4,3	6,1
Espírita	2,0	0,5	0,8	3,1	2,0	2,3
Umbanda e Candomblé	0,3	0,1	0,2	0,4	0,6	0,1
Sem Religião	8,0	7,7	8,3	9,0	4,8	8,4
Outras religiosidades	2,7	2,5	2,0	3,4	2,2	2,7
Não sabe/Não declarou	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1

Fonte: IBGE. Censo Demográfico 2000/2010.

Figura 3 - Percentual das religiões no Brasil
Fonte: Censo demográfico IBGE 2000 – 2010

Estes dados são registrados pelo IBGE, “Desde 1964, depois de um esforço da Confederação Nacional Espírita Umbandista e dos cultos Afro-Brasileiros, o IBGE passou a registrar em seu Anuário Estatístico a Umbanda, oficialmente como religião” (CASTRO *apud* LINARES, TRINDADE, 2011, p.41), e mesmo assim essas confusões com relação à Umbanda como religião brasileira ainda acontecem.

Descobri, em minhas leituras sobre a Umbanda, que aqui no Rio Grande do Sul sua prática e história possuem importância ímpar no contexto do Brasil do século XX. Zélio Fernandino de Moraes, após fundar a TENSP – Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade –, em um segundo movimento funda outras tantas que descendem da que inaugura as ações umbandistas. Dezoito anos depois da sua anúncio, temos notícias do primeiro terreiro de Umbanda na cidade de Rio Grande: O “Centro Espírita Reino de São Jorge, fundado em Rio Grande, RS, em 1926, é outra tenda que descendente da TENSP, mostrando uma relação entre as primeiras Tendras de Umbanda e a antiga TENSP sobre todas as demais”. (DIAS *apud* LINARES, TRINDADE, 2011, p.74).

O Rio Grande do Sul, hoje, é um dos estados do nosso país onde se encontra o maior número de terreiros de Umbanda.

Sabe-se que ainda hoje, o terreiro Reino de São Jorge é um dos mais tradicionais em Rio Grande e que se mantém em atividade. “Ainda em 1926, Otacílio Charão fundou o Centro Espírita Reino de São Jorge, que é, até o presente momento, a mais antiga tenda de Umbanda fundada no Rio Grande do Sul, tendo sido registrada em cartório em 1932”. (DIAS *apud* LINARES, TRINDADE, 2011, p.76).

Em Porto Alegre, através da figura de Laudelino de Souza Gomes, temos o registro de outro terreiro: “Sem sombra de dúvida, em 1932, Laudelino de Souza Gomes, oficial da Marinha Mercante, fundava em Porto Alegre, com estatuto social e registro em cartório, a Congregação dos Franciscanos de Umbanda”. (CAVALCANTI *apud* CUMINO, 2011, p.140).

A importância da prática de Umbanda no Rio Grande do Sul é muito significativa para a legitimação da religião, no Brasil e fora dele, como nos indica Trindade: “A união de Umbanda do Rio Grande do Sul tinha uma tenda filiada em Roma, a quatro quarteirões do vaticano”. (TRINDADE *apud* LINARES, TRINDADE, 2011, p.36). Assim, os adeptos gaúchos desta religião espalham suas doutrinas e práticas culturais por vários lugares.

Em Pelotas a Umbanda também possui grande número de adeptos. Em pesquisa a alguns jornais da primeira metade do século XX, para ver se encontrava algo sobre a religiosidade da época, encontrei em um jornal chamado Princesa do Sul de 1950, uma nota em que dizia que as Tias Minas, possivelmente as primeiras doceiras da cidade de Pelotas, que usavam trunfas na cabeça e aventais brancos bem asseados (vestimentas semelhantes às roupas do Batuque, ou nação, do Rio Grande do Sul), retiravam-se após o trabalho

[...] pelas altas horas da noite em manifestações de originária crendice dos seus antepassados, reuniam-se em família e, nessas reuniões apareciam os Pais: Mané, João e outros pais e todavia os ascetas, prostravam-se por terra em torno de qualquer bugiganga, crentes e submissos ao SANTO, [...] para no interior da sala formarem um círculo, e em bamboleios e palavras esdrúxulas, pronunciarem ao som do roquenho tambor: Muê... Muá... hum... hum... Acarê-acará. Acubabá-acubabá... O Santo qué jantá. E assim levavam horas inteiras nessa prática de toada blesa para que o santo amparasse a matulagem, afim de enganarem as métricas pessoas que iam ali fiadas na cura de seu mal de amor... (PRINCESA DO SUL, 1950).

Assim eram vistos os rituais espiritualistas na Pelotas dos jornais. (Esse aspecto será melhor explicitado no capítulo sobre “multiculturalismo de resistência”,

uma vez que neste momento me atendo à outro fato importante para que se compreenda o espaço da Umbanda nesta cidade).

Em 2008, ano do centenário da Umbanda no Brasil, encontrei em um dos jornais da cidade – Diário Popular –, uma reportagem de quatro páginas sobre os cem anos da religião no Brasil. Raramente se lê algo sobre a Umbanda nos jornais da cidade, mas neste ano, uma bela reportagem intitulada “Um século de religião brasileira” foi feita sobre o assunto.

Cíntia Piegas, a jornalista responsável, faz um apanhado da religião na cidade, relembrando as tradições católicas através da oração do Pai Nosso no começo do ritual e da defumação originária dos povos indígenas. Traz a história e as influências à Umbanda em um texto esclarecedor e importante para a história da cidade, que muitas vezes não conhece sua própria história, algumas vezes contada de maneira fragmentada.



Figura 4 – Reportagem - Cem Anos de Umbanda
Fonte: Caderno “Estilo”, Diário Popular de Pelotas, 2008.

Alexandre Cumino, em 2011, escreve sobre essa projeção dos 100 anos da Umbanda no Brasil e nos diz que “muitos brasileiros não sabem sequer que a Umbanda é uma religião brasileira; pensam que é africana ou afro-brasileira. Com a

chegada das comemorações dos cem anos da Umbanda, houve uma acanhada projeção do fato na mídia”. (CUMINO, 2011, p.197).

Outro destaque sobre as ações umbandistas na cidade foi a tentativa de inibição da Festa de Iemanjá em 2014. Já em pesquisa com os Caciques no início dessa investigação, acompanhei o fato de perto. Com o argumento de que o local onde acontece anualmente a festa é um local de preservação ambiental e que os umbandistas “destroem” esse lugar, a Prefeitura da cidade tentou inibir o acontecimento da festa, o que gerou descontentamento dos Caciques de Umbanda e Pais de Santo da cidade e outras regiões.

Em audiência pública na câmara de vereadores de Pelotas, no dia 17 de janeiro de 2014, foi discutida a situação da Festa de Iemanjá em Pelotas. Estavam presentes representantes das Federações de Umbanda e Cultos Africanistas da cidade e também de outros lugares, além de alguns vereadores, com a finalidade de pensar a melhor forma de realizar a festa, que há muito tempo vem acontecendo. Em seguida, no dia 22 do mesmo mês, foi realizada uma procissão, e após, a lavagem das escadarias da Prefeitura de Pelotas num ato extremamente pacífico e organizado, onde o que se reivindicou foi apenas o direito da liberdade de suas práticas religiosas, manifestação cultural de um povo que através de gerações vem construindo e recriando sua história.



Figura 5 - Manifesto a favor da realização da Festa de Iemanjá realizada pelos umbandistas em Pelotas

Fonte: Acervo Liliane Barboza. Janeiro/2014

Há que se reconhecer o grande número de adeptos da Umbanda na cidade, mesmo que os dados de pesquisas não demonstrem isso. Basta um passeio e conversas nos bairros da periferia da cidade – o bairro Navegantes é um bom exemplo disso –, e veremos a quantidade de terreiros que existem nesses lugares.

O que pretendi neste capítulo foi resgatar um pouco da história e disseminação da Umbanda no Brasil e em Pelotas. Mesmo não sendo esse o objetivo primeiro desta pesquisa, acredito ser interessante essa apresentação para que possamos contextualizar e compreender o movimento que os umbandistas vêm fazendo nesses 106 anos de religião brasileira.

Muito já se falou e muito ainda há que se falar sobre a Umbanda como forma de diminuir preconceitos religiosos e esclarecer fatos que ainda possam parecer obscuros para alguns leigos. Dois possíveis equívocos que frequentemente são cometidos por aqueles que praticam a religião de Umbanda é sobre a cobrança em dinheiro de consultas e a matança de animais. Mais uma vez as reflexões e exemplos de Zélio Fernandino de Moraes elucidam que quanto a cobrar pelas consultas comportava-se da seguinte forma:

Zélio, entretanto, não se dedicava apenas á sua crença. Como era norma não receber recompensa pelo bem distribuído, dedicava-se às atividades profissionais normais, assumindo os negócios de seu pai, e fez uma incursão na política, elegendo-se vereador em 18-05-1924 e empossado em 10 de junho seguinte. Foi reeleito para um segundo mandato em 10-04-1927, empossado no dia 30 seguinte e escolhido por seus pares, na mesma data, para secretário do Legislativo gonçalense. Após cumprir o mandato de três anos, afastou-se da política. Quando faleceu, a Câmara Municipal deu seu nome à Rua Vereador Zélio de Moraes, no bairro de Mangueira. (NUNES, *Apud* LINARES & TRINDADE, 2011, p. 45).

E sobre a matança de animais o próprio Zélio nos diz que “Os meus guias nunca mandaram sacrificar animais e nem permitiriam que se cobrasse um centavo pelos trabalhos efetuados. No espiritismo não se pode pensar em ganhar dinheiro; deve-se pensar em Deus e no preparo da vida futura”. (TRINDADE *apud* LINARES, TRINDADE, 2011, p.54).

Cada terreiro tem a sua própria doutrina e dependendo da vertente á qual mais se afina, assume essa ou aquela prática. Após diversas conversas com os Caciques de Umbanda e praticantes da religião, percebo que a matança é herança dos rituais afro-brasileiros que se misturam e confundem com a Umbanda. Não raro

acontece dos Caciques terem em suas casas além dos rituais de Umbanda, práticas do Batuque de Nação específico dos rituais realizados no Rio Grande do Sul.

Acho importante também, trazer a informação de alguns escritores sobre a questão dos Exus na Umbanda. Sempre que solicitado para falar do tema, sou inquerido sobre essa questão, o que me leva a acreditar que é condição *sine qua nom* para o entendimento das entrevistas feitas com os Caciques, cuja análise será mostrada mais tarde em outro capítulo com detalhes. Quanto à prática do mal por essa entidades:

Na maioria das casas de Umbanda prega-se que o Exu é uma entidade que não pratica o mal, e que são doutrinados para isso. Realmente eu acredito que, quando uma casa foi criada somente para prestar a caridade, não se usa o Exu para fins negativos. Agora é comum escutar que são como policiais do astral e trabalham dentro das leis do Terreiro e do Astral. (ANGELOTTI *apud* LINARES, TRINDADE, 2011, p.166).

Essa “prática do mal” é atribuída à religião de Quimbanda, onde essas entidades são usadas para essa finalidade, atribuindo-lhe a qualidade de “espírito melhor pago”, sendo que quem paga mais com oferendas a essas entidades recebe a graça solicitada, que pode ser desde a cura de uma doença até a destruição da vida de alguma pessoa. Angelotti conclui que:

O mais importante é não esquecer: ele pode ser doutrinado, mas continua Exu do mesmo jeito. Exu é o único que, já no início do mundo, tem 50% de positividade e ao mesmo tempo 50% de negatividade. Ele é absolutamente “neutro” às intenções do ser humano. Eu nunca conheci “Exu amiguinho” ou “simpático”. Se conhecer um desses, cuidado! O Exu se faz passar pelo que quiser. Acredito somente no Exu como “agente disciplinador”, o mensageiro entre o homem e o desconhecido, por isso vale pensar muito a respeito. Pode até haver certa afinidade dele para com você, mas é somente isso, não confunda, e muito menos encare como: Ah! Ele é meu amigo! etc. Todo cuidado é pouco! E respeito também. (ANGELOTTI *apud* LINARES, TRINDADE, 2011, p.167).

Exu, dependendo da religião onde é cultuado, recebe diferentes finalidades. Na Umbanda pratica somente o bem, segundo orientações de Zélio Fernandino de Moraes. Na Quimbanda trabalha tanto para o bem como para o mal. E no Candomblé da Bahia é cultuado como um Orixá.

A Umbanda é uma religião pesquisada por diversas áreas do conhecimento como a antropologia, a história e as ciências sociais. Segundo os estudos de Cumino:

As tradições religiosas e místicas nos dizem que o homem é composto de *corpo, mente e espírito*. Os estudos antropológicos nos dizem que esse mesmo ser é *aberto, relacional e simbólico*. *Aberto*, pois sente que é incompleto, que lhe falta algo que está além de si mesmo; *relacional*, pois vive em sociedade; e *simbólico*, por ritualizar a vida e criar símbolos para alcançar o inalcançável. (CUMINO, 2011, p.284).

Entendo que trazer essa discussão para o campo da educação seja importante, pois não consigo conceber uma educação que não parta dos princípios da diversidade. Sendo assim, compreendo a Umbanda como religião formadora do sujeito ou como sugere Cumino:

[...] a religião é algo tão complexo que necessita de outras ciências para ser compreendida em suas várias nuances. Dessa forma, as ciências humanas vão se ocupar de entender a experiência religiosa como fenômeno que envolve o ser e a sociedade em que vive. (CUMINO, 2011, p.283).

E ainda:

A experiência religiosa individual e coletiva não pode ser ignorada por quem estuda o ser humano. A antropologia nos mostra que o homem sempre ritualizou a morte e o momento da despedida caracterizando o *homo sapiens* como *Homo religiosus*. O ser sempre teve em si duas dimensões, uma objetiva e outra subjetiva; na primeira, ele se define pelo que é palpável e visível; na segunda, busca transcender a si mesmo, formulando para isso conceitos e teorias metafísicas que lhe deem um sentido de estar aqui, nesse mundo sensível. (CUMINO, 2011, p.285-286).

Sendo assim, torna-se a pesquisa da Umbanda uma forma de buscar compreender melhor os sujeitos envolvidos em processos educativos, sejam eles dentro ou fora dos muros da escola.

Termino esse capítulo deixando apenas algumas pistas, para que os interessados em saber a história da Umbanda e sua importância na cidade de Pelotas possam instigar-se a seguir em frente nas suas intenções do saber – e também do saber-se – umbandista. Veremos no capítulo sobre as narrativas dos Caciques, que inúmeras maneiras são utilizadas na construção de conhecimento dentro dos terreiros que é passada de geração em geração de umbandistas.

Diminuir possíveis falhas na transmissão de conhecimentos sobre essa religião é também um dos objetivos desse capítulo que procura, também, informar para a diminuição de atos discriminatórios com essa religião. Auxilia-me Cumino quando diz que “[...] crer que a religião do outro é inferior de alguma forma aponta para o preconceito religioso e, muitas vezes, até racial, embutido ou oculto em uma

pretensa filosofia cientificista”. (CUMINO, 2011, p.49), e complementa em sua afirmação que “Não é a religião de uma etnia (do negro, branco ou vermelho), mas o fruto do encontro delas produzindo um sentido, que já não se explica mais pela raça e sim pelo apelo que há na sua identificação com este povo brasileiro”. (CUMINO, 2011, p.121).

A Umbanda é uma religião que se constituiu em solo brasileiro através da mistura ou influência de outras tantas que aqui existiam e por isso, podemos dizer, que é uma religião nossa e o ato de estudá-la faz com que possamos nos (re)conhecer como cidadãos brasileiros, diminuindo as inconsequentes falsas afirmações que dela são feitas, onde:

A falta de uma escola doutrinária dos preceitos umbandistas é motivo de constantes e diversas distorções nos cultos afro-brasileiros. Infelizmente, essas confusões em relação às diversas divisões da seita têm a tendência de crescer pela falta de conhecimento de muitos dos chefes de terreiros, que, aprendendo errado, ensinam errado a seus iniciados. (PINTO *apud* CUMINO, 2011, p.53).

Com essa breve incursão, espero ter contribuído para a compreensão do que é a Umbanda e suas práticas, pelo menos daquela Umbanda que anunciou Zélio Fernandino de Moraes. Sei que são muitas as formas de praticar essa religião em solo pelotense, esclareço, no entanto, que exponho aqui o meu limite de conhecimento até este momento da pesquisa.

O que pretendi neste capítulo foi resgatar um pouco da história e disseminação da Umbanda no Brasil e em Pelotas. Mesmo não sendo esse o objetivo primeiro desta pesquisa, acredito ser interessante essa apresentação para que possamos contextualizar e compreender o movimento que os umbandistas vêm fazendo nesses 106 anos de religião brasileira.

3 O som que ecoa nos tambores da umbanda

Para contextualizar o caráter multicultural e de resistência da Umbanda na cidade de Pelotas, é de fundamental apoio a obra “Reviras, Batuques e Carnavais” de Marco Antônio Lirio de Mello (1994).

Com linguagem simples, Lirio de Mello mostra uma Pelotas com forte presença de rituais de incorporação, pajelança e práticas de afro-brasileiros existentes nesta cidade.

Na época que se refere o livro de Lirio de Mello, século XIV, ainda não existia em Pelotas a Umbanda, mas com relação a esse fenômeno tínhamos o Batuque, que nos descreve o autor como:

o nome genérico dos ritmos produzidos pelos negros a base de percussão, de caráter religioso, praticado pelos negros de origem africana. Mas, mais que a designação de uma dança específica, a palavra batuque é normalmente aplicada como termo genérico para o tipo coreográfico que representa ou para as danças que são acompanhadas por forte instrumental de percussão. Seu sentido pode também ser emprestado às práticas de capoeira. [...] No conjunto das manifestações religiosas afro-brasileiras o batuque se aproxima do que conhecemos por *candomblé* na Bahia e *Xangô* em Recife e Alagoas (LIRIO DE MELLO, 1994, p.24-25).

Novamente retomamos uma das influências da Umbanda, as religiões de matriz Africana, que trazem a prática da incorporação chamada pelos batuqueiros e pelo povo de nação de “ocupação”. Quando alguém incorpora no Batuque, Candomblé ou Nação, dizemos que a pessoa está “ocupada pelo Santo”. Esses praticantes possuíam o estigma e a necessidade, mesmo que involuntária, de resistir ao sistema dominante. Segundo Lirio de Mello:

O estigma que carregam os descendentes de africanos no Brasil, em boa parte se deve à sua estereotipização como inferiores, indolentes, batuqueiros; e bem demonstram os ineficazes censos demográficos em toda nossa história republicana que a não identificação dos fiéis ao batuque se constitui numa escaramuça para garantir a própria sobrevivência do culto e a não estigmatização na sociedade circundante. (LIRIO DE MELLO, 1994, p.38).

Ainda hoje, os praticantes da religião de Nação (ou Batuque) e os umbandistas, em Pelotas, sofrem dessas formas taxativas pejorativamente por

adeptos de outras religiões e também pessoas influenciadas pelo senso comum, de que as religiões que se utilizam da ajuda de espíritos na realização de seus trabalhos e práticas tornam-se inferiores e algumas vezes são segregadas dos meios e modos de convivência e discussão. É como se, para algumas pessoas, a presença ou existência dos praticantes da Umbanda ou religiões espiritualistas, fosse uma ameaça aos paradigmas postos, como uma tentativa de afirmação de uma verdade pré-existente, estabelecendo paradigmas de oficialismo quanto à representação do país.

Lirio de Mello possibilita imaginar que, os sujeitos/personagens que descreve em seu livro são as entidades incorporadas pelos médiuns de Umbanda, uma vez que os negros escravos ou já libertos estão fortemente imbricados no arquétipo dos pretos-velhos, enquanto os “homens que se encontravam em lugares destinados à diversão, jogatina e práticas sexuais, acompanhados pelas mulheres de má vida” (LIRIO DE MELLO, 1994) poderiam ser os exus e pombas-gira cultuados nas práticas umbandistas.

O que torna possível afirmar que o exercício da espiritualidade pelo Batuque, já antes da Umbanda estabelecida, foi também uma forma de resistência cultural: “Efetivamente o batuque constituiu-se como um espaço de resistência simbólica à escravidão, onde o conflito era preterido em relação às práticas de negociação com a espiritualidade” (LIRIO DE MELLO, 1994, p.54). E na Umbanda esse fator perpetua-se através de diferentes formas, sendo uma das maiores expressões de resistência simbólica a sintetizada pela figura dos pretos-velhos.

Como religiões – Umbanda e Nação – praticadas em grande parte nas periferias das cidades, referenda a cultura de seus moradores que, mesmo sendo não praticantes, (re)produzem suas representações de mundo. É importante considerar que estas representações, seguindo o que o conceito implica, podem ser um tanto cópia e/ou tanto interpretação da realidade, ou conforme Spink afirma, “um misto de pré-ciência, ainda nos estágios de descrição do real, e de teatro, em que atores criam um mundo imaginário, reflexo também do mundo em que vivemos – um exemplo como queria Whittgenstein, do poder da linguagem de criar o mundo” (SPINK, 1993, p.7).

Não raro presenciamos diariamente, nos meios de comunicação de massa, informações onde os umbandistas são relacionados com representações e termos pejorativos e ligados a práticas da maldade. Alguns religiosos que compõe o atual

cenário político do Brasil e programas de televisão perigosamente tendenciosos, sob a direção destes líderes, parecem ter como foco de suas falas a propagação de animosidades aos que se posicionam e praticam religiosidades que vão contra seus dogmas. Infelizmente, esse tipo de prática e de intolerância não atinge apenas os umbandistas ou as religiões de matriz africana, mas também a todo aquele que se posiciona de maneira diferente aos padrões pré-estabelecidos: homossexuais, mulheres, pobres, negros e todos aqueles que durante muito tempo, e alguns ainda hoje, se colocam em situação de diferença.

Para muitos a Umbanda é assim, “viscosa” como diz Bauman em relação à uma definição de Sartre. É reconhecida como diferente, mas ainda há uma grande dificuldade em aceitá-la em pé de igualdade com as demais religiões entendidas como cristãs.

O que faz certas pessoas estranhas e, por isso, irritantes, enervantes, desconcertantes e, sob outros aspectos, “um problema”, é – vamos repetir – sua tendência a obscurecer, eclipsar as linhas de fronteira que devem ser claramente vistas. Em diferentes épocas e em diferentes situações sociais, são diferentes as fronteiras que devem ser vistas e mais claramente que outras (BAUMAN, 1998, p.37-38).

Todos sabem que a Umbanda está ali, porém, possuem certa dificuldade em coloca-la em pé de igualdade com as algumas outras religiões do Brasil. Esse problema de aceitação da diferença de alguns Outros da Umbanda, pode se dar por inúmeras razões, inclusive pela existência de fronteiras raciais e sociais que permeiam, ainda, o mundo pós-moderno (BAUMAN, 1998). Modalidades de discriminação que conforme Santomé:

Esta modalidade de discriminação apoia-se em determinadas hierarquias e avaliações acerca da superioridade de determinadas culturas e línguas em relação a outras. Uma variedade desta discriminação é o eurocentrismo ou o afrocentrismo, ou seja, considerar que as produções culturais que determinado povo, etnia ou país produz são superiores por definição a outro (SANTOMÉ, 2008, p.38).

Mais uma vez, encontramos estes componentes na Pelotas do século XIX:

Além da reação frontal (fugas, levantes, justicamentos, aquilombamentos) e articulada dos escravos, fartamente comprovada pela historiografia e inclusive pelo nosso trabalho, coexistiram, porém, uma gama diversificada de inflexões e resistências no interior do sistema à qual se tem prestado pouca ou nenhuma atenção; são pequenos e grandes furtos, sabotagens, vivências religiosas, a magia, as festas e a sociedade nos botequins, os

grupos carnavalescos e pequenas confrarias leigas. (LIRIO DE MELLO, 1994, p.27).

Em um país de colonização europeia como o Brasil, onde os africanos (ao contrário de outras diferentes etnias) chegaram sob regime de escravidão, tornou-se preponderante a legitimação da cultura europeia, o que certamente reverbera na religião.

Durante muito tempo os umbandistas e candomblecistas foram impedidos de exercer suas práticas religiosas. No caso da Nação, religião de base africana, as relações de poder estabelecidas desde a época da escravatura no Brasil não permitiam que os escravos pudessem realizar seus rituais religiosos, sempre os segregando aos quilombos ou senzalas, onde viviam.

Nesse viés, a Umbanda torna-se essencial na luta pela diminuição das desigualdades e estabelecendo uma relação de respeito e aceitação sem descaracterizar as diversas vertentes que a constituem. Não pretendendo imputar um discurso de igualdade para com as diferenças que a compõe, mas ao contrário, afirmar que as diferenças existem também.

Não há racismo entre os umbandistas, porque por meio dos seus Caboclos índios amam os índios, por meio dos seus Pretos-Velhos amam os negros; por meio de seus boiadeiros amam os mestiços; por meio de suas Crianças amam todas as crianças de todas as raças, etc. (SARACENI, 2011, p.48).

O autor da citação acima corrobora o fator do apreço pela diversidade, não desmistifica as hierarquias dentro da prática religiosa e muito menos as relações de poder existentes, mas as põem em pé de igualdade no que diz respeito à forma com que se apresentam frente às questões de diversidade. Usa o termo “amar”, o que na verdade nos provoca a exercitar nossa capacidade de aceitação e liberdade para a eliminação de preconceitos junto a essa religião, o que certamente reverbera na vida dos seus praticantes.

Para compreender o Outro como forma de expressão cultural, que se desloca no tempo e se constitui no seu dia-a-dia, como identidade do umbandista, nos auxilia Hall:

A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 1987). É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao

redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (HALL, 2011, p.13).

Essa identidade é (re)afirmada através dos movimentos de transmissão cultural de resistência da Umbanda, que faz com que os sujeitos se (re)configurem e (re)construam com o tempo e sua história. Digo isto porque, segundo o próprio Hall (2011, p.13), “A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia”. Como sujeitos de movimentos e processos de transformações, possuímos a capacidade de influenciar e ser influenciados pelo outro.

Como prática de resistência, a Umbanda é a unificação das diferenças estabelecidas por preceitos impostos pelo poder dominante. Quem não encontra lugar em outras religiões certamente terá lugar nos terreiros de Umbanda, pois como disse o Caboclo das Sete Encruzilhadas: “a ninguém negaremos amparo” (CUMINO, 2011). Resiste ao não conhecimento e compreensão do outro e acolhe em seu seio a diversidade cultural posta, seja nas suas entidades, seja nas lutas que cada uma delas traz através de seu arquétipo escolhido para se apresentar aos encarnados (Ciganas e Ciganos, Pombas-gira e Exus, Pretas-velhas e Pretos-velhos, Caboclas e Caboclos). Mais uma vez sustenta Hall (2011, p.62): “Em vez de pensarmos as culturas nacionais como unificadas, deveríamos pensá-las como constituindo um *dispositivo discursivo* que representa a diferença como unidade ou identidade”. Isto é, também, Umbanda como prática de resistência.

Utilizamos as entidades do Candomblé (ou Batuque, ou Nação) aliadas à entidades brasileiras como os Exus, Pombas-gira e Caboclos, e isso nos constitui também como nação brasileira.

Algumas pessoas argumentam que o “hibridismo” e o sincretismo – a fusão entre diferentes tradições culturais – são uma poderosa fonte criativa, produzindo novas formas de cultura, mais apropriadas à modernidade tardia que às velhas e contestadas identidades do passado. (HALL, 2011, p.91).

Reconhecemos, assim, as diversas influências e agentes, mas os colocamos em pé de igualdade, constituindo uma unidade que abarca a diferença.

Em Bauman (1998) encontram-se argumentos que possibilitam compreender a Umbanda como acolhedora da diferença, reconhecendo suas fronteiras:

Há porém, uma genuína oportunidade emancipadora na pós-modernidade, a oportunidade de depor as armas, suspender as escaramuças de fronteiras

empreendidas para manter o estranho afastado, desmontar o minimuro de Berlim erigido diariamente e destinado a manter distância, separar. (BAUMAN, 1998, p.46)

Acredito estar aí uma das principais formas de expressão da resistência da Umbanda: não atacar, ou como diz o autor “depor as armas” e “desmontar os muros” para que se possa enxergar a prática do Outro como sendo, mesmo que diferente, em situação de igualdade com as demais ao direito e à prática.

É importante ressaltar que a Umbanda configura-se também como expressão multicultural de resistência, quando com Peter McLaren podemos afirmar que:

Diferença é sempre produto da história, poder e ideologia. A diferença ocorre entre dois grupos e entre muitos grupos e deve ser compreendida em termos de especificidades de sua produção. O multiculturalismo crítico questiona a construção da diferença e identidade em relação a uma política radical (MCLAREN, 2000, p.123-124).

Dessa forma, políticas de afirmação e direito à permanência dos fenômenos multiculturais necessitam ser enxergadas de maneira a assegurar o direito do Outro a essa prática. Aceitar a diversidade e lutar pelo direito de ser diferente serve para a construção de uma sociedade (Bauman, 1998) que se constitua de maneira menos conflituosa e mais tolerante.

Em tempos atuais precisamos estar abertos para novas expressões culturais, que cada dia mais se imbricam, sincretizam e tornam-se elementos que constituem o mundo. De acordo com Canclini:

Mais mestiçagens étnicas e sincretismos religiosos do que em qualquer outra época, novas formas de hibridização entre o tradicional e o moderno, o culto e o popular, entre músicas e imagens de culturas distantes nos tornam a todos os sujeitos interculturais (CANCLINI, 2007, p.202).

Não há como não sermos desinquietaados por essa diversidade cultural que nos é mostrada a cada dia. Mesmo que não praticantes e contra os preceitos da Umbanda, as pessoas a reconhecem como religião brasileira ou algumas vezes como uma religião de matriz africana.

Segundo Hall:

Em toda parte, estão emergindo identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas, em *transição*, entre diferentes posições; que retiram seus recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais; e que são o produto desses complicados cruzamentos e misturas culturais

que são cada vez mais comuns num mundo globalizado. (HALL, 2011, p.88).

Viver em sociedade e ser educador – no meu caso – é estar aberto e atento à essa diversidade e riqueza cultural que se põe frente aos nossos olhos diariamente.

Para McLaren (2000) a Pedagogia deve agir na contramão de esquemas de educação propostos por sistemas de governo impositivos. Neste sentido, critica a educação posta culturalmente como branca, masculina, heterossexual, capitalista e católica. Quanto à alienação em relação a este processo às vezes inconsciente, devido à massificação da mídia, o autor diz:

Deparamo-nos com um ataque crescente à inteligência humana desenvolvido pelos anarquistas da cultura de massa, uma dependência crescente de estratégias sociais manufaturadas pelos meios de comunicação de massa para construir significado e atingir consenso sobre questões morais. (MCLAREN, 2000, p.58)

E acrescenta que:

[...] as educadoras precisam de narrativas de liberação que sirvam à função *metacrítica* – que possam metaconceitualizar as relações da vida cotidiana – e que não sucumbam à unidade transcendental do sujeito e de objeto ou sua transfigurante coalescência. (MCLAREN, 2000, p.91).

Sobre a práxis pedagógica multiculturalista, aponta:

De particular importância é o conceito de “pedagogia de fronteira” de Giroux que encoraja as educadoras a afirmarem e legitimarem significados locais e constelações de significados que crescem fora de comunidades discursivas particulares, mas que, ao mesmo tempo, interrogam os interesses, ideologias e práticas sociais aos quais este conhecimentos atendem quando são analisados sob uma perspectiva mais global de economias de poder e privilégio. (MCLAREN, 2000, p.94).

Repito estas considerações acima para reafirmar o *locus* acadêmico onde este trabalho se insere e o meu papel como propositor de uma prática pedagógica que pense o multiculturalismo como ferramenta educativa, formadora não apenas de artistas, mas de cidadãos conscientes de si e do meio em que vivem.

Esta pesquisa das narrativas dos Caciques de Umbanda de Pelotas, para mim, também auxilia no movimento de construção do sujeito, como diz Hall, através de suas histórias:

As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. (HALL, 2011, p.51).

Através dessas narrativas gostaria muito que essa pesquisa colaborasse na busca por um fortalecimento desses sujeitos, que muitas vezes são esquecidos ou ocultos em nossa “América Profunda” (KUSCH, 2009).

Acredito que seja necessário trazer para o campo da educação novas formas de pensar o Outro, de maneira que este não se sinta discriminado face às ideologias e dogmas predominantes. Santomé conceitua a discriminação cultural desta maneira:

Esta modalidade de discriminação apoia-se em determinadas hierarquias e avaliações acerca da superioridade de determinadas culturas e línguas em relação a outras. Uma variedade desta discriminação é o eurocentrismo ou o afrocentrismo, ou seja, o considerar que as produções culturais que determinado povo, etnia ou país produz são superiores por definição a outro. [...] O facto de reconhecer que os conteúdos culturais se valorizam na sociedade e se trabalham nas aulas de modo obrigatório e que sistematicamente existem vozes silenciadas é uma amostra inquestionável de que apenas importa o que fazem, por exemplo, os homens brancos ocidentais saudáveis, bonitos, cristãos, de classe média e que vivem em cidades e países poderosos. (SANTOMÉ, 2008, p.38).

Retomando alguns fatores de resistência, afirmo que resistir às formas de apagamento cultural, que é o desejo dos sistemas dominantes, nos permite pensar a Umbanda como elemento fortalecedor dessa luta, que através da diversidade encontrada na religiosidade de seus praticantes pode ser mote de discussão de assuntos transversais, como formas de dominação, lutas de classes, sexismo, questões étnicas, entre outras. Segundo McLaren:

Embora nenhuma cultura seja dominante em todas as relações o tempo todo, hierarquias dependentes metaestáveis podem ainda assim ser identificadas. Os significados culturais são organizados, orientados, enquadrados e pontuados de maneira que beneficiem a cultura branca. (MCLAREN, 2000, p.44).

Não significa pensar que a Umbanda deva ser fonte de separação e valoração de outras culturas postas como oficiais, mas sim, que estenda possibilidades para que outras culturas e esses outros sujeitos possam ter suas práticas culturais reconhecidas e também respeitadas como as que estão em diferente situação. Acentua nesta questão McLaren:

Na medida em que o objetivo da pedagogia crítica é o de capacitar seus praticantes a falar com autoridade, enquanto perturbam a naturalização de convenções fixas e de contingências enraizadas, esta prática não deve, entretanto, ser desenvolvida de maneira autoritária. Ao criticar o legado disfuncional do positivismo que presume uma objetividade sem preconceitos, a pedagogia crítica busca construir uma coalizão intelectual inovadora e significativa na luta anticapitalista, anti-racista, anti-sexista, anti-homófoba e anticolonialista. (MCLAREN, 2000, p.50).

Questões relacionadas ao que a perspectiva do multiculturalismo crítico e de resistência aponta, permeiam o cotidiano de muitos brasileiros. E estas questões apareceram através das narrativas dos caciques entrevistados, demonstrando potencial para que se abra um leque de possibilidades de discussões em direção à construção do sujeito moderno. Acredito que a Educação tenha importante papel nesse trabalho e retomar as narrativas de resistência pode ser uma das maiores formas de afirmar o caráter libertador da Educação.

4 A arte de construir guias: o caminho da narrativa

“Reza a lenda” que as guias²¹ de Umbanda não devem ser compradas, nem feitas por qualquer pessoa. Desde sempre escutei de muitas pessoas a seguinte frase: “Não compra guia em casa de Umbanda, faz tu mesmo a tua ou deixa que eu faço”. Foi isso que ouvi de uma irmã do centro em que frequento quando disse que ia fazer uma guia de ciganos para mim. “O pensamento de quem faz a guia influencia na vida da gente toda vez que a gente usa”, disse ela quando me entregou a guia, embora eu também já tivesse ouvido isso de várias outras pessoas.

Esta relação me transportou para o meu universo de pesquisa quando detectei que o meu trabalho assemelhava-se ao processo de construção das guias. Aproveitei a metáfora e o veículo e durante as entrevistas dessa pesquisa construímos, eu e os Caciques entrevistados, guias. Guias que me levaram ao conhecimento de uma Umbanda que até então eu não conhecia. Guias que foram fiadas em longos pedaços de nylon que, certamente, contém momentos de muitos sorrisos e também de muitas conversas sérias sobre uma religiosidade que faz parte da vida dessas pessoas e se mistura às histórias particulares que envolvem amigos, filhos, companheiras e companheiros de uma vida dedicada à prática umbandista.

Fiamos nossas guias por horas, em conversas que esta pesquisa talvez não consiga traduzir em palavras, pois reverberaram nos olhos, sorrisos, bateres de mãos e pausas que talvez o papel não consiga expressar. A todo este movimento que a feitura da guia condensa incluem os pressupostos e procedimentos a seguir sistematizados.

Cabe ressaltar que se trata de uma pesquisa de cunho qualitativo, uma vez que “preocupa-se com a compreensão, com a interpretação de um fenômeno, considerando o significado que os outros dão às suas práticas, o que impõe ao pesquisador uma abordagem hermenêutica” (GONSALVES, 2007, p.69).

²¹ Guias são colares usados pelos umbandistas durante a realização dos rituais. Servem para identificar, através de missangas coloridas, a linha em que a entidade trabalha (exemplo: Caboclos, geralmente guias contendo verde e outras cores mescladas; Exus, guias vermelho e preto; etc.). São também pontos de energia dentro dos terreiros, que servem para dar proteção ao médium durante seus trabalhos. Podem também ser utilizadas no dia-a-dia dos umbandistas, mediante autorização ou indicação do Cacique ou entidade do terreiro.

Desde 2012, quando descobri a literatura sobre Umbanda, busco atentamente, através de diversos autores, a compreensão histórica e de luta que essa religião trava, ainda hoje, para a diminuição de preconceitos que sofreu e sofre. Neste processo, busquei descobrir autores que me auxiliassem a perceber o “educativo” na e através da Umbanda. E assim fui descobrindo que além de uma bela história, esta religião possui um grande número de adeptos e pessoas com intenção de propagar seus preceitos filosóficos e suas doutrinas, sejam elas através da palavra escrita (livros, revistas, sites e jornais a respeito do assunto) ou da palavra pronunciada e muitas vezes sentida, como é o caso das narrativas dos Caciques.

A Umbanda possui rituais que foram se diferenciando com o tempo. Cada casa ou terreiro e cada médium, professa sua fé de forma diferenciada. Janaína Azevedo, escritora sobre o assunto, diz no prefácio de um de seus livros,

sentir saudades de um tempo que eu não vivi. Um tempo em que você trabalhava o dia todo e, quando saía à noite, sendo dirigente de um terreiro, ia para a Casa cuidar das pessoas, fazer sua gira e cumprir com as suas obrigações – obrigações estas, que você assumia por vontade própria. Se a Casa recebia alguma coisa, era o justo e a justa medida de cada um em doações. Você não via templos monumentais, mas casinhas aconchegantes, onde todo mundo tinha um espaço e onde sempre tinha uma entidade para te ouvir. (AZEVEDO, 2010, p.10)

A esse serviço esta pesquisa também se propôs: buscar uma concepção de Umbanda talvez já esquecida e que pode ser retomada através da oralidade dos Caciques, chefes de terreiros, onde se doutrina através do exercício da fé, mas também se faz perpetuar a cultura, a ancestralidade e a tradição de um povo.

Como professor de teatro e como umbandista, algumas vezes temo que essa tradição venha a se perder e que essa cultura passe a ser vista apenas como um cenário de sobrevivência financeira para muitos, e não mais como um lugar de fé na criação de um mundo melhor.

Posso afirmar que essa pesquisa não se destina apenas a um breve relato sobre uma prática religiosa e cultural, mas sim, é um trabalho que humildemente pretende ser utilizado, pelas linhas e entrelinhas, como instrumento para tratar de temas transversais no âmbito da educação como preconceito de cunho étnico, de gênero, sexual, etc.

No âmbito da educação, temos ainda poucas ações que obtêm sucesso no sentido de trazer a Umbanda para dentro dos meios destinados a educar. Um fato que chocou a todos os umbandistas e pesquisadores do assunto foi quando em 2009²², Maria Cristina Marques, professora de literatura Brasileira na Escola Municipal Pedro Adami na cidade de Macaé, Rio de Janeiro, foi proibida de usar o livro *Lendas de Exu*, de Adilson Martins, na sala de aula. Segundo a professora, a decisão veio do fato da diretora da escola ser evangélica, o que, se for comprovado, levará a diretora a responder um processo pelo crime de intolerância religiosa. Isto aconteceu, mesmo tendo em vista a lei nº 10.639/03 que torna obrigatório o ensino da temática “história e cultura afro-brasileira” nos ensinos médio e fundamental das escolas públicas e particulares no Brasil.

Em pesquisa ao sistema de bibliotecas da Universidade Federal de Pelotas, ao digitar a palavra “Umbanda” aparecem apenas duas produções de alunos sobre o assunto. O primeiro, no ano de 1988, de autoria de Talita Turcato da área da Medicina, tem como foco pesquisar a umbanda como método alternativo para a solução de problemas de saúde. O outro é de autoria de Bianca Ferreira Oliveira, do ano de 2009, e fala da formação do sujeito dentro de um centro espírita de Umbanda em relação à afetividade e sexualidade entre os irmãos da casa – o trabalho pertence à área das Ciências Sociais. Infelizmente, a despreocupação com a invisibilidade da umbanda assola a universidade.

Dentro da literatura, fora o livro de Adilson Martins intitulado *Lendas de Exu*, temos a obra de Mãe Beata de Yemonjá, que através do seu livro *Caroço de Dendê a Sabedoria dos Terreiros*, repassa através de uma linguagem infanto-juvenil a tradição dentro de seu terreiro de Candomblé.

Na Umbanda, não existe como base este livro escrito para orientar os praticantes, o que temos são os encontros entre os Caciques e os filhos da casa ou então entre os filhos com as entidades espirituais, que muitas vezes se encarregam do trabalho de explicar os fundamentos da religião. Conforme já dito, dentro da Umbanda, os ensinamentos são passados de forma oral por seus narradores.

²² Notícia publicada no dia 27 de outubro no site Terra. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/educacao/livro-sobre-lendas-da-umbanda-gera-polemica-em-escola-no-rio,891937dabd9ea310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>>. Acessada em outubro de 2014.

Antes de dar início a esta pesquisa, fiz uma busca no banco de dados dos portais da Capes e Scielo para compreender um pouco da produção acadêmica sobre a temática da Umbanda. Em consulta feita em onze de agosto de 2013 aos portais citados, foram encontradas seis dissertações de mestrado, sendo utilizadas como palavras chave: Umbanda e Educação. São elas: duas produções da área da educação, uma da geografia, uma da teologia, uma da antropologia e uma da sociologia.

Considerando isto, informo ainda que desde os primeiros momentos desta pesquisa descobri que as inquietações que me moviam estavam presentes antes mesmo do pré-projeto desta pesquisa, vinham de minhas vivências na Umbanda. Tentei construir um instrumento de entrevista, para sair ao encontro das questões que me assolavam. Mas em vez de respostas, a primeira coisa que aconteceu foi surgir outra dúvida: como captaria essas narrativas? Uma vez que, me sentindo em casa em qualquer terreiro de Umbanda, como não sucumbir ao desejo de tomar um chimarrão e conversar livremente com os Caciques, por vezes esquecendo até que ali estava realizando uma pesquisa acadêmica?

Para tanto, escolhi o método da entrevista semiestruturada de investigação, pois acredito ser o melhor caminho para a busca de sanar minhas inquietações. Quanto a essa forma de entrevista nos diz Rosa:

As questões, nesse caso, deverão ser formuladas de forma a permitir que o sujeito discorra e verbalize seus pensamentos, tendências e reflexões sobre os temas apresentados. O questionamento é mais profundo e, também, mais subjetivo, levando ambos a um relacionamento recíproco, muitas vezes, de confiabilidade. Frequentemente, elas dizem respeito a uma avaliação de crenças, sentimentos, valores, atitudes, razões e motivos acompanhados de fatos e comportamentos. Exigem que se componha um roteiro de tópicos selecionados. As questões seguem uma formulação flexível, e a sequência de minúcias ficam por conta do discurso dos sujeitos e da dinâmica que acontece naturalmente. (ROSA, 2006, p.31)

O desejo era sentir-me a vontade e deixar os Caciques da mesma maneira. Uma conversa entre amigos, buscando pensar a maneira como se dão essas formas de aprendizagem dentro de seus terreiros e nas suas vidas.

A escolha pelo tipo de entrevista, como é também o caso de outros instrumentos de coleta de dados, não é neutra. Ela se justifica pela necessidade decorrente da problemática do estudo, pois é esta que nos leva a fazer determinadas interrogações sobre o social e a buscar as estratégias apropriadas para respondê-las (ZAGO, 2003, p.294).

Acredito que quanto mais à vontade os Caciques entrevistados se sentissem, melhor poderiam contribuir com a pesquisa nessa etapa que segundo Gonsalves “pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada” (GONSALVES, 2007, p. 68).

Sandra Jovchelovitch e Martin W. Bauer (2002) auxiliaram também na busca da escrita metodológica deste processo. E é desta forma que me aliei à perspectiva da Entrevista Narrativa como caminho metodológico: “as narrativas se tornam um método de pesquisa muito difundido nas ciências sociais. A discussão sobre narrativas vai, contudo, muito além de seu emprego como método de investigação” (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p.90).

A narrativa busca colocar a experiência em prática no momento em que são coletados os dados, o gravador captura aquilo que as pessoas lembram e o pesquisador busca, junto a tudo isso, explicar – ou simplesmente, explicitar –, aquilo que está contido no que foi possível coletar junto aos seus sujeitos da pesquisa.

Neste trabalho com os Caciques de Umbanda, essa metodologia torna-se interessante no momento em que a entrevista narrativa:

[...] é classificada como um método de pesquisa qualitativa (Lamnek, 1989; Hatch & Wisniewski, 1995; Riesman, 1993; Flick, 1998). Ela é considerada uma forma de entrevista não estruturada, de profundidade, com características específicas. Conceitualmente, a ideia da entrevista narrativa é motivada por uma crítica do esquema pergunta-resposta a maioria das entrevistas. (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p.95).

Imbuído disto foi que eu quis proporcionar a mim e aos leitores desse texto a sensação da experiência dos momentos em que eu e minha avó – citada no início desta dissertação –, conversávamos sobre a Umbanda, deixando-os falar e instigando-os a aprofundar determinado tema como o desenrolar de suas narrativas.

Extraí, ainda, do modelo “tabela ou enquadramento” proposto por Jovchelovitch e Bauer (2002), parte do “passo-a-passo” proposto pelos autores e construí meu percurso e minha forma de adaptá-los à minha ação no momento da preparação, durante e pós as entrevistas.

A “preparação das entrevistas” incluiu todo o estudo prévio que fiz da literatura, tanto técnica como romanceada da Umbanda, além das visitas aos terreiros de meus entrevistados. Etapa descrita por Jovchelovitch e Bauer da seguinte forma: “Isto pode implicar em ter de se fazer investigações preliminares, ler documentos e tomar nota dos boatos e relatos informais de algum acontecimento

em específico”. (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p.97). Realizei, então, isto: leituras e notas de variados relatos.

No decorrer das entrevistas foi que desenrolei o fio de nylon, espalhei as missangas e pedi aos Caciques que me ajudassem a construir as guias de nossa história. Esta fase é chamada por Jovchelovitch e Bauer (2002) de “Iniciação”, onde enquanto começávamos a dar os primeiros nós nas linhas eu explicava a finalidade da pesquisa, seus objetivos e a importância impar das histórias que os Caciques pudessem contar.

O procedimento da entrevista narrativa é então brevemente explicado ao informante: a narração sem interrupções, a fase de questionamento e assim por diante. Na fase de preparação da entrevista narrativa, um tópico para a narração já foi identificado. Deve-se ter em mente que o tópico inicial representa os interesses do entrevistador. (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p.98).

Meu tópico inicial, foi olhar atentamente para o terreiro e perguntar para meu narrador: Como aconteceu tudo isso? Como surgiu a Umbanda na tua vida?



Figura 6 – Cacique de Umbanda construindo guias no momento da entrevista
Fonte: Acervo do pesquisador.

A “narração central”, parte central do procedimento, acontece da maneira como Jovchelovitch e Bauer indicam:

Quando a narração começa, não deve ser interrompida até que haja uma clara indicação (“coda”), significando que o entrevistado se detém e dá sinais de que a história terminou [...] restrinja-se a escuta ativa, ao apoio

não verbal ou paralinguístico, e mostrando interesse (“hmmm”, “sim”, “sei”) (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p.99).

Esta etapa ocorreu sem maiores dificuldades, uma vez que já “exercitava”, mesmo que de maneira inconsciente, ouvindo minha avó.

Na “fase do questionamento”, partindo de minhas anotações, busquei esclarecimentos mais específicos juntos aos Caciques que mais tranquilamente aprofundaram as questões. A fase de questionamento “tem como finalidade eliciar material novo e adicioná-lo além do esquema autogerador da história” (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p.100).

Enquanto isso, as guias continuavam sendo feitas...

A “fala conclusiva” foi o momento não só de terminar a confecção das guias, como de desligar o gravador. Perguntei aos Caciques se algo mais eles gostariam de dizer. Alguns sim, outros não...

Nesta etapa:

quando o gravador estiver desligado, muitas vezes acontecem discussões interessantes na forma de comentários informais. Falar em uma situação descontraída, depois do “show”, muitas vezes traz muita luz sobre as informações mais formais dadas durante a gravação. (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p.100).

Tudo que foi dito nestes momentos finais foi anotado em meu Diário de campo e utilizado durante a escrita do texto da dissertação. Todo o material escrito foi reenviado para os Caciques depois de transcrito e adequado ao texto final, para que pudessem opinar e auxiliar na escrita caso alguma coisa tenha ficado incorreta.

A transcrição, passo mais cansativo desta pesquisa, se deu forma densa e atenta a detalhes. “O primeiro passo na análise de narrativas é a conversão dos dados através da transcrição das entrevistas gravadas” (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p.106). Terminado esse momento busquei grifar as palavras que me remetiam a experiência de meus Caciques quanto à forma de aprendizado de suas práticas umbandistas. “Eu vi”, “Eu via”, “Eu fui”, “Nós tínhamos”, “Eu era”, “quando acontecia”, “os olhos dele/dela”, “as mãos ficavam”, “na gira”, “eu sentia”, “eu ouvi dizer”, “eu aprendi”, “eu participei” – eram palavras e/ou frases que me auxiliaram no momento da escrita do texto que veremos adiante, uma vez que busquei focar-me totalmente na participação ativa de meus Caciques na prática umbandistas, seja ela como já praticantes ou mesmo na fase de ouvintes, apreciadores, consulentes.

Tudo está registrado e tudo que me disseram são verdades, uma vez que “de fato, as próprias narrativas, mesmo quando produzem distorção, são parte de um mundo de fatos; elas são factuais como narrativas e assim devem ser consideradas” (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p.109). Cada palavra deles está baseada em um fenômeno e prática humana, inclusive o próprio ato de narrar, e por isso, neste trabalho, tornam-se reais, vivas e geradoras ativas tanto daquilo que se pratica em terreiros de Umbanda quanto do que pertence ao imaginário das pessoas.

A análise dos dados foi feita através de um estudo rigoroso das falas dos Caciques relacionando-as com autores propostos na sequência deste texto, onde as falas consideradas mais significativas estão transcritas nos capítulos que seguem. Miguel Arroyo (2014), através de sua proposta de Outros Sujeitos, Outras Pedagogias, foi fundamental para a compreensão da proposta educacional dentro dos terreiros de Umbanda. Somaram-se a essa proposta de análise os autores Rodolfo Kusch (2010) e Boaventura de Sousa Santos (2010).

Destaco ainda que em todos os procedimentos do trabalho foi respeitada a Resolução 196/96²³ do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde que normatiza a pesquisa envolvendo seres humanos (BRASIL, 1996). O anonimato dos entrevistados foi atribuído. Os Caciques foram convidados a participar do processo somente depois de feita a explicação dos objetivos e da importância da sua colaboração. As entrevistas foram realizadas de acordo com os horários disponíveis e agendados como adequados pelos entrevistados e em ambiente escolhido pelos mesmos. No dia da entrevista foi feita também a Leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (apêndice A) aos participantes e este termo foi assinado em duas vias. No termo constavam os objetivos, a metodologia, os riscos e os benefícios, a garantia do anonimato e o direito a privacidade. Destaco que entre os principais benefícios estavam a troca de conhecimentos e a possibilidade de contribuição na construção de outras e novas narrativas que possibilitassem o enfrentamento de diferentes formas de preconceitos existentes com relação a prática da Umbanda e a Umbanda como uma outra pedagogia. Os dados coletados estão armazenados em CD-ROM, ficando sob a custódia do pesquisador e posteriormente serão arquivados no Banco de Dados do Núcleo de Arte e

²³ Resolução que incorpora os referenciais da bioética, autonomia, não malificência, justiça, equidade, entre outros. Visa assegurar os direitos e os deveres dos participantes da pesquisa, da comunidade científica e do Estado.

Linguagem e Subjetividade da Faculdade de Educação, na sala 258 da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, por cinco anos e após este período serão incinerados.

5 Narrativas de Caciques de Umbanda

Neste capítulo apresentarei as narrativas de dois Caciques de Umbanda da cidade de Pelotas, RS. Os nomes dos Caciques foram substituídos por “Filho de Ogum” e “Filha de Oxum”, nome dos Orixás que são “donos das cabeças²⁴” de ambos para que possam ser preservadas suas identidades. A escolha desses Caciques se deu basicamente pela força narrativa que suas entrevistas revelaram quando relacionadas com os objetivos e as questões de pesquisa, e também devido à minha proximidade deles. Passemos aos Caciques e o que me/nos contam suas histórias...

5.1 Depois do interesse, do aprendizado, nasce a amizade – do que me disse um Filho de Ogum

O Filho de Ogum me disse que aprendia Umbanda desde quando era ainda uma criança. “Desde pequeno eu sempre gostei, porque o meu avô, a mãe dele era Cacique de terreira, ela começou a trabalhar em casa, sozinha. Ela incorporava e os filhos achavam que ela estava louca”.

Um jovem Filho de Ogum me conta histórias de encontros, entre seu passado e seu presente. Uma projeção segura e cheia de fé em um futuro próspero que presenciaria no dia 12 de dezembro de 2014, dia da inauguração de seu terreiro, o C. E. U. Reino de Ogum e Cacique Pena Dourada.

Relatarei sua experiência como se dividida em duas partes, uma primeira que se ancora na tradição familiar de incorporação e presença da espiritualidade através de seus avós, e outra através de um encontro com um filho de Oxalá, que mudaria sua forma de ver a religião e lhe incentivaria a prosseguir em sua busca na formação para ser um Cacique de Umbanda.

O menino Filho de Ogum conta histórias da ludicidade de sua infância onde, vendo sua avó incorporada, pensava que ela estava dançando:

²⁴ Chamam “Donos das Cabeças” os Orixás que são responsáveis, entre outras coisas, pela proteção espiritual do médium. Ao se iniciar na Umbanda,

Eu via ela trabalhar, mas eu era muito pequeno, pra mim ela tava dançando. Eu não sabia, porque foi depois de um aniversário de 60 anos deles lá, eles resolveram a fazer terreira, mas eu era muito pequeno, eu não, não cheguei a, não sabia ainda o que era a religião.

Apesar da pouca convivência com seus avós, esta relação foi fundamental e trouxe-lhe noções básicas sobre o ser umbandista, acerca de como os espíritos se comportam e sobre a maneira de tratá-los tanto quando incorporados como quando estão em momentos de devoção ao plano espiritual.

O Filho de Ogum recorda uma Umbanda que seus 23 anos de idade não lhe permitiram experienciar, mas que está viva na sua memória quando fala de seus avós. Avós que viveram um tempo onde se aprendia a religião através da prática, pois não havia bibliografia disponível a respeito do tema como hoje em dia.

Como ele mesmo diz, a família ficava assustada com as manifestações da avó e dizia que eles agiam conforme achavam que deviam:

E ai eles com os métodos deles, eles queimavam lã e botavam no nariz dela. E meu vô sempre me contou esse tipo de coisa né. E ai era isso que eles faziam, a entidade ia embora, e ai um dia eles resolveram dar ouvidos aquela criatura que chagava na minha avó, entendeu? E no caso foi o Caboclo Gaúcho José, que era o que o meu vô ensinava, me falava né, no caso. E ai ele sempre foi me ensinando aos poucos, e ai as entidades davam coisas pra elas e elas guardavam.

Essas “coisas que guardavam” foram o *start* para que o Filho de Ogum começasse a sentir curiosidade sobre o assunto, uma vez que via seu avô guardar essas coisas e lhe indagava qual o sentido e para o que serviam:

E ai meu avô começava a mexer naquelas coisas, e eu indagava meu avô sobre o que era, e ele começou a me falar da religião, me falar, me falar, e eu comecei a gostar, me interessar, e quando eu comecei a ir pro centro com ele, eu passava por essas casas de religião e entrava, perguntava, indagava, comprava velas, um monte de coisas. E sempre gostei, sempre briguei por causa disso, (pausa) pela religião no caso.

Como um bom Filho de Ogum, “que não foge à guerra”, esse menino me conta que não conseguia ficar alheio às impressões e curiosidades que a Umbanda lhe implicava. Ia atrás daquilo que lhe formaria hoje Cacique de Umbanda. A informação era, e ainda hoje é, um campo a ser explorado para que não se caia “no erro do ego inflado”, coisa muito comum nos dias de hoje, segundo ele. O “avô emprestado”, homem que vivia com sua avó e não era seu “parente de sangue”,

teria sido sua primeira fonte de aprendizado: “então eu aprendi a gostar da religião com ele, ele falando, muita coisa eu aprendi com ele”.

O Filho de Ogum conta sobre, quando adolescente, “a primeira vez que eu fui em uma terreira, que eu participei, eu fui com 15 anos”.

Conta ainda, que sua iniciação como médium na religião teria sido mais ou menos por essa época. Era uma coisa que desejava desde sempre, possuir a mediunidade e realizar os trabalhos que a Umbanda solicita: “A primeira vez que eu girei foi no meio da mata no encerramento de uma terreira do C. E. U. Cacique Tupaiba”. Percebo em suas palavras, neste momento, uma grande satisfação e orgulho deste dia. Mesmo não sendo neste terreiro que se sentiria à vontade para desenvolver seus trabalhos e continuar o aprendizado, é perceptível que esse lugar tem grande importância por se tratar do local de sua primeira manifestação mediúnica. “O Tupaiba ficava umas três quadras aqui de casa. Ali do lado daquela casa de Umbanda que a gente vai de vez em quando, sabe? Pra ali pra aquele lado”.

Acompanhando algumas vezes o Filho de Ogum em suas práticas religiosas e algumas vezes simplesmente em algumas visitas que fiz em sua residência para falar de assuntos diversos – Umbanda na maioria das vezes –, percebi que seus vizinhos desde sempre o viram como um praticante da Umbanda. Talvez por nunca ter sentido vergonha, nem temor em relação a reação dos outros no que se refere a fato de ser umbandista.

[...] eu ia né, mas eu adorava né, adorava, não podia ver um toco de vela, adorava fazer um fogo, acender vela. Bom eu era, eu tinha o que 12, 13, 15 anos eu já tinha imagem de Exu em casa, acendia vela, não sabia nem o que tava fazendo né? Mas eu gostava tanto, tanto da religião...

O culto a essas imagens vem das práticas realizadas por seu avô, que o Filho de Ogum vendo-o fazer, imitava, enfrentando até a família para isso:

[...] meu pai era contra, meu pai era militar, era contra, não gostava, espraguejava, a minha mãe brigava comigo, incomodava ela, pedia dinheiro pra comprar vela, bah, desde pequeno sempre gostei, sempre fervei. Independente de coisas que já aconteceram na minha vida, eu nunca deixei a religião, sempre gostei. Eu pra mim são aprovações né? E desde pequeno o vô via muita coisa também. E aí desde pequeno o vô sempre viu entidade, sempre viu o seu Capa-preta, foi o Exu que eu comecei a trabalhar, ele viu, uma vez eu entrei e ele estava sentado no quarto que não podia ficar deitado, e ele viu o seu Capa-preta, uma vez ele viu um Bugre comigo. Deu toda discrição do bugre.

Esses enfrentamentos parecem ter sido amenizados pela presença do avô. Uma vez que já havia manifestações espirituais dentro da família, o Filho de Ogum acatou o papel de uma espécie de sucessor de seu avô que teria, por sua vez, seguido a tradição iniciada por aquele. Ele diz que a primeira corrente que entrou foi escondido e que fugia de casa para participar dos cultos da Umbanda. Diz que “isso é coisa da gente né”, com relação ao amor que possui pela religião e a dedicação de sempre se por à disposição para a prática e ritualização da Umbanda. “Não tem como fugir né, tu gosta, faz o que tiver que fazer pra, cumprir. Enfim, é a religião, tu gostas e as entidades arrumam meios de tu chegar até eles, né?”.

E assim começou a busca desse rapaz pelo aprendizado necessário para ser não apenas um médium de Umbanda, mas também Cacique. Quando lhe pergunto, em meio a nossa conversa, se ele imaginava que um dia seria Cacique de Umbanda, a resposta é que “sempre quis, sempre tive vontade, eu sempre tive essa vontade, eu sempre falei que eu ia ser, entendeu?”.

Para ele, há na religião coisas que não tem como ser mudadas e que vem através da ancestralidade e prática daqueles que iniciaram a Umbanda no Brasil. Durante várias conversas que tivemos, em quase um ano de convivência, me disse conhecer da história e fundamentos de Zélio Fernandino de Moraes (que anterior a esse capítulo já foi brevemente anunciada), porém, diz não concordar, embora reconheça o valor de muitas coisas que o anunciador/fundador da Umbanda diz. Partilha da ideia de que cada casa possui seu próprio fundamento e que este deve ser respeitado. Ele respeita os demais fundamentos, para que assim os seus também sejam respeitados.

Através das memórias da infância diz que tinha fé nas entidades do avô e que olhando, aprendia as feições, o corpo e a energia de quem estava incorporado, o que servia para acentuar a sua crença:

[...] a vó eu não cheguei a ver, eu vi o meu avô. Eu via assim, mas não chegou a ser uma coisa muito, porque não chegava bem a incorporar porque ele era uma pessoa muito doente, entendeu, mas as entidades encostavam nele, mesmo só encostando ele se transformava, e eu era pequeno e eu tinha medo né, sim, eu me apavorava, me assustavam eu tinha medo. Porque ele se transformava mesmo, e aí eu saía, tinha um portão de um pátio pro outro, e aí eu saía correndo e voltava dias depois, porque ele literalmente se transformava, era uma coisa assim bem assustadora pra quem não está acostumado a lidar, era uma coisa bem feia. Mas eu sempre, depois com o tempo fui me acostumando, e aí ele me explicava depois o que tinha acontecido, sim, ele explicava, ele tinha as entidades que a vó trabalhava que ele gostava, bah, tinha muita coisa.

Desse tempo guarda em seu congá uma imagem da cigana que sua avó incorporava. A da cigana que dançava para ele enquanto pequeno: “Tinha a cigana que eu te falei que eu tinha no congá ali, que eu mandei fazer, era a cigana que a vó trabalhava”.

O “avô emprestado” possuía dons mediúnicos que ficaram na memória do Filho de Ogum também quando relata que:

[...] no caso, a mãe desse vô emprestado, que foi o senhor que casou com a minha avó, minha avó foi muitos anos, abandonou a religião, a minha tia foi da religião também, depois começou com uns problemas de saúde dela e não foi mais, não pode ir, eu acho, deixou de frequentar, mas sempre gostaram, entendeu? Só não iam. O vô não ia em terreira nenhuma, ele gostava (pausa). Gostava, tinha a fé dele, não precisava acender vela. O vô era o tipo de pessoa assim ó, vamos supor, se tu chegavas aqui, tu tava com uma dor, uma coisa, ele te olhava e sabia que tu tava com tal problema, entendeu?

Acredito que esse foi um dos maiores princípios aprendidos, uma vez que fortemente presente durante as conversas com o Filho de Ogum, que enxergava nas curas e auxílios existentes nos rituais de Umbanda a eficácia de todo aquele ritual.

A Umbanda, falou ele, extrapola os limites da teoria e existe fundamentalmente através da prática dos rituais. Esses podem variar de casa para casa, afinal a Umbanda é uma religião praticada por seres humanos, que tem a capacidade de modificá-la conforme suas consciências.

O Filho de Ogum carrega na sua essência de umbandista, uma saudade de tempos em que as coisas eram diferentes. Enxergava nas feições de seu avô algo que acredita ter se perdido nos dias de hoje quanto às energias corporais e credibilidade na mediunidade. Quanto a isso me disse que:

É que antigamente eram cabeças e cabeças, hoje em dia é mais difícil. Mas o vô era bateu levou, ele pedia e tu via nele assim, ele era o tipo de pessoa, a mediunidade dele era tão, tão forte, a cabeça dele era muito boa. Ele cantava o início de um ponto e escorria água dos olhos e os braços dele se arrepiavam tudo. Podes perguntar, tenho aqui a tia de prova, ele cantava assim, ó mas de correr água, sabe assim de tremer o beijo, corria água dos olhos e os cabelos dele fazia assim (levantavam) que ele era peludo ne, mas era uma coisa de louco.

Aprendeu também, desde cedo, que ser umbandista demandaria outras funções além de ir aos cultos e participar dos trabalhos das sessões nas casas onde futuramente frequentaria: “tanto como eu te disse, eu era pequeno, tinha 10, 12, 13 anos e eu tinha, e acendi vela até pólvora acendia pros Exus, claro, servia cachaça,

roubava a cachaça do meu pai”. Quanto ao pai, ainda acrescenta: “Ele ficava de cara, eu lembro que eu acendia vela pro Exu, e ele dizia que se pegasse fogo na casa que ele ia desmanchar a marreta a casa”. Isso demonstra a coragem de um menino que, mesmo sem ter muito conhecimento do que praticava, realizava suas práticas com dedicação e responsabilidades criando sérios enfrentamentos, resistindo às negativas de sua própria família para ter o direito de exercer sua religiosidade.

O Filho de Ogum aprendeu com seu avô a fazer essas práticas, mas também buscava auxílio fora, quando em casa este lhe faltava.

Ah, isso aí o vô ensinava, ele não ensinava, mas ele falava, e eu ia na casa de Umbanda e perguntava pras pessoas na casa de Umbanda também, Ah e não! (risos) isso mesmo, muita coisa eu aprendi por causa da curiosidade né, a curiosidade me levou a aprender muita coisa.

Curiosidade essa que ele lamenta que não exista em todo umbandista, conforme relata: “Hoje em dia lá eu vejo o meu pai de santo ficar triste porque tem gente que não se interessa pela religião”. Diz utilizar-se de um livro de anotações para que muita coisa não se perca, embora acentue que possui “boa memória” para as coisas referentes à Umbanda: “E tenho anotado, que vá que aconteça alguma coisa que eu esqueça um dia entendeu? [...] Mas pra isso a minha cabeça funciona muito”. Com relação aos aprendizados do avô também me disse que: “Eu sentava com o caderno do lado, ele me ensinava e eu anotava. Tudo esses pontos que eu tenho anotado são das entidades da vó que ela recebeu que ensinava os pontos e eles cantavam na terreira”.

Quanto ao poder que as entidades possuem, diz que ouviu falar de muitas coisas, inclusive da época em que seus familiares praticavam a Umbanda. Mostra-se interessado em ouvir e repetir essas histórias, como relíquias das narrativas que compõe sua história familiar:

E diz que tinha um cara que não acreditava muito e ria, diz que tava na cozinha assim olhando eles trabalhando e rindo, rindo. E diz que tinha um conhecido dela que trabalhava com o Exu Tronqueira, e diz que aquele Exu, assim, firmou o olhar naquele homem, e que parece que alguma coisa assim, agarrou ele da roupa e arrastou ele pra sala e atirou ele no meio dos Exus. Também é história né, não sei se foi um Exu que pegou ele, uma entidade, um espírito, não sei o que que foi aconteceu, mas muita coisa assim, é por isso que me chamou muita atenção, era bastante história, agora se era verdade ou não, eu acredito pelo meu avô, não tinha porque me mentir, entendeu?

Se para ele essas histórias são verdadeiras, para o Filho de Ogum essa narrativa possui tamanha importância e veracidade que se tornou fator primordial na sua formação. Ele acredita que se fosse “iniciado” por sua avó talvez “seria só um médium e não conheceria muito fundamento”. Para ele, os antigos não tinham condições de correr atrás e “simplesmente praticavam a Umbanda através das entidades deles”.

O aprofundamento maior do Filho de Ogum nos mistérios da religião aconteceu quando encontrou em seu caminho o Filho de Oxalá.

Agora que eu parei na casa lá [...] que eu to me aprofundando mais, porque eu não vou dizer que não tinha fundamento as outras casas, só que, faltava alguma coisa que eu, eu precisava de mais, entendeu? Foi só passada mesmo pra eu aprender a lidar com certas coisas, mas em questão de fazer Exu, de fazer fundamento, fazer caboclo, doutrinar, em fim, os fundamentos da religião mesmo, fui aprender com Filho de Oxalá.

Este foi “um porto seguro” para a iniciação do Cacique. A confiança depositada nessa pessoa entrega ao Filho de Ogum as chaves para abrir portas e seguir com o que lhe acompanha desde menino, o desejo de se tornar um Cacique de Umbanda, direcionando sua vida para essa prática religiosa. Em nossas conversas não há como separar a pessoa do Filho de Ogum de sua função de Cacique e praticante da Umbanda, uma coisa está diretamente imbricada na outra.

Essa certeza veio no momento em que:

Foi, quando eu tive a certeza assim, foi isso entendeu? Por quê? Porque eu encontrei uma pessoa que me bah, me clareou um monte assim, me ensinou muita coisa, sei que me ensina e vai me ensinar ainda, entendeu? Então, eu tive certeza disso aí que eu quero ser Cacique, que eu quero ter minha casa tanto de Umbanda, Quimbanda e Nação, foi quando eu encontrei lá o filho de Oxalá. Foi bem isso.

O Filho de Oxalá trouxe o que faltava para que se tornasse realidade um sonho de menino que, acompanhando seu avô, buscava os fundamentos que lhe fariam compreender melhor a Umbanda. Diz que com o Filho de Oxalá pode contar em qualquer momento, que sempre tem uma possibilidade de aprendizado e que “jamais foi deixado na mão”.

Tu sabes que dentro da terreira de Umbanda, dentro do ritual pode acontecer muita coisa, tanto boa quanto ruim, entendeu? E aconteceram várias coisas ruins que os próprios ditos Caciques das casas onde eu participei, não sabiam lidar com a situação. E ali o filho de Oxalá, se

acontece alguma coisa e ele diz “faz isso”, eu vou e faço e da certo. Se está uma situação ruim, ou sei lá, se não tá o movimento, o filho de Oxalá diz “faz isso que amanhã vai acontecer tal coisa”, e eu tenho a resposta, entendeu? Então é isso aí, é uma pessoa de fundamento, uma pessoa que aprendeu, uma pessoa que correu e que hoje passa porque vê que eu gosto da religião. Ele não é uma pessoa que tira dinheiro, que faz e acontece, ele é uma pessoa que lida com a religião, que vive a religião porque gosta, porque ama. O meu caso também, eu não vivo da religião, eu pratico porque eu gosto.

Notei que o interesse e a dedicação do filho de Oxalá e a seriedade como trata a religião são admirados pelo Filho de Ogum, que segue seus preceitos e o tem como exemplo. Sua curiosidade o alimenta a estar com seu mestre, que lhe dá dicas de como seguir a religião com os tais fundamentos que lhe passa. “Com certeza, se tu não tens curiosidade tu nunca vais saber de nada, tu não vais atrás de nada e vai ficar parado. Entendeu? Se não é por curiosidade, é por necessidade, mas tu tens que ir atrás, tem que procurar”.

Neste momento, o Filho de Ogum faz a primeira grande pausa durante a conversa, como se estivesse rememorando os ensinamentos que lhe foram passados até hoje. Percebo que durante nossas conversas, as pausas parecem ser feitas toda vez que os “fundamentos” são mencionados.

Afirma, o Filho de Ogum, a necessidade de encontrar um lugar onde as coisas possam ser explicadas de maneira correta, isso sim é fundamental para um Cacique de Umbanda. Acredita e defende que ter segurança e confiar naquele que te ensina colabora apenas para que uma pessoa se torne um Cacique sério e que “siga a religião de maneira inteira”. Quanto a seu mentor, o Filho de Oxalá, me diz que:

É que ele sabe entendeu? Não vou colocar ele lá e cima, eu pra mim, ele na religião, em função foi a pessoa certa, e que tem um fundamento, e que o que ele fala, ele tem sempre uma carta na manga, entendeu? [...] É isso aí. Nos outros lugares eu não fiquei por quê? Por que essa última Cacique que eu tive, não vou citar nome tá? Ela vai e explicava coisas simples assim, que hoje eu sei que é simples porque eu sei lidar com a situação, entendeu? Eu sei o que fazer se eu passar de novo. É que eu dizia pra ela, ah fulana, tá acontecendo tal coisa, o que que eu faço, e ela “não tem o que fazer”. Coisa que hoje eu falo pro filho de Oxalá, filho de Oxalá aconteceu tal coisa, e ele diz, “faz isso que vai dar certo”. Eu vou e faço. Eu não sei se é porque eu acredito, ou se realmente é porque tem um fundamento grande, o que eu acredito que tenha, senão não ia dar certo, entendeu, eu vou, faço e da certo. Por isso eu me encontrei ali e ponto final.

No entanto, o Filho de Ogum conta também o lado negativo de ter interesse em conhecer sobre a religião:

Tanto que surgem certas coisas e o pessoal está com, pensando e maliciando certas coisas entre mim e o filho de Oxalá que eu digo assim, olha filho de Oxalá, vou meio que me afastar porque eu não quero estragar a nossa amizade porque aquela coisa, tão dizendo que é interesse, entendeu?

Os preconceitos dos demais em relação a uma amizade que nasceu em detrimento dos aprendizados da Umbanda parece incomodar o filho de Ogum, pois garante que se trata apenas de maldade das pessoas e ciúmes da relação de amizade que hoje existe entre ele e o Filho de Oxalá.

Ai tem várias coisas que tu bota em meio disso pra ti, tanto pra tu ficar perto da pessoa que tu gosta como amigo, como pai de santo, como teu mestre, entendeu, então são muitas coisas que na vida, a religião é outra vida, tu tem a tua vida pessoal, particular, e tu vais ter que jogar com muita coisa, como dizem, é a balança né?

Até o momento, a relação entre professor e aprendiz parece não ter sido abalada pelos preconceitos. “E ai é aquela coisa, é interesse na religião? É. Mas ai acabou nascendo a amizade, e ai a gente vai indo, indo, indo”.

O aprendizado, no caso desse Filho de Ogum e conforme ele diz, parte de relações de confiança, interesse e também de amizade. Extrapola, na sua leitura, os limites das relações frias do ser humano que não possuem intensidade e valoração de sentimentos puros. Sentimentos relatados tanto na relação inicial com o avô, quanto na relação com o Filho de Oxalá, pessoas que ocupam lugares especiais na vida deste Cacique.

É, o filho de Oxalá é assim ó, foi a luz na minha vida, é não, é porque eu te falei, nos lugares onde eu passei eu não vou te dizer que não tinham fundamento. Elas lidavam com aquilo que foi passado para elas. Elas não tinham curiosidade de ir, elas não tinham a humildade de procurar alguém que saiba, entendeu, pra aprender, ensinar pra elas, não, elas sabiam aquilo ali, elas seguiam aquilo ali que era certo pra elas. E ele fala por experiência, ele sabe, ele tem a paciência de, entendeu? Bom, tu conheces.

Quanto à abertura do seu terreiro, que aconteceu poucos dias após a realização da gravação de nossa última entrevista, o Filho de Ogum mostrava-se ansioso com esse dia e também amparado pelos conselhos e aprendizados que obteve com o Filho de Oxalá. Dizia estar cada vez mais encantado com os fundamentos que havia aprendido com seu mestre e que iria praticar aquilo que havia lhe dito para fazer.

É, é que nem eu te falei né, tudo tem um fundamento. Quando o filho de Oxalá me disse assim, “não, eu tenho que ir lá porque eu tenho que batizar o centro”, entendeu, porque hoje em dia a pessoa bota uma imagem na prateleira, toca um tambor e “ah, eu tenho terreira”. Entendeu? Mas é que eles não sabem, é que é fundamento, entendeu. Pelo que o filho de Oxalá foi feito que ele me passa, que é o que eu vou seguir, que eu quero seguir entendeu? Tem todo esse ritual, tu não podes. [...] Tu não pode, é que nem tu que és professor, tu não podes ensinar uma coisa que tu não sabe, porque alguém te falou.

Para este cacique Filho de Ogum esses são os fundamentos, não fazer as coisas aleatoriamente sem informação e auxílio de quem já se iniciou na religião. Para ele, ter fundamentos é não deixar morrer dentro de si o bicho da curiosidade que é o motor para que o aprendiz se dê a cada dia.

Deteve-se muitas vezes ao fato de não deixar aqueles que procuram respostas na Umbanda “na mão”, sejam elas na forma de palavras, gestos ou passes de energia através de suas entidades. Respeita e cultua cada Caboclo, Preto-Velho, Exu e Pomba-gira com quem trabalha e a eles dedica grande parte de seu dia. O Filho de Ogum é também filho de santo de Nação (religião de matriz africana), o que lhe solicita ainda mais do seu tempo enquanto líder e aprendiz espiritual. Busca no Filho de Oxalá, talvez, os ensinamentos que seus familiares já desencarnados não possam mais lhe oferecer. Mas também não descansa, tem sede de conhecimentos e entre tantos ensinamentos que encontra através da narrativa oral, mantém em seu Centro uma pequena estante com livros sobre a Umbanda e o caderninho com os pontos e fundamentos anotados, já mencionados anteriormente.

Lamenta a disseminação da Umbanda hoje como coisa banal e que pode ser praticada sem responsabilidade.

Ah, é que hoje é muito difícil tu achar um lugar sério, que te passe o fundamento certo, que tu vá seguir e ter resultado ne?, [...] A coisa era verdadeira, hoje em dia subiu muito pra cabeça das pessoas e é muito luxo, entendeu? Antigamente tu via simplicidade nas casas, tu via as coisas, tu via fundamento, hoje em dia eles fazem mais pra mostrar “eu tenho certa coisa”. Eles querem é o teatro, é a bebida, é o cigarro, é a festa entendeu, não é a religião. Então é assim que acontece, é por isso que antigamente se fazia coisas com fundamento, fazia entidade boa.

Por entidade boa, o Filho de Ogum se refere em oposição a quantidade de mistificações existentes na Umbanda, onde pessoas se utilizam das entidades para enganar e surrupiar aqueles que procuram auxílio e conforto junto a Umbanda.

A curiosidade e a sede de aprendizado do Filho de Ogum levou-o a conhecer diversas terreiras na cidade de Pelotas, quando ao ser convidado não hesita em participar dos rituais com o intuito de mais e mais aprender. “Mas, já corri a cidade toda já. Eu cheguei numa época que eu tinha uma por dia pra ir, te juro por Deus, eu tinha. [...] Até a pé eu ia se tivesse que ir, eu ia e qualquer lugar”. Então perguntei com que intuito ele fazia e faz isso. Ele responde:

De conhecer, de olhar, de aprender, de tudo né. Ponto mesmo. Adoro ponto né, ponto eu escuto uma vez já sei. É. É bem assim, bom o filho de Oxalá lá, pelo que ele me passa ele confia em mim, senão não ia me passar tanta coisa, mas tem vez que ele se cuida pra falar certas coisas perto de mim porque ele sabe que eu cato. Não, minha cabeça pra religião é assim ó.

Sinteticamente, o Filho de Ogum fala o que, para ele, é a Umbanda:

Olha, pra mim a Umbanda é uma religião maravilhosa, que é como algumas pessoas dizem é o pronto socorro do mundo, entendeu. Tem muita gente que diz “Ah eu não sou de Umbanda, ai Umbanda é coisa do diabo e isso e aquilo e aquilo outro”, mas chega na hora do pega-pra-capar, ah se um médico não sabe resolver pra quem é que eles correm? Pra Umbanda. A Umbanda lida com ervas, a Umbanda lida com coisas materiais. [...] Então, tu não vais precisar te cortar, tu não vais precisar ta tomando um monte de remédio, tu não vai precisar de muita coisa que na Umbanda tu vais fazer com uma batata, tu vais fazer com um limão, tu vais fazer com uma farinha, tu passa na pessoa e a pessoa vai melhorar. Tendo fé entendeu? Então o que é que eu digo, tem muita coisa que a Umbanda resolve que não é numa igreja que tu vais resolver, não é no centro espírita que tu vais resolver, não desfazendo disso ai porque eu acredito que com fé, se tu rezar par uma pedra tu vais ter resultado. Só que a Umbanda lida com muita coisa que muita gente tem medo de lidar. Então pra mim a Umbanda é isso, pra mim é tudo de bom [...].

Quando perguntado se teve, alguma vez, dúvidas sobre seguir ou abandonar a religião, respondeu:

Não vou te dizer que eu não tive tempos de muita revolta de pensar muita bobagem. Mas isso ai todo mundo tem. Isso ai todo mundo tem, não é porque tu estás na religião, que a tua vida vai ser maravilhosa, entendeu? Se fosse por isso, todo mundo ia ser umbandista, todo mundo ia viver se amando, se beijando, dando risada eternamente, ninguém ia morrer e a vida ia ser 100% maravilhosa. Não, não é isso, a entidade ela vai te dar força, o Orixá vai te dar força pra ti correr atrás daquilo que tu quer, passar obstáculos e tu, porque nenhum espírito vai te trazer dinheiro e bater na tua porta. O que qualquer um passa, qualquer umbandista vai passar e não é porque tu és de umbanda que tu não vais passar por nada. (pausa longa).

Finalizando, confesso que o Filho de Ogum me surpreendeu com uma resposta que eu não havia pensado. O que é ser um Cacique de Umbanda para ti?

Olha não vou te responder ainda porque eu ainda não sou, mas semana que vem eu posso te dizer. (risos). Ah, acho que eu posso te dizer assim. Mas assim, cacique de Umbanda tu vais ter a tua casa, tu vais ter uma responsabilidade maior, tu vais ter responsabilidade não só pelo teu congá, pelas tuas entidades, que isso é uma coisa que eu já tenho desde pequeno, eu sempre gostei, sabe, é uma coisa que já faz parte da minha vida. Se eu não tiver uma vela pra acender, Deus nos livre né. Tu vais ter responsabilidade além do conga, do santo, das tuas entidades, tu vais ter responsabilidades pelos teus filhos, os filhos da casa entendeu? Que é aquela coisa que eu te disse. Tu tem que saber, não adianta tu teres uma imagem em cima de uma tábua, de uma prateleira e dizer, aí eu sou Cacique. É como eu te disse, eu tenho muita coisa pra aprender, mas eu sei que vai ter gente na minha casa, que eu vou ser responsável por essas pessoas, vou ser responsável, me responsabilizar pela parte espiritual, vou ajudar em alguma coisa na parte pessoal, mas isso aí vai de pessoa pra pessoa. Mas semana que vem eu te falo (risos).

Ainda acrescenta com muita certeza, como se quisesse me convencer daquilo que eu já estava convencido: “É responsabilidade, foco e responsabilidade, é isso né, é que nem o Chico Xavier, é disciplina, disciplina e disciplina. São as três regras né? [...] E é isso aí, é aprender e ajudar as pessoas né”.

Depois dessa declaração, uma pausa longa se fez. É como se nós dois estivéssemos pensando – pelo menos eu estava –, em quanto foi dito em nossas horas de conversa. Entre risadas, memórias e sentimentos diversos consegui, com Filho de Ogum, compreender um pouquinho do que é o nascimento de um Cacique de Umbanda.

Mas parece que o melhor ainda estava por vir.

No dia 12 de dezembro de 2014, lá estava eu vestido de branco – como assim me foi pedido pelo Filho de Ogum –, em plena comunhão na primeira sessão de Umbanda no C. E. U. Reino de Ogum e Cacique Pena Dourada. Um momento emocionante, já anunciado na entrevista que ele havia dado dias antes: Por entre lágrimas... Esse momento foi onde vivenciei a maior demonstração de amor, respeito e dedicação na realização de um sonho de infância do Filho de Ogum, que assim se tornou um Cacique de Umbanda.



Figura 7 - inauguração do centro C. E. U. Reino de Ogum e Cacique Pena Dourada
Fonte: Acervo do pesquisador. Em: 12/12/14

Esse Filho de Ogum, determinado e ansioso por ter sua própria casa, fez desse dia um dia de plenitude e repleto de fundamentos. Nesta cerimônia estava o Filho de Oxalá, que lindamente batizou o terreiro. Estavam presentes também seus amigos de outras terreiras de Umbanda, seus familiares e até uma imagem nova no seu congá, a do Caboclo das Sete Encruzilhadas, entidade que vem para dar início à nova religião em terras brasileiras.

Posso dizer que esse dia, em minhas anotações, ficou sendo como dia do novo, da novidade e do nascimento. Nunca imaginei como pesquisador presenciar com tanta intensidade o nascimento de uma terreira de Umbanda. Meu contato com o Filho de Ogum foi aos poucos se construindo, em algo menos de um ano, quando diversas vezes por semana nos reuníamos para falar da religião e onde tratávamos sobre suas vivências e histórias.

O Filho de Ogum é um jovem Cacique que aprendeu com seus avós e com o Filho de Oxalá a pedagogia, a arte e a resistência que tornam um umbandista verdadeiramente ligado e imbricado à sua religião.

Sei que eu tenho muito ainda, mas muito, muito, muito, em vista do meu pai de santo lá sabe, eu não sei nada ne, mas o pouco que eu sei eu me seguro e vou levando. Mas eu tenho muita coisa pra aprender ainda, muito, muito. E se Deus quiser eu vou ainda.

E em busca de uma pausa para a narrativa desta história, escolho um fragmento que decido guardar como uma alerta. Refiro-me a consciência dos riscos

e desdobramentos que o trabalho de pesquisa que realizo possa ter. A isto o Filho de Ogum pontua:

Eu acho muito importante, porque isso aí não é uma coisa que vai ficar guardada né, porque é pra abrir pra muita gente que não conhece né? Talvez pra pessoas que conhecem e são ignorantes, e pensam errado da Umbanda. Então eu acho bom, entendeu, porque é, é obrigatório por lei, ou não é ensinar isso colégio [...] e é uma coisa que não acontece, não acontece. Eu acho muito bom, acho muito interessante, eu acho que é uma coisa que, pra muita gente vão ignorar, vão fazer caras e bocas, entendeu? Mas eu acho que tu vais ter retorno não digo de pessoas, mas da espiritualidade tu vais ter um retorno bom por lutar por isso daí. Entendeu?

Ainda não sei se entendi, ou talvez entender nem seja somente a missão, mas com certeza posso dizer da responsabilidade cúmplice que enquanto pesquisador assumo, não somente com a história do nascimento de um Cacique, mas fundamentalmente com a responsabilidade que este nascimento carrega consigo – que é a possibilidade de fazer através do meu trabalho uma demonstração de respeito pela sua história e mais um motivo para continuar a luta e a preservação da memória da Umbanda como uma tarefa incessante de aprendizado.

5.2 Pai Benedito das Almas, quem dá a doutrina é ele, quem ensina é ele – Uma Filha de Oxum vira seu espelho e me mostra o caminho de volta para casa

Uma história que começa na África. É assim que essa Filha de Oxum começa a me contar sua história de fé, amor e dedicação à Umbanda. “O bisavô da minha mãe veio num navio da África, de Angola, e foi escravo”. Mais uma vez, a tradição Umbandista começa na família e se espalha por outros caminhos que misturam continentes, línguas, costumes e rituais.

Ele foi escravo e aí ele tinha um lábio furado. Então ele tinha sete dias assim ó, sete dias quando ele ia bater jejum, ele botava a argola na boca e caminhava com as mãos pra trás assim “hum hum”, sem falar com ninguém. (pausa). Uma semana certinho. (pausa) tá? A esposa dele já sabia tudo direitinho, aí quando terminava, não tomava água não comia nada. Sete dias de jejum.

A religiosidade desse bisavô e avós da filha de Oxum, uma senhora negra, risonha e cheia de boas histórias para contar, é continuada até hoje, quando no C. E. U. Pai Benedito das Almas, um preto-velho doutrinador do terreiro, acontecem os rituais de Umbanda, rituais inspirados em ancestralidade e fundamento.

Seu bisavô, negro africano, passa para os demais membros da família rituais atípicos, talvez por carregar uma raiz africana não comum ou não conhecida por vivência aos praticantes da Umbanda no Brasil.

Depois quando passava os sete dias, ele tirava a argola, aí a gente conversava e dizia tudo direitinho para o pessoal, tá? Mas era puro, puro mesmo, tá? E a minha mãe, minha mãe era filha de Xangô, trabalhava com Tupã-Maracanã, caboclo dela, era um caboclo muito bravo também, trabalhava com João do balaio, minha mãe trabalhava com pai João do Balaio, e trabalhava com o preto-velho também, Pai Serafim. E trabalhava com uma entidade que era muda (pausa). Era mudo, Camilo.

Entidades singulares que marcaram a vida dessa senhora, a Filha de Oxum conta que “Nós temos um ancestral africano na nossa família, da minha mãe, que ele avisa da morte” – falando sobre o anúncio da morte da mãe por tal entidade. Disse ela que a mãe, ao ir buscar frutas para os filhos, olha para a porta da casa e disse que sabia, que havia chegado a sua hora, como se houvesse junto à porta alguém que só ela enxergava. “De noite ela caiu com derrame cerebral, durou três dias e se foi”.

Além da mãe, o pai da Filha de Oxum possuía mediunidade e poderes que ela se refere como feitiçarias. Em nossa conversa me diz apenas que eles possuíam o que chamam na religião de “fundamentos”.

[...] o pai da minha mãe, ele ia pra trás das portas dos bailes e acabava com os bailes. De tão feiticeiro que era! “Quer ver como esse baile não vai durar?” Ia ao baile fazia a cruz atrás das portas assim (faz a cruz com a mão), e dava os nomes das cruzas, e o baile fechava as portas e terminava com tudo. E ele dava rizada, e saía, era africano também.

Uma família que possui, até os dias de hoje, a tradição e os conhecimentos perpetuados por essa senhora, Filha de Oxum, me chamou atenção desde o primeiro momento em que a vi, devido a sua alegria e riso solto que se confirmavam no brilho de seus olhos (espelhos de Oxum?) enquanto me contava com entusiasmo sua vida de Cacique. Uma senhora com muitos anos de experiência como Cacique.

A Filha de Oxum fala da sua família com saudade e orgulho, principalmente dos feitos religiosos e encantados que seus antecessores praticavam. “Minha mãe desencantava bruxa, com os lençóis lá fora em Canguçu”, me contou com entusiasmo. Ela mostra que através desses parentes todos, iniciou um aprendizado que nunca cessa. A Filha de Oxum carrega em si uma necessidade de

conhecimento que os anos não se encarregaram de diminuir. “Minha mãe sabia muita coisa. Coisas que tu precisas ver, se eu contar [...]”.

Dividia com a irmã – já falecida –, o aprendizado e as práticas da espiritualidade:

A do Veludo, a minha irmã de Veludo aquela. Trabalhava com 12 anos de idade. Kardecismo, a minha avó por parte de mãe desenvolveu ela. Espírito familiar, depois ela passou pra Umbanda. Ela trabalhava com o caboclo Guaraci. Que por sinal era um caboclo muito violento. [...] Ele é, é um príncipe negro mesmo, ele é um preto da África. E trabalhava como caboclo, e usava uma capa preto e branca, o caboclo, um africano, com umas pena assim, parecia, parecia aqueles os guerreiros massai, do Ogum, parecia, minha irmã trabalhava muito bem com ele. E trabalhava também com um Ogum que ele vinha com o nome de São Jorge, precisava tu ver.

Uma irmã que viria a auxiliá-la no nascimento de seu terreiro. Disse-me, em referência à entidades e Orixás, que na Umbanda existe a magia que é tudo aquilo que nossos olhos não enxergam e que esta legitima os passes, benzeduras e encantamentos existentes nesta religião. “O Ogum é o rei da magia. O dono da magia é o Ogum. Todo mundo acha que não, o dono da magia mesmo é o Ogum. O dono da magia é o Ogum. O Ogum comanda a maioria dos Exus. A maioria dos Exus é comandada por Ogum”. Quando estava grávida, conta que sua irmã incorporada de Ogum disse que ela teria um filho homem e que este seria filho dele, que nasceria no seu dia. O menino nasceu em uma quinta-feira, que segundo a filha de Oxum é o dia do santo guerreiro.

Como em algumas outras famílias umbandistas, a Filha de Oxum teve resistência por parte de alguns, que no início negaram e não aceitam a religião, não apenas para si, mas também para os familiares. Contou-me ela:

Meu pai não acreditava, meu pai tinha horror da religião. Depois, tinha horror, tinha que ir escondido, ele tinha horror, meu pai não gostava. Ai depois no fim ele começou a deixar ir. Começou a deixar ir. E era muito amigo, meu pai ficou muito amigo do meu preto velho, ai ele disse assim pro meu preto velho “meu amigo Benedito” ele dizia. Quando meu pai faleceu, ele encomendou, deu três dias e meu pai faleceu dormindo.

Pai Benedito rege a fé e práticas da Filha de Oxum. Ela diz que tudo que ele diz no terreiro é lei e que todos o obedecem sem questionar. Pai Benedito é o grande doutrinador da casa que ele pediu que fosse fundada.

Quando lhe fizeram um feitiço no Candomblé, onde fez parte por muito tempo, ela me conta do poder atribuído ao Pai Benedito. “A gente tinha um cachorro boxer e o feitiço que era pra mim pegou no cachorro”. E ainda:

E o pai Benedito, e eu me desesperei, peguei uma vela no congá, peguei uma vela branca e fiz assim no cachorro, “pelo amor de Deus pai Benedito” eu disse pra ele. O cachorro estava morto, eu tenho testemunha pra te dizer, e ele não me levanta o cachorro, o preto-velho? Levantou! Por Deus nosso senhor, não quero dar um passo aqui ó, o preto-velho não me levanta um cachorro morto? Eu passei uma vela, pergunta pro meu filho, passei uma vela e o cachorro estava mortinho tá. Passei uma vela gritando pro ele “Pai Benedito me socorre pelo amor de Deus” e o cachorro não me levanta e não me olha pra ele assim, e ele diz, “minha filha não tem condições que isso é uma bruxaria”.

A cura nesse caso não era possível, pois a bruxaria endereçada a essa Cacique já havia atingido o cachorro.

Importante destacar que, no meio da conversa, relata sobre a magia negra:

Magia negra é proibido! Eu tinha um amigo que disse que ia botar o centro dele assim ó. Porque ele tinha uma paixão pelo seu Lucifer assim né, e eu perguntei, deixa de ser bobo rapaz, eu disse pra ele, e aí ele disse que ia botar o centro dele “Reino de Açaroti”, e eu disse então bota, então bota que tu vais ver onde vais parar! Ó (fez com a mão o sinal da cruz), na hora. [...] E ele queria que eu fosse pra magia negra. Aí eu, tchê, mais eu não sou disso!”.

Quanto à entidade que chama de Açaroti, explica:

Açaroti, sabe quem é Açaroti? Exu Rei das Sete Encruzilhadas. Ele é o Açaroti! É o demônio de asa, o demônio que voa. É uma das entidades do Lucifer. É Lucifer, Belzebu e Açaroti que é o Sete Encruzilhadas. Quando tiver o seu Lucifer, a imagem do seu Belzebu e a imagem do seu Sete Encruzilhadas, magia negra! [...] Onde tu ver o Lucifer, o Belzebu e o Sete Encruzilhadas é magia negra! As três entidades do mal, como se fosse o pai, o filho e o espírito santo.

A Filha de Oxum conta que no início não queria ser Cacique de Umbanda e então fala do surgimento de sua terreira:

Não, não. Não queria! Eu não queria, vou contar como surgiu minha terreira. Eu não queria, não queria terreira nem nada. Olha, eu vou te dizer, eu não queria ser Cacique de terreira. Eu trabalhava particular, com o Pai Benedito das Almas. Essa minha filha que está aqui agora comigo, que está há 30 anos comigo. Essa menina vivia desmaiando, caindo, desmaiando e caindo, desmaiando no candomblé. A mulher saía na rua e caía. [...] E uma senhora que hoje já é falecida disse assim: “filha de Oxum, tu não trabalhava com o Pai Benedito?”, e eu digo, não, ela é macumbeira maior, pede pra ela. “Não filha de Oxum, trabalha com o Pai Benedito”. Eu digo não Aí foi, foi, foi até

que trouxeram ela. Está ai viva até hoje, graças ao Pai Benedito das Almas. Ela está na corrente comigo há 30 anos já. E os filhos dela também tão todo mundo junto. Ai se reuniram todo mundo, eles trabalhavam com um monte de cliente, se reuniram e “Pai Benedito das Almas, vamos montar uma terreira?”. Não, ele disse, não porque vocês não vão aguentar minha linha. (pausa) o meu fundamento vocês não vão aguentar, ele disse. E o pessoal né, “mas Pai Benedito, vamos montar um terreiro meu Pai”, e ele Não, Não, Não. [...] e sete dias antes dele abrir a terreira, ele abriu a terreira dia 23 de Abril de 1982. Faz 32 anos que eu tenho terreira, no dia de Ogum, o padroeiro da casa aqui, do vizinho da casa é o Ogum, quem cuida da casa é o Ogum.

Desde esse momento o terreiro começou os trabalhos de Umbanda com aproximadamente 30 pessoas na corrente, já no primeiro dia de culto. Os participantes passam pela casa da Filha de Oxum também de geração em geração:

Eu tive a terreira lá na Cohab, depois é que eu vim pra cá, aqui eu to há 13 anos, lá eu morei 18 anos. Então faz 32 anos que esse véio tem a terreira. Olha, os filhos foi passando de geração em geração na mão dele. Olha, uma a geração dos pais que foram com ele pra fundar a terreira, já tem os filhos e já tem os netos na corrente.

“Quem dá a doutrina aqui dentro é o Pai Benedito das Almas”. Essa é a afirmação que a Filha de Oxum mais fez durante nossa conversa. Entre risos e pausas que parecem servir de acesso a uma memória distante, fui sendo apresentado à sua fé e confiança no preto-velho que fundou seu terreiro e lhe deu a oportunidade de tornar-se uma Cacique de Umbanda.

Então quem dá a doutrina aqui dentro da casa é o pai Benedito das Almas. Ele dá a doutrina. Ontem mesmo disseram assim, “O filha de Oxum, teus filhos são maravilhosos”, e eu disse: os filhos do Pai Benedito! São filhos dele, quem dá a doutrina, quem ensina é ele. (pausa). E o que ele disser é lei. Se ele disser assim “amanhã tem que acender uma vela”, tu chega aqui em casa amanhã e está tapado de vela. Todos! Eu tenho filho que vem de Joinville, tem filho que vem de Joinville pra terreira, tem duas de porto alegre. É uma doutrina! Uma doutrina delas é dada pelo nego véio. Se ele disser que é, é, se ele disser que não, não.

É ele quem proporciona a cura, a segurança e a prática de fé e de lealdade ao mundo espiritual. Pai Benedito das Almas é o grande mentor do terreiro, é respeitado por todos que, segundo a narradora, possuem além de fé, uma relação de carinho e amizade com a entidade que doutrina, ensina e auxilia a todos.

A Filha de Oxum conta que muito foi auxiliada pelo preto-velho Pai Benedito, mas que um Exu também lhe auxilia nos momentos mais difíceis, o Exu Tranca-Ruas:

Na Umbanda porque começou com o meu padrinho. Meu padrinho que é falecido que trabalhava com o Tranca-Ruas, e esse mesmo preto-velho que eu trabalho, e eles passaram pra mim. Eu tinha 12 anos de idade e ele disse assim pra mim, o seu Tranca-Ruas, eu tinha um medo dele horroroso. E ele disse pra mim “tu vais trabalhar comigo ainda”, e eu disse pra ele, eu não, e ele disse “tu vais ver”. Eu via ele todas as noites.

Acompanhada desde criança pelas entidades do padrinho, ela conta que lembra que eles lhe causavam certo medo – era ainda criança – e também a certeza de que algum dia teria que assumir esse compromisso. Hoje demonstra, em relação ao Exu, sentimentos de confiança. Disse-me que: “eu confio nele, eu confio nele mesmo. Eu fiquei braba porque ele me machucou aquele dia, que eu não quis trabalhar com ele e ele me machucou, mas eu confio nele mesmo”.

Nesta fala acima, refere-se de forma risonha e alegre à um dia em que não estava muito disposta a incorporá-lo em um ritual e atribui ao Exu um tombo em uma árvore quando já no final dos trabalhos.

Conta também de momentos engraçados que participou ou ouviu falar com relação às suas entidades.

A namorada do meu filho, o pai dela, foi lá na minha casa na Cohab, e tem a vó dela, abraçava seu Tranca-Rua, beijava ele e ele ficava furioso. “Tu não me agarra que eu não gosto dessa coisa!”. Mas pobrezinha da velha, pobrezinha da velha era idosa, porque ela gostava dele porque ele ajudou o pai da guria essa.

A Filha de Oxum demonstra felicidade ao falar de sua vida de umbandista, mesmo nos momentos tristes como o falecimento de sua irmã. Para ela, a Umbanda, é como se fosse um acalanto, um descanso para as dificuldades da vida. Busca através da fé a explicação para os momentos difíceis e a força para seguir em frente na busca da felicidade.

Relembra que Pai Benedito teria atribuído a ela o cargo de Cacique da terreira e à sua irmã já falecida, a função de uma segunda Cacique.

Essa minha irmã que faleceu, ele disse pra ela, eu quero que a senhora seja a minha segunda Cacique. E ela disse pra ele “não meu pai, eu não quero uma terreira por causa das investidas que fizeram, eu não quero”. Então ela disse isso pra ele. Sete dias antes dele abrir a terreira, ele mostrou pra ela o que ia acontecer. (pausa) e porque que ele queria que ela fosse Cacique. E aí ela foi, ela trabalhava com o Veludo, foi. Trabalhava com o Veludo, ela que trabalhava com o seu Veludo. E aí ela pegou e foi. Ela ficou anos e anos com ele dentro da terreira. Aí porque ele mostrou pra ela o que ia acontecer, e aconteceu com ela exatamente o que ele disse. Exatamente!

A Filha de Oxum conta também de caminhos de paz e de guerra. Através de sua fé, assim expressa:

Eu acendi uma vela pro Pai Ogum vermelha, e disse pai Ogum, eu peço pro senhor, que o senhor mostre pro seu filho quem tocou ele na religião, que ele pensa que é uma pessoa e é outra. [...] Eu disse meu Pai eu quero muito que o senhor mostre. Acendi uma vela vermelha pra ele, vermelho pro Ogum é guerra! Demanda, é guerra, se acender uma vela vermelha por Ogum é guerra. Ele vai atrás da caça. Ele sempre disse, se acender uma vela vermelha ele vai atrás da caça. E sai atrás! O verde pro Ogum é amanso, porque é a paz dele, mas se tu acender uma vela vermelha pro Ogum, tu estás pedindo pra ele que ele vença uma demanda pra ti.

A Filha de Oxum orgulha-se dos Orixás. Se diz repleta de orgulho em ser uma filha de Oxum, senhora da fertilidade, da beleza e da riqueza, dona das águas doces.

Sobre o Exu Tranca-Ruas que ela trabalha, disse que ele é responsável por grandes feitos na vida de seus filhos e dela também.

No dia da minha primeira visita ao seu terreiro, observei um lindo conga com entidades, algumas já bem antigas, que a filha de Oxum preserva até hoje. Quanto a esse lugar, onde ficam as imagens, diz:

Esse congá que eu tenho aqui, que é do Pai Benedito das Almas não é meu, ele ganhou todas as imagens, não comprei nenhuma, cada vez que ele vencia uma demanda, ele ganhava as imagens, vencia demanda e ganhava as imagens. O preto velho, não comprei uma imagem, ele ganhou todas!

Ela mostra, orgulhosa, um presente que Maria Padilha, uma Pomba-Gira²⁵ que também incorpora, ganhou por ter alcançado uma graça. Diz que essa Exu também é muito respeitada por todos em seu terreiro: “Padilha, a mesma coisa. Vou te mostrar o que eles deram pra Padilha aqui. (mostrou uma caixa). Quero mostrar aqui pra ele. Padilha (mostrando um chapéu da pomba-gira)”. Um chapéu muito bonito, cheio de rendas vermelhas – como é comum o uso nos rituais de incorporação de Exus. As Pombas-gira ou Exus mulheres costumam se vestir de maneira “formosa” ou “elegante”, como elas mesmo dizem nos terreiros de Umbanda. “Ela se veste todinha de preto, só de preto com isso aqui (mostra o chapéu mais uma vez). Isso aqui foi a minha filha que deu pra ela de presente por uma demanda vencida”, diz a filha de Oxum sobre o adereço.

²⁵ Pombas-Giras são nomes dados às Exus mulheres dentro dos terreiros de Umbanda.

Revela a mim, mistérios ainda desconhecidos sobre os pretos-velhos e os ensinamentos que eles passam:

O Irineu, que era da federação, que foi o primeiro presidente da federação. Aquele homem sim, aquele homem conhecia religião. Ele me disse que o Pai Benedito das Almas era um semi-Orixá. Disse na frente de todo mundo “Pai Benedito das Almas é um semi-Orixá”, ele disse. Pela maneira como ele fala as coisas, pelo jeito como ele trabalha e faz as coisas, e eu digo, mas todo mundo diz que ele é um quimbandeiro, mas ele é um semi-Orixá. E uma preta-velha me disse assim, Maria Macambira “o teu nego velho vai em lugares que eu não posso ir, ele entra e sai a qualquer hora, e eu não. Se eu for lá, eu vou ficar trancada. Ele vai no céu, e vai lá no buraco do homem e sai, e eu não.

Mostra ter conhecimento dos pretos-velhos que, a meu ver, são personagens centrais como doutrinadores e ensinadores da Umbanda quando incorporados em seus médiuns. Mostram-nos as ligações entre a vida e o plano dos que já passaram para outro lado e trazem consigo fatores de resistência através do arquétipo de antigos escravizados no Brasil, e algumas vezes, na própria África.

Maria Macambira o nome dela. Se o preto-velho não trabalhar pro lado da quimbanda fica. Olha só Vó Chinica, Pai Benedito das Almas, Pai Joaquim de Angola é outro quimbandeiro. Chico Preto e Serapião, são dois pretos-velhos, mas tem gente que chama eles de Exu. O Chico Preto é preto-velho, e o Serapião é preto velho, tá. Mas o pessoal chama eles de Exu. E é preto velho. Serapião é mal, Serapião é muito mal.

Retornando à história do início da terreira, conta a Filha de Oxum:

Quando eu abri lá na minha corrente tinha 32 pessoas. Te juro por Deus, nosso senhor. Pergunta pro meu pessoal, o preto-velho tocava terreira de porta aberta e ficava, essa garagem aqui onde eu faço aqui, é fichinha pra casa onde eu morava, vou te mostrar a casa onde eu morava antes de vir pra cá. Fazia duas garagens dessa aqui, de comprimento e quadrada, e ficava gente na rua. Lhe juro. [...] Quando eu saí de lá, meus vizinhos ficaram chorando. Chorando no dia que eu sai. Quando abriu a terreira, com foguete e tudo, com foguetório para inaugurar pro Tranca-Ruas. Por isso eu estou falando, eu fico quieta, mas estou contando, até foguete atiraram pro Tranca-Ruas.

Em determinado momento uma alegre surpresa. A filha de Oxum começou a cantar lindamente pontos que relembra do dia da inauguração de seu terreiro. Cantavam para o Tranca-Ruas, diz ela:

*Ele é um Exu,
Ele é um Exu confirmado,
Lucifer vem na frente,*

E a Padilha do lado.

Diz que muita coisa aprendeu, e sabe, desses muitos anos de terreira e também de Cacique de Umbanda. Aprendeu muito com as entidades que estiveram no seu terreiro e disse em certa época de sua vida ter iniciado no Candomblé. Mostrou-me muitas fotografias dessa época – no Candomblé as pessoas sabem que se ocupam, diferente da Nação Cabinda, praticada no Rio Grande do Sul. Reza a lenda que se as pessoas souberem que se ocupam que o santo se afasta ou, a pessoa enlouquece –, do Candomblé e também da Umbanda. Esses objetos são guardados de forma a acessar a memória da filha de Oxum, pois enquanto via as fotografias e obviamente conversávamos, ela comentava algumas, contando o que aconteceu no dia. Considera-se grande observadora do que acontece ao seu redor durante os cultos de Umbanda e candomblé:

Já noto que as vezes eu fico lá olhando? Eu digo pra eles, eles podem saber dos fundamentos, mas eu também sei dos fundamentos, e muitos, muitos fundamentos. De terreira, de pai de santo, que já ajudei muito essa gente de pai de santo. O Ogum disse assim pra mim “minha filha tu não quer participar dessa gaitinha feinha?”. Gaitinha feinha, quer dizer batuque. Gaitinha feinha, e ele disse “não quer participar dessa gaitinha feinha” e eu ai meu Pai! Queria botar a Oxum. Eu era da Oxum”.

Ainda olhando as fotos, contou que a Umbanda mudou muito de uns tempos para cá. Sente falta dos fundamentos que aprendeu durante a vida dentro da religião.

Agora tem muita mistificação e antigamente não existia. Tu trabalhava e trabalhava mesmo. Era puro, tu chamava de primitivo, a humildade daquela época, agora eles não tem humildade. E não tendo humildade não trabalha. A humildade é que faz o médium. Quanto mais humilde o médium for, melhor ele vai trabalhar. Quer saber de outra? Sabedoria, conhecimento, humildade, preto-velho. Então, eles te passam os fundamentos né, como tem que ser feito. E quanto mais humildes nós formos, mais força nós vamos ter. E o Cacique é escolhido pelo Oxalá. O Oxalá é que escolhe os Caciques. Chefe de aldeia que eles chamam. Dono de aldeia. É conhecido assim ó, quando nós vamos tocar uma terreira, vamos supor, se eu for tocar uma terreira sábado, lá no céu, já fica tudo formado esperando. E existe uma ligação de luz, do céu pra terreira da gente, onde a gente é iluminado, o teu terreiro, em cima do meu terreiro. E lá eles já sabem que tu vais trabalhar. Todos sabem que vão trabalhar. Então eles ficam tudo na volta, esperando tá, as entidades de luz tudo iluminando teu terreiro lá de cima, tá, que é por onde os Eguns se guiam por aquela luz pra vir pedir misericórdia. Pela luz que fica em cima do terreiro.

Mostra-se conhecedora da história da Umbanda, aquela que é tida como oficial, quando do momento da incorporação do Caboclo das Sete Encruzilhadas por Zélio Fernandinho de Moraes.

Caboclo das Sete Encruzilhadas, o caboclo que fundou a Umbanda. Ele disse, ele era um padre e disse “eu vim fundar a Umbanda do caboclo e do preto-velho”. Ele era um padre, e quando ele chegou no mundo o vidente disse assim pra ele “ué, mas o senhor está com vestes, com roupas eclesiásticas”, e ele disse assim “na outra passagem de vida que eu tive eu fui um padre, e hoje eu vim fundar a Umbanda do Caboclo e do Preto-Velho”. “E como é que é o seu nome?”, “tem que ter um nome? Então me chamarei Caboclo das Sete Encruzilhadas, para mim não haverá caminhos fechados”.

E canta, agora, o ponto do Caboclo:

*Glória ao sol, glória a Lua,
Glória a encruzilhada com seu povo da rua.
E ele vem das matas, vem de Aruanda,
Vem ajudar seus filhos a vencer demanda.*

“As pessoas distorcem as coisas”, diz ela, afirmando que os Caboclos trabalham para a saúde, caridade e emprego. Diz que “A Umbanda é do Caboclo, quando o Caboclo chega no mundo, é a primeira linha que chega. Pra limpar, pra fazer a caridade e trabalhar”. O Preto-Velho, segundo ela, trabalha para dar segurança, conhecimento e colocar base na terreira e mais uma vez diz que são os “para-raios” das terreiras. Sobre seu Preto-Velho, diz saber também de sua vida quando ainda encarnado: “Ele sabe lê, ele sabe escrever, o Pai Benedito, tá. Ele foi ensinado, o pai Benedito. E Benedito quer dizer “o abençoado”. Esse é o significado do nome dele”.

Pegando um gancho no significado do nome de seu Preto-Velho, entra no assunto do sincretismo religioso que aprendeu também através da sua prática como Cacique de Umbanda e candomblecista. E me explica:

E na igreja católica, o São Benedito que o pessoal diz, ele é o Bará. Sabe quem é o Bará? Sabe quem é o São Benedito? O Bará Lodê é quem no sincretismo? São Pedro. E o São Benedito é de que? Bará Lanã. O Agelú é o que está no colo do São Benedito, de Santo Antônio, que é o Adágue. Sabe é o sincretismo do Adague. E o São Benedito é o Lanã, o Bará mais brabo que existe é o Lanã. É o mais brabo que existe. Todo mundo, o senhor Lodê “Ah o senhor Lodê não gosta de mulher”, ele até pode não gostar, mas tudo que eu fiz pra ele, ele me respondeu.

Difícil obter um relato apenas da Umbanda, pois a vida da Filha de Oxum imbrica-se entre a Umbanda e o Candomblé. Por isso as diversas narrativas de seu contato com Orixás em meio a nossa conversa sobre a Umbanda. Mas retoma o assunto sempre e um pouco sobre os Caboclos:

Cacique Tupi, o Tupi das matas, pai da Jurema, Tupi Guarani, é o chefe da linha de Caboclo, é o chefe da tribo Guarani. Então, o Tupi Guarani que é o chefe da linha dos caboclos. Cacique Tupi é um caboclo muito raro, ele vem enrolado numa cobra coral assim ó, ele se enrola numa cobra coral. É um caboclo da mata, muito brabo, muito bom, mas muito brabo. Ele é pai da Jurema, pai da Jupira, pai da Bartira e da Iara. As quatro filhas de Tupi.

Chama esse aprendizado todo de fundamento da religião, coisas sem as quais, segundo a Filha de Oxum, não há como praticar a Umbanda e ainda: “Então o fundamento, tu vai aprendendo, e quem me ensinou todos os fundamentos da religião, isso que eu sei, e as coisas que eu sei pra trabalhar, Pai Benedito das Almas. O Preto-Velho me ensinou tudo, foi ele que me ensinou tudo, tudo”.

Já no final de uma de nossas conversas a Filha de Oxum me surpreende com uma revelação que completaria a primeira parte do ciclo dessa pesquisa: “Cheguei numa mulher que não existe mais, dona Elza Barbosa, trabalhava com a Quitéria, fundamento raiz, raiz!”. Elza Barboza é uma das irmãs de meu avô que citei no começo deste trabalho e que foi Cacique de Umbanda na cidade de Pelotas. “Raiz, Dona Elza Barboza sabia das coisas aquela mulher”. Então lhe disse que ela era irmã de meu avô. A filha de Oxum acentua: “Aquela mulher conhecia, aquela mulher conhecia fundamento. Elza Barboza era muito minha amiga”.

Contou que tia Elza, como eu a chamava, lhe ajudou na cura espiritual de seu irmão, que internado no hospital aguardava cirurgia.

Ela chegou e disse assim pra mim, eu disse eu quero falar com a senhora, e ela disse para mim “Angela, entra nos treze raios de sol”, eu entrei. “O que te disseram, é verdade”, e eu disse pra ela, mas eu não lhe falei nada, e ela disse “eu sei porque tu veio aqui. O que a Oxum te disse é verdade. E só tu podes salvar o teu irmão. Porque eu vou mandar. O teu irmão está tão fraco. Eu vou mandar dois médicos kardecistas pra poder operar ele, porque ele não pode operar, por causa da Umbanda. Mas tu tens que te vestir toda de branco, todos tem que sair de dentro do quarto e tu tens que ficar fazendo um pai nosso, uma ave Maria, uma salve rainha e um glória ao pai. Tu vais enxergar os dois médicos”, me lembro até hoje deles, faz mais de 15 anos que aconteceu isso com o meu irmão, e eu estou ajoelhada assim (ajoelha-se nesse momento para me contar a história). “A meia noite em ponto eles vão operar a cabeça do teu irmão, e ele vai levar a mão assim (leva a mão à cabeça), e vai dizer ai minha cabeça”. Pois sabe o que o meu irmão fez! [...] Eu me virei e me ajoelhei assim, quando olhei tava

entrando os dois médicos, um assim ó, dessa altura assim, e outro maior, um bem ruivo e um bem moreno parecia turco. Eles me disseram assim. Todos de branco e foram em direção à cama do meu irmão. E eu estou lá virada, estou rezando sempre. Quando bateu a meia noite assim, o meu irmão disse “ai a minha cabeça”. Pronto, está operado, o doutor foi lá né, olhou meu irmão e disse assim, “ai o que aconteceu? Vou te mandar pro quarto”, e olhou pra minha cara assim, e fez assim pra mim “parabéns”.

“A Dona Elza Barbosa não era brincadeira”, me diz mais uma vez, como se confirmasse tudo aquilo que meus familiares diziam desde sempre de tia Elza, que ela era uma Cacique de mão cheia. É como se os espelhos de Oxum me mostrassem o quão enraizado esses aprendizados estavam também em mim, em minha família e em tudo aquilo que muitas vezes ouvi dizer da prática de Umbanda. Sua narrativa cruza a de minha família quando me diz que, na busca do aprendizado da Umbanda.

A Filha de Oxum me disse tanta coisa importante, que definitivamente por mais que eu escreva sei que não conseguiria mostrar. Foram gestos, olhares, pausas, respirações e principalmente sorrisos de uma Cacique que torna sua vida e a vida dos outros mais leve, como ela mesmo relata. Fato que, ao observar pelas reações em mim, eu poderia assinar embaixo.

6 UMBANDA – Outros Sujeitos... Outras Pedagogias...

Neste capítulo pretendo retomar o diálogo das narrativas apresentadas com a perspectiva teórica do multiculturalismo crítico²⁶ e de outros autores complementares, como principalmente Miguel Arroyo, na busca daquilo que este autor denomina como Outras Pedagogias. Passo então a esta tentativa.

“Depois do interesse, do aprendizado, nasce a amizade”. Através dessa frase do Cacique Filho de Ogum, percebo que as relações entre os saberes construídos dentro dos terreiros de Umbanda direcionam os sujeitos envolvidos para Outras²⁷ formas de aprendizados.

Durante as entrevistas, o Filho de Ogum e a Filha de Oxum complementam suas falas de maneira à sempre se referirem a outros sujeitos com os quais possuem ou possuíam forte relação afetiva. Esses sujeitos são aqueles que lhes ensinam a prática do Cacicado na Umbanda, lhes transmitem os ditos fundamentos e aprofundam os saberes necessários à prática da religião.

Os dois entrevistados demonstraram que relações de carinho e amizade são motores para que esses Outros aprendizados aconteçam de maneira mais afetiva, quando, por exemplo, relatam através de suas falas que: “enfim, os fundamentos da religião mesmo, fui aprender com Filho de Oxalá”; “Ai tem várias coisas que tu bota em meio disso pra ti, tanto pra tu ficar perto da pessoa que tu gosta como amigo,

²⁶ O Multiculturalismo Crítico reconhece que a transformação institucional não deve apenas assumir as operações internas das instituições educacionais (currículos escolares e materiais de ensino, estilos de ensino e aprendizagem, assim como atitudes, percepções e comportamentos de professores e administradores), mas também promover discussões sobre poder, política, brancura e capitalismo. Os educadores do multiculturalismo devem estar dispostos a questionar suas crenças pessoais a respeito de classe, raça, etnicidade, gênero, etc., enquanto refletem abertamente sobre seus preconceitos moldados por sua própria posicionalidade e participação em grupos raciais, étnicos, de classe, idade, gênero, sexualidade, etc. diferentes. Incorporar de fato o multiculturalismo nas escolas envolve não só abordar como o conhecimento de conteúdo (em matemática, ciência, história, etc.) pode ser integrado nas salas de aulas de formas culturalmente relevantes, mas também tratar como a construção de conhecimento na sala de aula é afetada pelos contextos históricos e sociopolíticos localizados que são internalizados pelos estudantes e professores da mesma forma. Disponível em: <<http://www.gestrado.org/?pg=dicionario-verbetes&id=141>>. Acessado em outubro de 2014.

²⁷ O termo “Outro”, aliado a uma perspectiva teórica que confere a dimensão da alteridade um caráter de “centralidade”, será escrito em maiúsculo neste capítulo. Referência a Outros Sujeitos, Outras Pedagogias de Miguel Arroyo (2014).

como pai de santo, como teu mestre”; “E era muito amigo, meu pai ficou muito amigo do meu preto velho, ai ele disse assim pro meu preto velho “meu amigo Benedito”.

A capacidade de (re)criação e instituição de significações múltiplas ao vivo faz parte da imensa riqueza das narrativas e das vidas desses Caciques. O movimento de busca por respostas parece quase sempre repousar em imagens de conforto. Como no caso ilustrado pelo Filho de Ogum, quando relata que, ao ver sua avó incorporada diz que “Eu via ela trabalhar, mas eu era muito pequeno, pra mim ela tava dançando”.

A singularidade das narrativas dos Cacique, que permitem concebê-las como Outras Pedagogias, possui como base a confiança. Confiança que depositam, tanto nas entidades da Umbanda quanto nas outras pessoas que passam por seus caminhos, colaborando através do compartilhamento dos saberes que adquirem na prática da Umbanda.

Aprendem confiando nas entidades, como pode ser observado quando a Filha de Oxum relata: “E eu não, se o guia me disser pra mim “não faz”, eu não faço”. A orientação desses aprendizados acontece fortalecida por relações em que confiando, aprendem. O que também pode ser observado quando novamente faz essa afirmação, desta vez com relação ao Exu da filha de Oxum: “eu confio nele, eu confio nele mesmo”.

Da mesma forma, o Filho de Ogum atribui ao Filho de Oxalá a segurança que necessita para tornar-se Cacique de Umbanda. Na grande maioria da sua fala, remete ao nome do Cacique que lhe passa de forma confiável, segundo ele, esses conhecimentos. “Hoje em dia lá eu vejo o meu pai de santo ficar triste porque tem gente que não se interessa pela religião”, ao contrário dele que possui sede de conhecimentos. Esse interesse também não existiria se não houvesse confiança entre eles, da parte do Cacique experiente que passa as tradições e saberes e da parte do jovem aprendiz de Cacique.

Pude observar também que este mesmo princípio da confiança foi aplicado ao processo de entrevista durante o espaço da pesquisa. Pois, no momento em que o fio de nylon foi desenrolado e as missangas colocadas uma a uma, a entrevista tomava outra direção, sentíamos mais à vontade para falar coisas relacionadas não só à Umbanda, mas a todas essas relações com outros sujeitos, personagens que foram aparecendo no desenrolar do fio e na construção das guias.

Por isso, talvez, não seja forçado afirmar que são essas relações de carinho, amizade, confiança e segurança a base do processo de formação de um Cacique de Umbanda. Através destes elementos e do simbolismo a eles relacionados que os sujeitos cruzam por caminhos rumo a uma busca comum: o aprendizado e a transmissão de saberes que a oralidade e a prática diária solicitam.

Através das falas é possível compreender também que a pedagogia umbandista se dá através da vontade, movidos por preceitos de “fé e caridade”, conforme disse o Caboclo das Sete Encruzilhadas (CUMINO, 2012). “Sempre quis, sempre tive vontade, eu sempre tive essa vontade, eu sempre falei que eu ia ser entendeu”, me disse em determinado momento o Filho de Ogum e desde que percebeu essa vontade partiu na busca do conhecimento que Outros lhe podem oferecer.

“Vou te mostrar o que eles deram pra Padilha aqui”, disse a Filha de Oxum, mostrando um presente dado a Exu Maria Padilha – momento que a escrita talvez não consiga expressar, mas que posso afirmar que em seus olhos percebi o orgulho dela em mostrar o quanto lhe faz bem ser Cacique de Umbanda. Essa mesma Filha de Oxum mostra-se grande aprendiz de uma vida toda, quando fala que as suas entidades lhes ditam as regras, fundamentos e ordens. Diz ela em relação a uma de suas entidades: “Então quem dá a doutrina aqui dentro da casa é o Pai Benedito das Almas. Ele dá a doutrina”. Ela o considera o Outro que dá a pedagogia do terreiro, o que é determinante para como as coisas devem ser.

Atrevo-me a dizer que “compromisso” é a palavra que navega tranquilamente nas entrelinhas desse texto, que busca trazer à discussão o quanto de Outras Pedagogias, Outras formas de olhar o mundo existem em um terreiro de umbanda. Encontro na figura de seus Caciques a profunda responsabilidade de passar para os que estão por vir tudo aquilo que aprenderam em uma vida dedicada a esse sacerdócio. Segundo Benjamin (2012, p.221) “Contar histórias é a arte de conta-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas” e esta função se adequa perfeitamente a um Cacique de Umbanda.

O exercício do sacerdócio dessas pessoas se dá pela dedicação, por vezes de vidas inteiras, ao aprendizado e a transmissão de conhecimentos. A peculiaridade como desenvolvem essas práticas pedagógicas levam a um diálogo direto com algumas concepções de Miguel Arroyo (2014) e Boaventura de Souza Santos (2010).

Analisando as narrativas desses Caciques percebo um movimento cíclico que não envolve apenas eles, mas também uma rede de Outros Sujeitos que participam diretamente desse constante aprendizado. Aprendem com outros Caciques ou adeptos da religião de Umbanda que se articulam com práticas e saberes que os antecederam, ensinando às novas gerações com o mesmo entusiasmo e dedicação que aprenderam. “Eu já ajudei muito dessa gente, de pais de santo, muitos”, já aprendi muito com essa gente”, afirma a filha de Oxum. O Filho de Ogum não somente conta sobre o aprendizado familiar, mas também como se deu este com o Filho de Oxalá nas seguintes passagens: “Aprendi com ele, a minha vó era também, a mãe da tia era, mas eu aprendi a gostar mesmo com ele”, referindo-se ao avô, e também “de fazer fundamento, fazer caboclo, doutrinar, em fim, os fundamentos da religião mesmo, fui aprender com o Filho de Oxalá”.

Tornam-se, nesta perspectiva, sujeitos políticos que exigem que as suas histórias sejam recontadas, assumindo os seus lugares como protagonistas e nos levando a repensar suas Pedagogias como Pedagogias Outras. Isto pode ser compreendido através de Arroyo quando diz que:

Ao se afirmar presentes como sujeitos políticos, sociais exigem o recontar dessa história pedagógica que os segregou como sujeitos e os relegou a meros objetos, destinatários das pedagogias hegemônicas. Exigem que sua história seja reconhecida, ou melhor, que as narrativas da história oficial das teorias pedagógicas sejam outras (ARROYO, 2014, p.12).

Há um esforço por parte dos sujeitos entrevistados de fazer com que a Umbanda seja reconhecida não somente como religião oficial do Brasil, embora seja denominada brasileira, mas também de propor Outra forma de culto ao divino, Outra forma de professar a fé que advém de Outros Sujeitos donos de Pedagogias próprias.

Através das histórias dos antepassados, que comumente influenciam os Caciques nas suas práticas, a história é recontada e transformada com o passar dos tempos, sendo frequentemente atualizada, mas jamais aparenta ser desconexa com aquilo que chamam de “fundamentos”. Esses “fundamentos” caracterizam as normas e maneiras de realizar os cultos que propiciam a afirmação de uma identidade própria à religião de Umbanda.

Outro elemento de destaque é que parece traço marcante da identidade umbandista e que a fez e faz ser durante muito tempo posta “do Outro lado da linha”

(ARROYO, 2014), é a negação. A Umbanda estabeleceu-se como forte elemento de resistência também observada pela sua rejeição ou negação. Como relata o Filho de Ogum em determinado momento: “Tem muita gente que diz ‘Ah eu não sou de Umbanda, aí Umbanda é coisa do diabo e isso e aquilo e aquilo outro’”. Isto leva a pensar que a prática era renegada, por muitos adeptos, uma vez que isso lhes trazia dificuldade de boa convivência social.

Observei que esses Caciques e também os antigos, sempre lembrados, lutaram duramente para o exercício da livre prática religiosa como demonstrou Lírio de Melo (1996) em seus escritos sobre Outras resistências. Isto acontecia muitas vezes dentro de casa, como disse a Filha de Oxum: “Meu pai não acreditava, meu pai tinha horror da religião”; e também o filho de Ogum: “meu pai era contra, meu pai era militar, era contra, não gostava, espraguejava, a minha mãe brigava comigo”.

Este movimento de resistência pode ser entendido naquilo que Arroyo defende como prática de libertação e de recuperação da humanidade, onde o que nos convoca a um movimento de estar atento “a suas presenças e a seus movimentos sociais e culturais, a suas práticas de liberdade e de recuperação da humanidade roubada” (ARROYO, 2014, p.27), ou seja, mesmo que de maneira não organizada formalmente, através da realização séria e comprometida de seus cultos.

Com o tempo, essa imagem do Umbandista como “cultuador do diabo” vem sendo desmistificada. Isto pode ser observado também através do surgimento de literatura apropriada e da busca por conhecimentos dos Caciques na atualidade. O ensinamento dos preceitos umbandistas já possui aporte teórico disponível e acessível para o seu estudo sistematizado. O que leva a concluir com Arroyo que:

Na medida em que os grupos subalternizados desconstruem as imagens em que foram pensados abrem o caminho para reconfigurar o próprio campo do conhecimento e das teorias e pedagogias socioeducativas que se configuram nessa forma inferiorizante de pensá-los e de pensar-se. (ARROYO, 2014, p.59).

Tal fato configura-se também através das narrativas analisadas que, melhor compreendendo as questões da espiritualidade, melhoram suas práticas e a disseminação da religião, que desta forma ganha maior credibilidade e confiança, conforme o Filho de Ogum demonstra quando diz que:

Quando o Filho de Oxalá me disse assim, “não, eu tenho que ir lá porque eu tenho que batizar o centro”, entendeu, porque hoje em dia a pessoa bota

uma imagem na prateleira, toca um tambor e “ah, eu tenho terreira”. [...] é que nem tu, é professor, tu não podes ensinar uma coisa que tu não sabe, porque alguém te falou.

Há um respeito pela tradição que faz com que a religião de Umbanda, pelo menos para os Caciques entrevistados, se configure como uma religião séria, com fundamentos e preceitos a serem seguidos com seriedade.

Constato também, junto aos Caciques, que outro elemento central são as relações de poder que se estabelecem com certa conformidade. A realização do culto é marcada também por processos de disputa e de diferenças. Como ilustra o Filho de Ogum, quando diz que:

[...] que horror a religião aqui em Pelotas, porque, nos outros lugares tu vai e as pessoas se unem pra fazer religião, se unem pra fazer uma procissão, se unem pra manter as matas, os lugares que se cultua a entidade, limpam. Já aqui eles sujam, aqui eles discutem fundamento, “ah eu to certo, eu to errado”, entendeu, eles não se unem pra fazer religião, eles se unem pra falar da religião.

Fato que também constatei durante o episódio da tentativa do poder público local de inibir a festa de Iemanjá em Pelotas no ano de 2014. O resultado foi que poucos umbandistas compareceram a procissão e inúmeras foram as reuniões na câmara de vereadores e manifestos relacionados a esse fato. Conversando com os Caciques entrevistados e também com outros Caciques de Pelotas sobre o ocorrido, percebi que existem rivalidades entre os terreiros, jogos de vaidade, marcados por diferentes formas de competição e por outros fatores que impedem que a Umbanda tenha uma unidade, tanto de pensamento como de ações a favor da sua livre prática em Pelotas.

Para alguns, a forma de pensamento dos dominadores, postas e tidas como oficiais, ainda possui grande influência. O que talvez ajude a compreender a matriz de significação e reprodução de afirmações como a referida anteriormente e que dizia que a “Umbanda é coisa do diabo”, conforme disse o Filho de Ogum, relacionando sua fala ao pensamento que ainda hoje é atribuído à Umbanda.

O que pode ser relacionado com o movimento de silenciamento que estes pensamentos e práticas foram submetidos, indo ao encontro do que Arroyo diz quando afirma que:

[...] essa percepção aguda da visceral relação entre o pensamento e as pedagogias da libertação/emancipação conformado em nossas sociedades

latino-americanas e a especificidade das formas de silenciamento, inexistência, sub-humanidade em que foram pensados e alocados nos negros, indígenas, quilombolas, caboclos, os(as) trabalhadores(as) camponeses, favelados, os pobres, esse pensamento e essas pedagogias não teriam existido. (ARROYO, 2014, p.63).

A união entre os umbandistas é apontada pelos Caciques como uma via de acesso às políticas de afirmação. Nesta perspectiva, não aceitar as formas de segregar a religião de Umbanda torna-se responsabilidade consciente àqueles que defendem sua prática e doutrina específica. Novamente Arroyo me auxilia a sustentar essa afirmativa:

Admitir que são sujeitos de produções afirmativas de saberes, culturas, leituras do mundo, mas a serem encaixadas na forma legítima de conhecer, sistematizar, termina por não reconhecer a produção de pedagogias alternativas. Reconhecer essa diversidade pedagógica, esses critérios diversos de validação de conhecimentos e coloca-los em diálogo será uma das funções dos encontros de conhecimento recíproco entre educadores e educandos, entre os movimentos sociais e cientistas, pesquisadores, artistas na diversidade de espaços de diálogo. (ARROYO, 2014, p.69).

Parece, pois, necessário o reconhecimento deste caminho da diversidade como produção afirmativa de saberes e de pedagogias alternativas e a Educação pode fazer esse trabalho, diminuindo os muros da intolerância ao saber do Outro e promovendo/alargando esses espaços de discussão. Afirmção que é corroborada pelo Filho de Ogum, quando diz que: “Eu acho muito importante, porque isso ai não é uma coisa que vai ficar guardada né, porque é pra abrir pra muita gente que não conhece né? Talvez pra pessoas que conhecem e são ignorantes, e pensam errado da Umbanda”. Acrescenta Arroyo:

As teorias pedagógicas, os conhecimentos sistematizados nos currículos somente serão outros e outras se somarem com os Outros Sujeitos sociais na desconstrução, na crítica e superação das formas históricas de pensá-los e inferiorizá-los no padrão de poder/saber. (ARROYO, 2014, p.70).

Diante disto é possível afirmar que os Umbandistas apropriam-se dos saberes transmitidos, criando uma Pedagogia que lhes traz um sentido real. Fato que pode ser ilustrado na instituição de seus rituais e crenças, como por exemplo, através da imagem de Jesus Cristo nos seus altares que significa para eles não o mesmo que para os católicos, mas é sincretizado na imagem de Oxalá. Criam essa imagem que lhes é mais próxima, amparada por sua fé, que é construída de diversas formas, sejam elas orais, visuais, sensitivas e singularmente experienciadas.

Rodolfo Kusch (2009), ao repensar as origens da América-latina, afirma com relação ao indígena colonizado: “*el indígena creía en esa cruz porque restituía el orden cósmico, y no porque fuera la cruz de Cristo*” (KUSCH, 2009, p.54). Para os Caciques e os umbandistas quem está na cruz é Oxalá, que lhes dá sentido à ordem religiosa que participam e lhes configura como grupo, fortalecendo assim sua fé.

Analiso também que formam, mesmo que com doutrinas e fundamentos diferenciados de terreiro para terreiro, uma identidade umbandista – o que já foi exposto no capítulo anterior onde fiz referência a história da Umbanda. Também noto esse fortalecimento de traços identitários nos discursos que se referem à resistência desses grupos. Isto permite, mais uma vez, ir de encontro ao que afirma Arroyo quando diz que “na reação e resistência a essas “pedagogias” étnico-raciais inferiorizantes foram se configurando Outras Pedagogias de construção de identidades positivas [...]” (ARROYO, 2014, p.162).

A própria oralidade configura-se como uma das formas mais importantes de expressão da resistência, quando revelam “segredos” que somente devem ser falados dentro dos terreiros e entre aqueles que creem serem merecedores desse conhecimento. Obviamente não revelarei nesta pesquisa essas narrativas, a pedido dos próprios Caciques, apenas cito uma frase da Filha de Oxum que caracteriza bem essa afirmativa: “o homem faz as coisa, ele faz cada coisa que eu fico apavorada”. Após essa fala, compreendi que algumas coisas devem dizer respeito apenas aos umbandistas. E aqui se torna claro o limite ético da pesquisa.

Neste sentido, é relevante ressaltar a importância do respeito pela diferença Boaventura de Souza Santos, através do conceito de “Ecologia dos Saberes”, propõe um “diálogo entre os saberes” (2010, p.11) onde não há supressão de outras formas de produzir conhecimentos e sim as suas valorizações, propondo um diálogo reflexivo entre elas.

Cabe ressaltar que este movimento de diálogo é possível também de ser identificado na Pedagogia umbandista. Em momento algum, durante os dois anos da pesquisa quando em convivência diária com umbandistas e Caciques de Umbanda, percebi que refutam qualquer outra forma de conhecimento que não seja “originário” de sua religião. Expressam que compreendem como contribuição todo aquele ensinamento que possa levar a uma melhor atuação.

Esse movimento de diálogo, aplicado aos objetivos desta pesquisa, é necessário de ser evidenciado na perspectiva de reconhecimento destes saberes

como verdadeiras epistemologias, aproximando o conhecimento dito científico do popular. Conforme diz Santos:

Epistemologia é toda a noção ou ideia, refletida ou não, sobre as condições do que conta como conhecimento válido. É por via do conhecimento válido que uma dada experiência social se torna intencional e inteligível. Não há, pois, conhecimento sem práticas e atores sociais (SANTOS *apud* SANTOS; MENESES, 2010, p.15).

Para os Caciques de Umbanda, nada é mais válido que a produção de conhecimentos construída dentro de seus terreiros. É isto que afirma e comprova a eficácia de seus rituais. É nesta dinâmica que estabelecem relações sociais que positivam essa produção constante de ações de formação dos sujeitos que por ali passam.

Como afirma Santos (2010) “somos as nossas crenças e temos nossas ideias”. E sendo o Cacique de Umbanda um dos agentes responsáveis pela transmissão dos fundamentos e preceitos umbandistas, é possível identificar uma identidade muito específica atribuída pela dinâmica estabelecida entre as suas crenças e as ideias formadas, seja pela presença da dúvida ou pela ausência dela:

Ortega e Gasset (1942) propôs uma distinção radical entre crença e ideias, entendendo por estas últimas a ciência ou a filosofia. A distinção reside em que as crenças são parte integrante da nossa identidade e subjetividade, enquanto as ideias são algo que nos é exterior. Enquanto nossas ideias nascem da dúvida e permanecem nela, as nossas crenças nascem da ausência dela. No fundo, a distinção é entre o ser e o ter: somos as nossas crenças, temos nossas ideias (SANTOS, 2010, p.55).

Através das perguntas erguidas por Santos e Meneses, prossigo indagando: “que tipos de relacionamentos são possíveis entre os diferentes conhecimentos? Como distinguir incomensurabilidade, contradição, incompatibilidade e complementaridade?” (SANTOS; MENESES, 2010, p.65) aplicando isto às narrativas dos Caciques da umbanda.

As falas dos Caciques entrevistados me faz crer que não buscam esses Caciques e talvez, por consequência, os umbandistas, o posto de iguais, pelo contrário, buscam afirmar suas diferenças rumo a coexistência de múltiplas culturas e formas de expressão. Visto que a Umbanda assume em seu discurso o papel de uma religião que aceita a todos sem nenhuma forma de discriminação, discurso evidenciado desde os “conselhos” de sua entidade criadora, o Caboclo das Sete

Encruzilhadas: “Com os espíritos adiantados evoluímos, aprendemos. Aos atrasados, amparamos e ensinamos. E, a nenhum negamos a oportunidade de uma comunicação” (LINARES, *apud* CUMINO, 2011, p. 24).

Por fim, analisando as falas dos Caciques de Umbanda entrevistados e levando em consideração as observações realizadas nas visitas nos terreiros, retomo a imagem síntese da representação que condensa a umbanda como Outra Pedagogia através de suas aspirações, sentidos e significados, ou seja, melhor dito pelo Cacique Filho de Ogum: “Olha, eu pra mim a Umbanda é como algumas pessoas dizem é o pronto-socorro do mundo, entendeu?”.

Será que entendi? Será que entendemos? No limite que me cabe como final deste trabalho, talvez tenha como resposta somente a constatação de que é caminhando que se faz o caminho. E a mim resta o desejo de continuar a compreender, cada dia mais. Este movimento não acaba aqui, mas segue em condição de disponibilidade seja como pesquisador, como educador, como artista e talvez sobretudo como ser apaixonado e dedicado ao humano ou ao que faz humana a pesquisa, a educação, a arte e a vida – que é o respeito por nossas crenças e convicções.

7 O movimento das gaivotas – Considerações Finais

Entrar no mundo da narrativa oral tornou-se algo extremamente desafiador desde o início dessa caminhada. A experiência que eu tinha até este momento era a da narrativa do corpo do ator em cena que, mesmo na pausa, nos silêncios ou no minimalismo dos movimentos sempre narra algo a alguém.

Através de Walter Benjamin (2012) incursionei por narrativas que se movem através do tempo, “passam de boca em boca” (p.214), e que aos poucos, para mim, foram se configurando através do contato com os Caciques, que gentilmente fiaram comigo nossas guias. Guias que emergiram de fragmentos de um passado às vezes não muito distante, como no caso do Filho de Ogum, ou de outros mais distantes, como o da Filha de Oxum.

Se para Benjamin (2012, p.216) “o narrador é um homem que sabe dar conselhos ao ouvinte”, eu, quando em contato com os Caciques de Umbanda, pude aprender em cada palavra, gesto ou silêncio ou quem sabe, melhor, começar a aprender a escutar o vasto tempo das lembranças, o tempo da memória.

Algo próximo daquilo que me apontou Benjamin em um de seus textos, o meu preferido, “Gaivotas”:

Noite, o coração pesado como chumbo, cheio de angústia, no convés. Por muito tempo sigo o movimento das gaivotas. Sempre há uma pousada no mastro mais alto e descreve com ele seu movimento pendular que desenha descontinuamente no céu. Porém, nunca é a mesma por muito tempo. Outra se chega; com dois bateres de asa, não sei se pediu que a primeira se fosse ou se a afugentou. Até que, subitamente, a ponta do mastro fica vazia. Mas as gaivotas não deixaram de seguir o navio. Como sempre, estão descrevendo seus círculos numa amplidão que nem a vista alcança. No entanto, é outra coisa que lhes traz um senso de ordem. O sol já se pôs há muito tempo, e o oriente está muito escuro. O navio ruma para o sul. Alguma claridade permaneceu no ocidente. O que, pois, se processou com os pássaros – ou comigo? (BENJAMIN, 2012a, p.230).

Agora posso dizer que descobri, ao final, que a busca na verdade era por mim. Por tudo aquilo que faz parte de uma tradição familiar umbandista, de traços e marcas que eu mesmo desconhecia através dos narradores familiares, que me conduziram à parte do que eu sou hoje. Por este motivo, utilizo a metáfora das

“gaivotas”, que flanaram por todo meu pensamento na construção deste texto, e que embora não apareçam de forma explícita, conduziram o movimento de escrita e aprendizado dos voos que possibilitaram que, neste momento, se desse um ponto, por hora final, nesta pesquisa.

As gaivotas metaforizam as partidas e chegadas daqueles que, como em um jogo teatral muito comum, às vezes andam ao nosso lado, horas na frente, horas atrás. Há aqueles que ficam no meio do caminho e também aqueles que sei que encontrarei à frente na caminhada. Ou seja, as gaivotas que mesmo distantes nunca deixam de seguir o barco.

O objetivo de compreender os processos educativos presentes nos terreiros de Umbanda, pelo menos em alguns, na cidade de Pelotas, centralizada neste momento na figura dos Caciques, cumpriu-se na medida em que sei que Outras possíveis formas de aprendizados existem, e se constroem, a cada dia em um movimento cíclico, de giras que desejo estudar posteriormente. Por hora, torna-se necessário encerrar parte desse primeiro voo com a sensação de dever cumprido.

(Re)visitar a história da Umbanda, através de literatura específica, e também dos Outros Sujeitos que perpassam este texto, foi de um aprendizado ímpar para a diminuição de preconceitos e questões não bem esclarecidas à mim enquanto umbandista, artista, arte-educador e ser humano. Compreendi que os livros pesquisados sobre a Umbanda, foram trampolins para um salto um pouco maior, que foi a busca por uma percepção minuciosa, que se deu de forma empírica no contato direto com a religião de Umbanda, dentro dos terreiros, observando seus mais diversificados aspectos, que como artista de teatro encontro possibilidades de pesquisas futuras nas questões de corpo, voz, presença e energias cênicas.

Como educador compreendo que há somente um caminho na busca por um mundo melhor, na diminuição das diferenças, que se dá através da aceitação do Outro como produtor do diferente, em um meio multicultural rico na troca de experiências e saberes que é o nosso país e o mundo.

A metodologia proposta nesse trabalho me ensinou que podemos ser adaptáveis sempre que assim nos for solicitado, trazendo os métodos existentes para nossos quintais, onde nos sentimos à vontade para transitar em um terreno que propicia o novo, mas com uma sensação de que “muita coisa a gente pensa que não sabe”. Neste aspecto, o caminho metodológico só se fez “caminhando”, pois foi preciso libertar-me dos medos que iniciais dessa pesquisa, quando ainda em fase de

projeto, e alçar mais um voo rumo à uma descoberta que se fez fiando missangas por missangas na construção de guias de Umbanda, que guiaram essa trajetória.

Posso dizer que esse movimento foi regido por encontros que tive de pouso em pouso neste delicado vôo. Foram tantos Outros e Outras que passaram por minha experiencição, e também nesse texto e que por hora não aparecem explicitamente, que me coloco à disposição e desejo continuar para que essas Outras Pedagogias possam surgir na feitura de outras guias que ainda pretendo construir. Aprendi a arte do encontro.

Aprender a escutar e olhar para os Caciques de Umbanda de Pelotas foi o maior saldo que encontrei ao pesquisar a vida destes Outros Sujeitos com Outras Pedagogias, diferentes das convencionais, mas que partem de um lugar onde estranhamente eu também me perco e me encontro. É nessa via que esta pesquisa reverbera em minha vida e percepções de mundo, onde, o que chamo desde o início de experiencição, ocorre na arte do encontro, da sensibilização e recepção da diferença.

Mais uma vez vou buscar em Arroyo (2014) aporte para seguir o meu caminho na direção destas Outras Pedagogias, certo de que “Toda pedagogia para os diferentes que não superar essas visões inferiorizantes que vêm desde as origens de nossa história política, cultural e pedagógica serão antipedagógicas” (ARROYO, 2014, p.13), e isso me constrói como professor, arte-educador e ser que pensa no Outro como forma viva de possibilidades, tanto para mim que o enxergo quanto para ele que tem a possibilidade de fazer este mesmo movimento.

Aprendi e ousei dizer mais uma vez que a Umbanda é que nem teatro, a gente só consegue fazer se tiver alguém junto! No teatro cada descoberta é porta e ao mesmo tempo chave para outras novas inquietações. Da mesma forma as narrativas da Umbanda, um movimento cíclico me faz retornar às minhas tradições familiares como se tivesse voltando à estaca zero, ao começo de tudo, espaço onde nascem e renascem novos questionamentos.

No teatro todo trabalho desenvolvido de forma satisfatória acredito que seja possibilidade de novos voos para o artista, que busca na insatisfação e no desconhecido maneiras de avançar e tocar alguns Outros com sua arte. É como disse certa vez a escultora Camille Claudel: “Há sempre algo de ausente que me atormenta”, e apropriando-me disso, faço de minhas buscas um céu de ausências que procuro decifrar ao longo dos voos que me são permitidos. O “ausente” para

mim torna-se possibilidade, desejos de novas experiências minhas com relação ao Outro, que em um momento próximo, anuncio que se tornará cíclico, em movimento, experienciável e que “Gira”.

Irei buscar a partir deste momento de final de escrita desse primeiro movimento de pesquisa na Umbanda, um próximo passo, também a ela associado, ao qual denominarei por hora de “Estética da Gira”.

Associo este momento com o que descreveu Galeano (2012), nos sonhos de Descartes, quando ao narrar o terceiro sonho diz que “ele abria uma enciclopédia, procurando um caminho para seguir na vida, mas faltavam páginas na enciclopédia” (GALEANO, 2012, p.352). É exatamente dessa forma que me sinto ao término desta pesquisa, como se diante de uma enciclopédia com pouquíssimas páginas escritas e um enorme desejo de buscar completá-la, mesmo sabendo que jamais será possível. Pois desde muito sei que... a vida é incompletude... e sendo assim... por que narrar/dissertar também não o seria?

Referências

ARROYO, Miguel G. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. 2ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

AZEVEDO, Janaina. **Tudo que você precisa saber sobre umbanda**. Vol. I. São Paulo: Universo dos Livros, 2010.

_____. **Tudo que você precisa saber sobre umbanda**. Vol. II. São Paulo: Universo dos Livros, 2010a.

BEATA DE YEMONJÁ, Mãe. **Caroço de dendê; a sabedoria dos terreiros, como lalorixás e Babalorixás passam seus conhecimentos a seus filhos**. Rio de Janeiro: Pallas, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I**. Magia e técnica, arte e política, ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. **Obras escolhidas II**. Rua de mão única. São Paulo: Brasiliense, 2012a.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde – Ministério da Saúde. **Resolução nº 196/96**. Brasília. 1996.

CANCLINI, Néstor Garcia. Quem fala e em qual lugar: sujeitos simulados e pós-construtivismo. In: CANCLINI, Néstor Garcia. **Diferentes, desiguais e desconectados**: mapas da interculturalidade. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007. P.183-208.

CASTRO, Euclides Franco de. As tias minas. **Princesa do Sul**, 5ª edição, Pelotas, novembro de 1950. p.3-5.

CEPJA. **Corrente mediúnica**. Disponível em: <http://centropaijoaodeangola.com.br/corrente_mediunica_148.html>. Acesso em: 28 abr. 2014.

CORRAL, Janaina A. **As sete linhas da umbanda**. São Paulo: Universo dos Livros, 2010.

CUMINO, Alexandre. **História da Umbanda, uma religião brasileira**. São Paulo: Madras, 2011.

DIAS, Renato Guimarães. **Blog Registros de Umbanda**. Disponível em: <<http://registrosdeumbanda.wordpress.com>>. Acessada em: 10 de outubro de 2013.

FELINTO, Renata (org.). **Culturas Africanas e Afro-brasileiras em sala de aula**. São Paulo: Madras, 2011. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.

GALEANO, Eduardo. **Os filhos dos dias**. 2ª edição. Porto Alegre, RS: L&PM, 2012.

GESTRADO. **Verbetes Multiculturalismo crítico**. Disponível em <<http://www.gestrado.org/?pg=dicionario-verbetes&id=14>>. Acesso em: 10 out. 2014.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. Campinas/SP: Alíneas, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HARTMANN, Luciana. Comunidade narrativa da fronteira. In: HARTMANN, Luciana. **Gesto, palavra e memória**: performances narrativas de contadores de causos. Florianópolis: Ed. da UDESC, 2011. p.95-126.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Os contextos do saber**. Representações, comunidade e cultura. Tradução de Pedrinho Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes,

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin. ENTREVISTA NARRATIVA. In: BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p 90-113.

KUSCH, Rodolfo. América Profunda. In: KUSCH, Rodolfo. **Obras Completas tomo II**. Santa Fé: Fundación Ross, 2009. p.3-254.

LIMA, Tânia; NASCIMENTO, Izabel; OLIVEIRA, Andrey (Org). **Griots – Culturas africanas: linguagem, memória, imaginário**. Natal: Lucgraf, 2009.

LINARES, Ronaldo Antonio; TRINDADE, Diamantino Fernandes. **Memórias da Umbanda no Brasil**. São Paulo: Ícone, 2011.

LIRIO DE MELLO, Marco Antônio. **Reviras, batuques e carnavais: a cultura de resistência dos escravos em Pelotas**. Pelotas: Editora Universitária UFPel, 1994.

MCALAREN, Peter. **Multiculturalismo crítico**. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2000.

_____. **Rituais na escola: em direção a uma economia de símbolos e gestos na educação**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1991.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

PIEGAS, Cíntia. Umbanda, um século de religião brasileira. **Diário Popular**, Pelotas, 16 nov. 2008. Estilo, p.10-11.

RAVAGNI, Vera Lúcia. Narrativas da tradição como meio de ensino na formação continuada de professores. In: Contação de História, **Anais**, 2007. Disponível em: <<http://www.botucatu.sp.gov.br/eventos/2007/conthistorias/artigos/narrativasOraisFormacaoProf.pdf>>. Acesso em: 14 nov. 2012.

ROSA, Maria Virgínia de F. P do C. Investigação qualitativa – caracterização. In: ROSA, Maria Virgínia de F. P do C. **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para validação dos dados**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p.29-68.

_____. **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismo para validação dos dados**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. **Multiculturalismo anti-racista**. Porto: Profedições Lda, 2008.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Epistemologias do sul**. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org). **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SARACENI, Rubens. **Os Arquétipos da umbanda, as hierarquias espirituais dos orixás**. São Paulo: Madras, 2011.

SCIPIONI, Silvia; CORREA, Daura. **Os Orixás e os chacras**. Porto Alegre: Besourobox, 2008.

SPINK, M.J. **O Conhecimento no Cotidiano**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

TERRA NOTÍCIAS. **Livro sobre lendas da Umbanda gera polêmica no Rio**. Disponível em:

<<http://noticias.terra.com.br/educacao/livro-sobre-lendas-da-umbanda-gera-polemica-em-escola-no-rio,891937dabd9ea310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 21 jan. 2014.

ZAGO, Nadir. A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa. IN: ZAGO, Nadir. **Itinerários da pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação**. Rio de Janeiro DP&A, 2003. p.287-308.

Apêndice

Apêndice A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Através deste termo, convidamos o Sr. (a) _____
_____, RG nº _____,
a participar da pesquisa intitulada: "Narrativas dos Caciques de Umbanda em Pelotas/RS: Pedagogia, Arte e Resistência".

O objetivo desta pesquisa é compreender as práticas educativas dentro dos terreiros de umbanda, direcionada à forma como essa tradição lhe foi passada, e de que maneira continua propagando os preceitos umbandistas àqueles que chegam com o intuito de aprender sobre a religião.

Sua participação é de extrema importância para que possamos produzir novos conhecimentos sobre a Umbanda e a sua importância como uma forma também educativa de atuação.

Para que tudo transcorra da melhor forma todas entrevistas serão gravadas e/ou filmadas. Caso em algum momento surgir qualquer possível desconforto a entrevista será imediatamente interrompida e somente será retomada com a sua concordância. As entrevistas serão realizadas por mim, professor Hécio Fernandes Barbosa Junior, nos horários que forem mais adequados a sua participação.

O conteúdo das entrevistas servirá para a produção de uma dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas. As informações coletadas estarão sempre disponíveis para averiguação pelos participantes. Na divulgação dos resultados será preservada a sua identidade mediante o anonimato garantido.

Todos os dados das entrevistas serão armazenados em CD-ROM, ficando sob a guarda do pesquisador e posteriormente serão arquivados no Núcleo de Arte e Linguagem e Subjetividade da Faculdade de Educação na sala 258 da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, por cinco anos e após este período serão incinerados.

Cientes dos objetivos, riscos e benefícios desta pesquisa, abaixo assinam a autorização para a utilização dos dados obtidos, o entrevistador, a orientadora da pesquisa e o entrevistado.

Eu, _____, aceito participar da pesquisa :” Narrativas dos Caciques de Umbanda em Pelotas/RS: Pedagogia, Arte e Resistência e concordo com o que foi exposto acima. Declaro que fui esclarecido quanto a liberdade de retirar meu consentimento e que responderei as questões por livre e espontânea vontade. Este documento será assinado em duas vias , ficando uma em meu poder e outra com o pesquisador.

Pelotas, _____ de 2015.

Participante

Hélcio Fernandes Barbosa Junior
Cel: (53) 84269879
E-mail: helcio_rs@msn.com
Pesquisador

Dr^a Denise Marcos Bussoletti
Cel: (53)91355415
E-mail: denisebussoletti@gmail.com
Orientadora da Pesquisa